



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

JOÃO ZACARIAS DE SOUSA NETO

**TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: INDEPENDÊNCIA DE
LOCOMOÇÃO E A AUTONOMIA DE UM ALUNO CEGO DO CENTRO DE APOIO AO
DEFICIENTE VISUAL- CADV DE MOSSORÓ-RN**

MOSSORÓ-RN
Junho/2016

JOÃO ZACARIAS DE SOUSA NETO

TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: INDEPENDÊNCIA DE LOCOMOÇÃO E A AUTONOMIA DE UM ALUNO CEGO DO CENTRO DE APOIO AO DEFICIENTE VISUAL- CADV DE MOSSORÓ- RN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Linha de Pesquisa de Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Professora Orientadora: Dr^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

MOSSORÓ/RN
Junho/2016

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

Sousa Neto, João Zacarias de
Trabalho de Orientação e Mobilidade: independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro De Apoio ao Deficiente Visual- CADV de Mossoró-RN. / João Zacarias de Sousa Neto.- Mossoró - RN, 2016.

186 p.

Orientador(a): Prof^a.Dr^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Dissertação (Mestrado em Educação.). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Independência e Autonomia. 2. Orientação e Mobilidade - Pessoas Cegas. 3. Educação e Inclusão. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN / BC

CDD 371.9

JOÃO ZACARIAS DE SOUSA NETO

TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: INDEPENDÊNCIA DE LOCOMOÇÃO E A AUTONOMIA DE UM ALUNO CEGO DO CENTRO DE APOIO AO DEFICIENTE VISUAL- CADV DE MOSSORÓ- RN

Projeto Aprovado em: 09/06/2016

BANCA DE AVALIAÇÃO

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Orientadora- UERN/FE/POSEDUC

Prof^ª. Dr^ª. Lia Matos Brito de Albuquerque
Examinadora Externa (Titular) - UECE/ CED/ PPG

Prof^ª. Dr^ª. Normandia de Farias Mesquita Medeiros
Examinadora Interna (Titular) – UERN/FE/POSEDUC

Giovana Carla Cardoso de Amorim
Examinadora Interna (Suplente) - UERN/FE/POSEDU

Prof.^a Dr.^a. Rosa Maria Barros Ribeiro
Examinadora Externa (Suplente) – UECE/ CED/ PPGE

DEDICATÓRIA

Dedico a quantos sujeitos, homens e mulheres, interessados estejam em vivenciar a experiência da inclusão, meio propício, a quem se coloca no lugar do outro, para compreendê-lo, e, se dispõe a ajudar na construção de uma sociedade, menos egoísta e mais justa com todos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus pela beleza da vida, venho em primeiro lugar, louvá-lo por este momento de felicidade.

Agradecer, de maneira especial e emocionado, aos meus queridos pais, José Zacarias de Souza e (in memória) Raimunda Alves de Souza, que sem eles eu não seria capaz de sozinho, perceber os valores da vida. Foram eles os primeiros professores na minha formação humana.

De igual relevância, cito os meus três filhos e esposa: Pedro Vinícius de Sousa, Paulo Vitor de Sousa, José Zacarias de Sousa Neto e Verônica Holanda Rebouças de Sousa, respectivamente. Foram para mim a energia de continuar estudando.

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que acreditou no meu trabalho e me fez acordar para seguir em frente, estudando e crescendo como ser humano. A sua perseverança, zelo e responsabilidade constituem a marca de uma eterna professora, orientadora e amiga que está ao lado das pessoas que sonham e que querem alcançar seus sonhos.

Agradeço aos alunos e alunas do Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró (CADV) pela oportunidade, que me deram, de tornar-se amigo de todos. Agradeço aos que fazem, atualmente, o CADV, na parte docente e funcional de tarefas e até mesmo aos que já passaram por aquela instituição. Pessoas iluminadas a trabalhar com alunos especiais.

Ao aluno Francinildo Rocha, sujeito da pesquisa, e família pelo êxito deste trabalho.

Agradeço à Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN) por me acolher no trabalho de inclusão e por tratar com tamanha atenção, os alunos com deficiência visual, que estão no ensino superior.

Da mesma forma que registro o agradecimento ao Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) pelo zelo e oportunidade.

Finalizo agradecendo a todos os meus amigos e amigas, que, na hora certa, chegaram com palavras de estímulo e ação alentadora.

EPIGRAFE

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz.

Paulo Freire

RESUMO

O trabalho discute **Orientação e Mobilidade** utilizadas pelas pessoas cegas e de baixa visão. Essa temática, vimos tratar nesta dissertação intitulada **Trabalho de Orientação e Mobilidade: Independência de Locomoção e Autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual –CADV de Mossoró**, do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Participa como autor e ator dessa pesquisa, um aluno cego do CADV, que ao vivenciar a orientação e mobilidade, demonstrou ganhos em sua performance de vida, seja familiar e social. Enfatiza algumas estratégias, recursos e equipamentos necessários para assegurar o acesso à inclusão na sociedade e favorecer a aprendizagem do caminhar independente. O objetivo é analisar a independência de locomoção e autonomia de um aluno cego do CADV de Mossoró-RN. Mostra as possibilidades de superação das pessoas com deficiência visual em sua locomoção e vem sugerir novas alternativas para esse fim, levando em conta os fatores vivenciados que os impedem do direito à inclusão com autonomia. Utilizar o método (Auto) Biográfico a fim de que os protagonistas possam narrar as experiências e descobrirem nas suas trajetórias de vida outras maneiras de se incluírem na sociedade. Baseia-se nos estudos, sobre a educação e experiências como princípios de aplicação prática dessa modalidade e a pesquisa qualitativa com entrevistas de profundidade a perceber como as pessoas cegas avançam para a autonomia e independência. A fundamentação teórica está ancorada em Passegi (2003), Freire (1996), Josso (2010), Fellipe (1997), Ferrarotti (2010), Silas (2003), Nóvoa e Finger (2010), Tardif e Lessard (2009), Halbwachs (2004), Pollak (1998), Goffman (1998), Mantoan (2006), e Sasaki (1997), dentre outros. O sujeito da pesquisa reflete nas suas narrativas e descobrirá o jeito mais simples de superar as limitações e de realizar os sonhos. Desse modo as pessoas cegas podem explorar o seu próprio caminho, descobrindo nele as referências e as pistas e sentindo o gosto da liberdade em se locomoverem. Os alunos cegos conseguem, sozinhos, andar pelas ruas, utilizar o transporte coletivo e desempenhar uma vida normal. Apesar disso, observa-se que elas podem trilhar um caminho que os conduza a sua autonomia nos dias de hoje. As suas experiências, o caminhar vivido, as aprendizagens cotidianas, pessoais e profissionais, que fazem surgir a ruptura com o modelo antigo no modo de conviver com as diferenças. O que narra o sujeito da pesquisa: “As pessoas com deficiência visual obtiveram muitas conquistas nos últimos anos, porém, ainda são grandes os desafios que estas pessoas têm de enfrentar numa sociedade a qual ainda não desenvolveu a sensibilidade plena da acessibilidade para as mesmas”. Continuamos na expectativa de poder contribuir, na educação, a fim de que as pessoas com deficiência visual tenham dias melhores e possam desenvolver as suas potencialidades.

Palavras chave: Independência e Autonomia. Orientação e Mobilidade, Pessoas Cegas, Educação e Inclusão.

ABSTRACT

The paper discusses Orientation and Mobility that is used by blind and low vision. This theme, we treat this dissertation entitled Work Orientation and Mobility: Independence Locomotion and autonomy of a blind student of Visual support deficient Center -CADV of Natal, the Graduate Program in Education-POSEDUC, State University Rio Grande do Norte-UERN. Participates as author and actor of this research, a blind student CADV which to experience the orientation and mobility, demonstrated gains in performance of life is family and social. It emphasizes some strategies, resources and equipment necessary to ensure access to inclusion in society and to promote the learning of walking independently. The goal is to analyze the independence movement and autonomy of a blind student at the Centre for Visual Impaired - CADV Mossoro-RN. It shows the possibilities of overcoming the visually impaired in its movement and comes to suggest new alternatives for this purpose taking into account the experienced factors that impede the right to inclusion independently. We will use the method (Auto) Biographical so that the protagonists can narrate the experiences and discover in their life trajectories other ways of including in society. Is based on studies on education and experience as principles of practical application of this method and qualitative research depth interviews to understand how blind people move towards autonomy and independence. Theoretical support is anchored in Passegi (2003), Freire (1996), Josso (2010), Santino (1997), Ferrarotti (2010), Silas (2003), Nóvoa and Finger (2010), Tardif and Lessard (2009) Halbwachs (2004), Pollak (1998), Goffman (1998), Mantoan (2006), and Sasaki (1997), among others. The research subject will reflect in their accounts and find the simplest way to overcome the limitations and realize their dreams. In this way, blind people can explore their own path, finding in it the references and the slopes and feeling the taste of freedom in locomotion. Blind students can, alone, walking the streets, using public transportation and play a normal life. Nevertheless, it is noted that they really can walk a path that leads to its autonomy today. Their experiences, walking lived, everyday learning: personal and professional that give rise to the break with the old model in order to live with differences. What narrates the research subject: "People with visual impairments obtained many achievements in recent years; however, are still major challenges that these people have to face a society which has not yet developed the full sensitivity of the accessibility to the same". We continue hoping to contribute in education, so that people with visual disabilities have better days and they can develop their potential.

Keywords: Independence and autonomy. Orientation and Mobility, the Blind, Education and Inclusion.

LISTA DE SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado
AFIRSE - Associação Francófona Internacional de Pesquisa em Educação
ASMO - Associação de Surdos de Mossoró
CADV - Centro de Apoio ao Deficiente Visual
CAS - Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CREDEV – Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais
CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica
CONSUNI - Conselho Universitário
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DAIN - Diretoria de Políticas de Ações Inclusivas
EANE – Encontro de Acadêmicos com necessidades Especiais
EJA - Educação de Jovens e Adultos
ERNAB – Encontro Regional de Narrativas Auto (Biográficas)
IERC/RN – Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte
LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional
LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais
MEC - Ministério de Educação e Cultura
MEB – Movimento de Educação de Base
PNE- Pessoas com Necessidades Especiais
POSEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGCISH – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas
PPP - Projeto Político Pedagógico do CADV
PSV - Processo Seletivo Vocacionado
RN- Rio Grande do Norte
SEM –Secretaria de Educação do Município
TCC- Trabalho de Conclusão de Curso
UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFERSA- Universidade Federal Rural do Semiárido

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1. (Mãe in memória), Raimunda Alves de Sousa, pai José Zacarias de Sousa - João Zacarias de Sousa Neto.....	33
Foto 2. Ministrando Curso de Orientação e Mobilidade	54
Foto 3. Gloria Maria – Pedro Henrique e Thiago Costa - Aula prática Professor de Orientação e Mobilidade.....	63
Foto 4. Aluno Pedro Henrique (8 anos) – Aula prática de introdução ao uso da bengala longa	70
Foto 5. Francinildo em escala rolante – aula de Orientação e Mobilidade	71
Foto 6. Aluna Gloria Maria de Melo – alunos Pedro Henrique de Freitas e Thiago Costa Silveira Aula prática de introdução ao uso da bengala longa.....	72
Foto 7. Aula de bengala longa com a aluna Mirian Gurgel Praxedes	74
Foto 8. Aula de bengala longa com a turma do curso de extensão DAIN/UERN.....	79
Foto 9. Centro de Apoio ao Deficiente Visual –CADV	80
Foto 10. Mães aprendendo o sistema Braille no Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV.....	80
Foto 11. Professor e aluno em escada rolante	88
Foto 12. Francinildo em sua residência na cidade de Caraúbas-RN	101
Foto 13. Vista parcial da Cidade de Caraúbas - RN	102
Foto 14. Francinildo Rocha 5 anos de idade	105
Foto 15. Francinildo na sala de aula em momento de comemoração junina.....	109

Foto 16. Francinildo Rocha em sua casa em Caraúbas-RN	111
Foto 17. Dona Angelina Julia Conceição da Rocha	113
Foto 18. Francinildo Rocha e sua mãe Angelina Julia, de frente a sua residência na cidade de Caraúbas-RN	119
Foto19. Francinildo Rocha em visita ao CADV ao lado do Professor João Zacarias de Sousa Neto.	120
Foto 20. Francinildo Rocha e o professor de Orientação e Mobilidade.	126
Foto 21. Francinildo caminhando pela rua em que mora – Caraúbas –RN.....	129
Foto 22. Francinildo escrevendo em Braille.....	132
Foto 23. João Zacarias de Sousa Neto e Francinildo Rocha	151

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. República Federativa do Brasil.....	157
Mapa 2. Estados do Nordeste - Brasil.....	157
Mapa 3. Cidade de Mossoró -RN - Brasil.....	158
Mapa 4. Cidade de Caraúbas -RN - Brasil.....	158
Mapa 5. Estado do Rio Grande do Norte - Brasil	159

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: DA REMINISCÊNCIA À MEMÓRIA VOLUNTÁRIA: UM RELATO (AUTO) BIOGRÁFICO PARA A APROXIMAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	30
1.1- A experiência de vida com a diversidade: uma viagem ao passado onde encontro um familiar com deficiência visual.....	31
1.2 - A trajetória profissional como elemento fundamental de transformação de vida e pensamento.	39
1.3 - O Professor de Orientação e Mobilidade no caminho da formação humana e da sua qualificação, na perspectiva de um novo ser.	48
CAPITULO 2: O OBJETO: ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE EM SEU CONTEXTO, SUAS SUBJETIVIDADES E SUAS AÇÕES.....	62
2.1 - Um caminhar com o propósito: autonomia e independência.....	64
2.2 - “Teoria e Ação: O Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV no caminho da Inclusão”	80
2.3 - Deficiência visual: uma barreira superada pela igualdade de direitos	87
CAPÍTULO 3. A TRANSFORMAÇÃO: NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA DE UM ALUNO CEGO DO CENTRO DE APOIO AO DEFICIENTE VISUAL - CADV	96
3.1 - Família: das dúvidas para a compreensão e ajuda do meu caminhar.....	97
3.2 - Orientação e Mobilidade determina a Independência de locomoção e contribui em minha autonomia	120
3.3 – O meu eu: novo ser e outros pensamentos na superação de barreiras.....	133
FRUTOS E SABORES	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
ANEXOS	156

INTRODUÇÃO

Durante a minha vida profissional, pude vivenciar algumas atividades de natureza inclusiva, que me direcionaram para a convivência com a diversidade. Assim aconteceu quando trabalhei com as pessoas da terceira idade, no Abrigo Amantino Câmara, e hoje, com as que têm deficiência visual do Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV).

Foi como professor de Orientação e Mobilidade, que nasceu em mim o despertar para a inclusão e o desejo em pesquisar esse tema, e de imediato surge o questionamento: Como o trabalho de Orientação e Mobilidade contribui na construção da Independência de locomoção e Autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV) de Mossoró-RN? Assim parti para a pesquisa, traçando os objetivos e escolhendo o sujeito da mesma.

O trabalho de Orientação e Mobilidade me foi proposto por um grupo de alunos, cegos, do CADV, no qual estava, exposto, o desafio de atuar como professor dessa modalidade. Para realizar uma tarefa, que muitas vezes, foge à nossa prática de entendimento, é preciso fazer o caminho, com competência, para, de fato, concretizar aquilo buscado.

Ao trabalhar no CADV, constatei que tamanha relevância tinha o trabalho de Orientação e Mobilidade, por tratar-se de Atendimento Educacional Especializado (AEE), para a vida dos alunos, não só daquela instituição, mas para todas as pessoas cegas de um modo geral. Uma vez essa modalidade de ensino¹ ter como objetivo, proporcionar uma autonomia ao sujeito e, particularmente, a sua independência de locomoção.

O CADV² é uma instituição de ensino para a reabilitação de pessoas com deficiência visual, e abriga, sob os cuidados da prefeitura municipal de Mossoró, através da supervisão da Secretaria de Educação do Município (SEM), mais de cem pessoas cadastradas, entre alunos de escola regular e comunitários, da cidade de Mossoró e de outras localidades. Ele está localizado na Praça Dom João Costa, situada na Rua Ferreira Itajubá, no Bairro Santo Antônio. O CADV oferece modalidades específicas para pessoas com deficiência visual, quais sejam: Ensino da usabilidade e das funcionalidades da informática (tecnologia assistiva), ensino e uso do soroban,

¹ Modalidade de Ensino- termo usado, cotidianamente, para diferenciar de disciplina curricular.

² CADV atualmente tem como Diretor e Professor de orientação e mobilidade: João Zacarias de Sousa Neto.

estratégias para enriquecimento curricular, leitor de gráficos (geografia), ensino do sistema Braille, escrita cursiva, atividades da vida autônoma, apoio pedagógico, técnicas de orientação e mobilidade, estratégias para autonomia no ambiente escolar.

O CADV é o lugar, onde convivemos com várias pessoas cegas. Ali elas se reúnem e, além de discutir a tarefa escolar, também partilham as grandes lições da vida, ao mundo em que estão confinadas. Há um diálogo concreto com a sociedade que os cercam. No CADV, eles encontram entre si, as suas dúvidas, angustias, inquietações e diferenças. A pessoa com deficiência visual constrói em si uma cultura autêntica, que se difere por sua especificidade e sua singularidade. Realmente, cada pessoa torna-se sujeito ou não de sua história na medida em que assume as responsabilidades de sua deficiência e busca concretizar, através da aprendizagem, a condição de igualdade. Elas vão se superando na prática do uso do sistema Braille, nas observações das atividades de vida autônoma, na própria orientação mobilidade tudo aliado ao seu interesse e participação com os outros.

Sua autonomia advém da ação positiva, que deve tomar tantas vezes for preciso ao se deparar com esse tipo de enlace. Em considerando a educação, nós vemos que as propostas educacionais, aquelas que olham os alunos de forma homogênea, refletem as marcas do modelo de uma educação voltada apenas para um grupo de pessoas. Isso não atende os direitos da pessoa com Deficiência Visual, o que se torna para elas o medo, o estranho e o diferente. É como acabar o sonho de crescente à desesperança por acharem que não são capazes de acompanhar o ritmo de aprendizagem.

Antes de agir como professor de OM, eu tive que entender como era lidar dia a dia com pessoas que tinham tamanha limitação física, e que precisavam de outro olhar. Segundo José Spínola Veiga³ “ser cego é ser principalmente o que ninguém imagina que o cego possa ser”. Eu precisava compreender essa afirmação dita por uma pessoa cega, aquele que vive na pele as consequências da sua deficiência. Como sugere o escritor cubano Jose Marti “o melhor modo de dizer é fazer”. Assim afirmo que trabalhar com cegos é fazer parte da sua vida, da sua confiança; é cativar e ser cativado numa reciprocidade de sujeitos. Acima de tudo o professor tem de se colocar no lugar do aluno, sentindo as suas sensações e necessidades. Não basta só o contato físico pessoal, o emocional age na altura que a sensibilidade exige.

^{3 3} Escritor autor do livro o que é ser cego (1983) contraiu varíola antes dos dois e ficou totalmente cego.

Assim, iniciamos o trabalho com muito diálogo, orientações e aulas práticas. Na condição de graduado em Educação Física, pude perceber nessas pessoas, uma possibilidade ímpar de trabalhar os seus corpos, através de atividades físicas, uma vez observar, neles, a capacidade motora que favorecia tais atividades. Analisando as limitações dos seus movimentos, motivados pela inércia de atividades, por falta da visão física, buscamos, nos conhecimentos da licenciatura, as ações, específicas, para atingir o nosso objetivo. A metodologia utilizada tem o foco na individualidade do aluno. Primeiro, uma aproximação com o sujeito, nas histórias de vida que cada um traz. Depois a interatividade de entendimentos nas orientações passadas.

Entendemos que a vida da pessoa cega é marcada por inúmeros episódios do seu dia a dia, ou seja, pela sua limitação, toda a ação realizada requer um esforço em quebrar barreiras, o que a coloca em um movimento, constante, de altos e baixos, lhe oferecendo, ora sucesso; ora grandes entraves, ou até mesmo a derrota do isolamento. Ao contrário do vidente, que tem a informação imediata através da luz dos olhos. E, apesar desses entraves, refletir sobre o viver de uma pessoa com deficiência visual, em alto grau, é reconhecer um arcabouço de possibilidades que a mesma pode vislumbrar, tão logo seja trabalhada, e, conseqüentemente explorar suas competências para descobrir o novo de suas ações.

Na perspectiva de compreender e de como lidar com essas pessoas, procuraremos com a história de vida, do sujeito desta pesquisa, ver as multidimensões, que formam as interfaces do cego. Pois não há maior encontro senão com nós mesmos.

A realização do estudo justifica-se por perceber que para as pessoas cegas faz-se necessário um olhar diferenciado, na acessibilidade e nos modos operacionais da prática do ensino. Não só pelos direitos adquiridos, mas pela própria condição e compreensão humana, devemos nos colocar no lugar das pessoas com deficiência para sentir a necessidade desse novo olhar, as inúmeras situações de deficiência nos pedir procedimentos, cooperativos na realização de uma tarefa. É o caso de uma pessoa cega que precisa atravessar a rua movimentada e não conseguiria sem uma prévia orientação e ajuda. Elas com a orientação e mobilidade são passivas de uma transformação na vida, uma vez se tornarem livres na locomoção, e instigadas a conhecerem outras instancias da sociedade. Elas são partes da diferença e a sociedade tende pela pesquisa, constante, mostrar que é possível encontrar soluções para os problemas plurais, que são as dimensões desse mundo. Acreditamos que as vozes se convergirão quando do diálogo com as diferenças.

O resultado⁴ que vi no trabalho voltado para essas pessoas foi uma força propulsora a desenvolver o programa de OM. Entendendo a sua relevância social, procuramos o Centro de Apoio ao Deficiente Visual, local onde os alunos exercem cada dia, um pouco de suas obrigações: exercitam as técnicas de bengala longa, praticam a escrita cursiva, praticam o sistema de leitura e escrita em Braille, utilizam a tecnologia assistiva, em programa de computador etc. Assim, queremos expandir essa ação aos quatro cantos dos espaços sociais e escolares. Percebemos que há pertinência no propósito de se trabalhar tal modalidade, uma vez esse trabalho despertará em cada pessoa com deficiência visual, onde estiver, a esperança de viver com independência e autonomia nos seus afazeres.

As pessoas com deficiência visual, que chegam ao CADV, normalmente vindas de escolas ou vindas da comunidade, são aquelas esperançosas por uma condição de vida melhor. Entre homens e mulheres, crianças e adultos está uma parcela da sociedade capaz de construir suas histórias de vida, suas biografias tendo como ponto inicial as experiências do seu cotidiano. Com essas pessoas comungam seu processo vital, seu percurso de poder existir e viver. Suas descobertas são aportes às suas ações; sem limites eles redescobrem genuinamente a maneira de ser, viver e agir. O que são capazes de fazer vem da sua audácia em praticar uma tarefa cotidiana. Sua essência encontra-se impregnada na vida de cada um; modo de sentir, agir e desejo do novo.

Todavia, pensando sobre o cenário social e cultural dessas pessoas é perceptível que cada vez mais, renegados são os sujeitos, que constroem um novo modo de viver. São terminologias utilizadas a nomear a pessoa com deficiência visual: os ceguinhos, inválidos, incapazes etc. Ao contrário eles são sujeitos dotados de destino, que têm nomes, rostos, corpos, sentimentos, especificidade, que podem ensinar e aprender.

Intervir em uma ação que contemple e referencie sua especificidade, oportunizando-o resgatar a historicidade do mundo da cegueira, do sujeito concreto, cooperando à igualdade e legitimando a inclusão do cego no espaço global, em que vivemos, é algo relevante se buscamos concretizar a tão almejada transformação dos cidadãos desse mundo.

Diante da realidade exposta e da certeza de fazer o estudo, traçamos os objetivos tendo o principal, analisar a independência de locomoção e autonomia, de um aluno cego do Centro de

⁴ Alunos se deslocando, sozinhos, para o trabalho, para a escola e utilizando o transporte coletivo.

Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró –RN, a partir do trabalho de orientação e mobilidade. E para responder os pontos subjacentes de todo o contexto da pesquisa, elencamos três objetivos específicos quais sejam: identificar as experiências, pessoal e profissional, a formação do professor de orientação e mobilidade; apresentar o trabalho de orientação e mobilidade, realizado pelo CADV de Mossoró-RN, na perspectiva da independência de locomoção e autonomia de alunos cegos e analisar as narrativas de um aluno, cego, do Centro de Apoio ao deficiente Visual – CADV de Mossoró – RN, a partir do trabalho de orientação e mobilidade.

Na história das sociedades, o ser humano aparece como aquele capaz de transformar o seu ambiente, relações com o mundo e pessoas, através de suas ações. Para tanto, ele utiliza a pesquisa e o seu estudo como ferramenta de mudança e aguça o desejo da busca e da descoberta, em tempo contínuo.

Em que pese esta afirmativa, poderemos entender que a maneira ou os métodos utilizados para esse estudo não vão se limitar apenas as aplicações das técnicas de pesquisa. É certo que contaremos com os instrumentos da observação e da entrevista. Contudo prezaremos por um fazer mais prático, onde haja espaço para a reflexão, e que ela esteja presente, não só no início, mas em todos os momentos e caminhos da realização do mesmo.

O local da pesquisa é o Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV, onde mantenho contato com pessoas cegas há dez anos. Escolhemos o Centro de Apoio ao Deficiente Visual, por ser uma instituição que trabalha especificamente com pessoas que tem deficiência visual. O CADV oferece modalidades específicas como o Braille, Soroban e a própria orientação e mobilidade. A razão dessa escolha deu-se pelo fato de trabalhar nesse local, como professor.

O nosso estudo terá como atores e autores sociais, um aluno cego que é o sujeito da pesquisa. A razão da escolha justifica-se por este, aluno, pertencer ao CADV, há mais de dez anos e ter se superado em diversos aspectos da sua vida. Utilizaremos seu nome verdadeiro, uma vez ter autorizado, por escrito, a fim de enriquecer a pesquisa. O aluno com deficiência visual, cegueira total, causada pela má formação congênita, tem 28 anos de idade e tem nome de registro de nascimento apenas Francinildo Rocha. Natural da cidade de Caraúbas-RN. Hoje tem sua vida resolvida, ou seja, trabalha e estuda sem que a dúvida lhe passe pela cabeça, do que venha ou tenha a fazer. Trabalha atualmente em uma emissora de rádio e já concluiu o ensino médio. Por

opção, de momento, espera a hora certa de tentar o curso superior. João Zacarias de Sousa Neto, atual professor de OM, narrará sua aproximação com o objeto de estudo e o sujeito da pesquisa.

A pesquisa é de caráter qualitativo, utiliza-se o método (auto) biográfico, com sessões (auto) biográficas, registros fotográficos e anotações. A partir dessa metodologia e instrumentos metodológicos, o professor de Orientação e Mobilidade e seu aluno cego narrarão suas experiências de vida e formação, abordando a infância e fases da vida, inserindo sua vivência no campo da inclusão.

Diferentes maneiras de conceber e lidar com o mundo geram formas distintas de perceber e interpretar significados e sentidos do objeto pesquisado, que não se opõem nem se contradizem. Apesar das restrições quanto à sua aplicação por parte de pesquisadores acostumados ao uso exclusivo de métodos quantitativos, baseados em pressupostos positivistas, os estudos qualitativos têm hoje lugar assegurado como forma viável e promissora de investigação. As diferenças entre os dois métodos devem ser empregadas pelo pesquisador em benefício do estudo, isto é, a seu favor; nessa medida, combinar métodos distintos pode contribuir para o enriquecimento da análise. Considerando esta perspectiva, optamos por uma abordagem qualitativa de pesquisa. Sabemos que são diversas as formas de avançar no conhecimento de um fenômeno: pela sua descrição, pela medição, pela busca de nexos causais entre seus condicionantes, pela análise de contexto, pela distinção entre forma manifesta e essência, pela indicação das funções de seus componentes, pela visão de sua estrutura, pela comparação de estados alterados de sua essência, dentre outras.

A realização deste trabalho se dá no aprendizado com o outro, e refazer este caminho quando o estudo permitir. Não temos respostas prontas, mas com seriedade, e sem pautar, apenas em quantidade, tentaremos compreender o contexto e o que mais possamos acrescentar.

Para conhecer e refletir sobre as histórias, os saberes, as experiências e os fazeres das pessoas com deficiência visual do CADV e poder, posteriormente, compreender a nossa ação pesquisadora, utilizaremos como recurso metodológico a história oral dentro do método auto (biográfico), com a certeza de que as entrevistas de histórias de vidas das pessoas cegas constituirão pontos nodais no processo de interpretação e interação entre o pesquisador e os pesquisados.

Compreendo que é por meio da história contada pelo sujeito da pesquisa, que nasce uma relação social entre ele que narra e o pesquisador. Assim surgem as recordações anteriores, que estavam nos arquivos da memória. Acredito ainda que saber narrar é viver o seu interior e passar para quem ouve, pois quando se conta história, a experiência é explicitada a ponto de transformar o próprio narrador e levar o pesquisador ao interior da vida humana.

Como propõe Halbwachs (2004) quero crer na memória apoiada ao passado vivido. A história dos deficientes visuais não dissocia do contexto atual. Os alunos que apresentam a deficiência visual ao falarem sobre suas experiências, suas trajetórias, sobre sua história de vida e sobre sua biografia, narrarão sentimentos, sua forma e maneira de ser, um campo semântico de saberes, enfim explicitará o seu ser, sua essência e seu viver.

Utilizaremos como técnica de coleta de informações as entrevistas, com as quais podemos colher outros dados para questionamentos. Acrescentamos que pretendemos fazer uma pesquisa de narrativas autobiográficas, onde os sujeitos protagonistas, se encontram mergulhados e são objeto real do estudo em foco.

Portanto, este estudo ancora-se na mais profunda e terna experiência de quem já viveu e vive a escuridão da vista, no mundo moderno. Fundamentamo-nos nas histórias de vida dos sujeitos estudados, conhecendo sua formação e seu processo formativo. A fundamentação teórica ancora Josso (2010) em Experiências de vida e Formação quando a autora faz uma abordagem de formação baseada na descoberta e na valorização da singularidade de cada sujeito. Ela mostra a formação experiencial como um dos conceitos chave das Histórias de Vida em Formação, como também destaca a importância da narrativa neste percurso, pois esta narrativa possibilita explicitar a singularidade e perceber a perspectiva do processo da formação do sujeito e da vida articulando todos os espaços e percebendo o tempo e as diferentes dimensões de cada um e de nós mesmos, ora buscando a felicidade de saber viver com sabedoria.

Queremos com esse trabalho, reorganizar o pensamento e o repensar a formação dos sujeitos, que buscam a transformação de vida. As suas experiências, o caminhar vivido, as aprendizagens cotidianas: pessoais e profissionais fazem surgir a ruptura com o modelo antigo no modo de conviver com as diferenças. Continuamos na expectativa de poder contribuir, na educação, a fim de que as pessoas com deficiência visual tenham dias melhores e possam desenvolver as suas potencialidades. Será na OM que verificaremos o quanto essa prática vai

responder a essas questões, uma vez no campo da educação nacional, haver relevância social com a promulgação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996: nos artigos 58, 59 e 60, que se defende, a garantia de direitos em que as pessoas com necessidades especiais possam frequentar as instituições de ensino regular e, que estas tenham estrutura para atender às suas necessidades.

Desconsiderar as especificidades dos alunos com deficiência visual é fortalecer a exclusão, é abjurar um mundo próprio do deficiente. Assim entendemos que a modalidade de OM traz, em seu bojo, de conhecimentos, a realidade das pessoas cegas e vem contribuir com o seu treinamento, na consolidação do direito princípio fundamental do cidadão garantida pela Constituição Federal: Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;

Nesse artigo, estabelece o que se convencionou a chamar de direito de ir e vir de todos os cidadãos brasileiros. Ou seja, qualquer pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida, tem o direito de acessibilidade a qualquer lugar.

A sociedade tem como característica, em sua composição, pessoas das mais variadas diferenças, sejam elas étnicas, religiosas, ideológicas, políticas. Uma das parcelas de pessoas que se encontram nessa diversidade social são as pessoas com deficiência visual. Diante desse contexto, muito se tem somado esforços na perspectiva da inclusão dessas pessoas. A educação é uma das áreas mais propícias para se trabalhar essa perspectiva, conferindo uma formação não somente para a pessoa com deficiência como da conscientização das demais pessoas da sociedade sobre a importância desse tema.

Para uma ação inclusiva é necessário que se faça, de fato, um caminho pelo qual se tenha prioridade no quesito acessibilidade, de maneira que todas as pessoas, que necessitam da educação, possam se sentir bem acolhido, gozando de um mínimo de condições para interagir com espaço em que se encontra.

Em se tratando de se fazer respeitar seus direitos e desenvolver suas destrezas, a transição independente é alcançada pela aquisição das técnicas de noções de espaço como de referências de espaço e do uso da bengala, que devem ser aprendidas e aperfeiçoadas de forma individual e paulatina. Deste modo, se dá o princípio do processo de autonomia da pessoa cega, e a sua inclusão na sociedade.

Devemos convir que a inclusão passe eminentemente por atitudes transformadoras, pensadas, refletidas e que só através das ações de cada um, se possa garantir os direitos coletivos. A educação inclusiva e Orientação e Mobilidade estão unificadas no mesmo propósito. Para tanto, é preciso compreendermos como se dar o trabalho de orientação e mobilidade realizado nas vidas dessas pessoas.

Entendemos que o trabalho de Orientação e Mobilidade é fundamental para o desenvolvimento da autonomia, independência de locomoção e ainda a autoconfiança. Para o deficiente visual, o sentido de orientação significa a capacidade de ele perceber sua localização em relação ao ambiente, por outro lado a mobilidade é a sua capacidade de locomoção ou de deslocamento entre dois pontos.

Uma das necessidades, de fundamental importância, para as pessoas cegas é se locomover em vários locais, tendo condições de poder atravessar a rua, ir a um determinado ponto, andar com desenvoltura em casa e em outras repartições etc. Para que essas pessoas tenham essas condições, é necessário que se tenha esse trabalho. Contudo, o professor deve estar ciente de que o aluno chamado de “normal” sai de uma situação em que faz as tarefas, sozinho, e, quando entra na escola, continua fazendo sozinho. No caso do deficiente visual a presença de alguém é muito importante, pois essa pessoa estará sempre atenta, em suas ações, para mediar às descobertas e, especificamente, no caso da criança cega, poder ajudá-la durante as explorações.

A nossa experiência em Orientação e Mobilidade no CADV, tem mostrado que através dessa modalidade foi possível colocar no seio da sociedade, alguns deles, que antes estavam apenas de uma maneira passiva, inseridas no contexto sem se darem conta de que poderiam viver, normalmente, como as demais pessoas. Uma vez trabalhando a modalidade, percebemos que elas puderam explorar o seu próprio caminho, descobrindo nele pistas e sentindo o gosto da liberdade em se mobilizar. Ocuparam seus lugares, pois a sua independência em locomover-se facilitou galgar espaço no mercado de trabalho, a ida para a escola e setores, outros, da vida social.

Constatamos que através desse movimento, a autoestima, dessas pessoas, ficou bem mais elevada, lhes proporcionando, o desejo de sociabilidade; como foi dito antes, essas pessoas estavam apenas inseridas no contexto social.

A fim de que uma pessoa cega possa realizar um movimento com estabilidade e segurança será necessário que haja uma orientação apropriada para o relacionamento com o espaço de sua ação. Somente quando isto for alcançado, a mobilidade poderá acontecer de forma eficiente.

As pessoas que antes da OM estavam dependentes do guia vidente para a sua locomoção, agora já se locomovem sozinhas e traçam seus próprios percursos. Verificamos, também, que as pessoas sem esse exercício, tinham a coordenação motora comprometida, não tinham autonomia e quase não havia comunicação com os demais membros da comunidade.

Foi praticando no dia a dia que os levamos a compreender, partindo das mesmas, o desejo de ser independente na locomoção. Elas precisam se deslocar de um lugar para outro e não é necessário depender de alguém para esse fim. E foi corpo a corpo, nas aulas de campo que saímos com essas pessoas a explorar caminhos, que as levassem a seus objetivos. Sempre auxiliadas com a bengala branca, indispensável para atingir o objetivo, elas buscavam manuseá-la de forma correta, obedecendo às técnicas de bengala, que lhes fora por nós orientados.

Desse modo as pessoas puderam explorar o seu próprio caminho, descobrindo nele as referências, as pistas e sentindo o gosto da liberdade em conhecer novos espaços. Repetidas vezes fizemos o percurso até uma praça pública, onde ali se localizava uma parada de ônibus. Era esse o primeiro objetivo. Após vencer essa etapa de forma orientada, agora já se via o sujeito dentro da OM, buscando o segundo passo, que era utilizar o transporte coletivo, de maneira independente. Constatamos que após semanas de orientação e aulas práticas, no interior do ônibus, ele já adquirira sua autonomia por completo nesse objetivo traçado.

É explicável, pois, ver o deficiente visual trafegando sozinho pelas ruas, se dirigindo e pegando o transporte coletivo de maneira livre, para resolver a sua vida. Na prática dessa modalidade, percebemos os efeitos eficazes de um trabalho tão somente voltado para a melhoria de vida da pessoa com deficiência visual e, conseqüentemente, a sua inclusão na sociedade.

No Centro de Apoio ao Deficiente Visual, vários deficientes se confundem pelas suas especificidades e pelos seus motivos que lhes levaram à cegueira. Desse modo, verificamos que essa modalidade não se aplica de modo generalizado, sem observar os limites e ritmo de cada um. É na sua vivência que vão se descortinando os horizontes e cada um deles, por si, vai descobrindo o que é ser independente. Cada um deles participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade: todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias, tudo é posto em funcionamento no cotidiano.

Acreditamos que no instante da sua inserção no cotidiano social, começa a vivência de uma fase nova de sua vida, a se descobrir como sujeito capaz de buscar a cidadania. Por conseguinte, essa pessoa realiza atividades rotineiras, estando dentro dos padrões da sociedade. Ao se ter a autonomia de ir à escola, sozinha, ao tomar o transporte coletivo, sozinha, ao adentrar em uma agência bancária, sozinha e transitar livremente nas ruas, a deficiência visual, que antes lhes trazia as limitações de isolamento e dependência, agora ela é simples obstáculo, ultrapassado graças a esse treinamento.

Essa constatação é ratificada quando ouvimos dessas pessoas, narrativas de êxito pessoal. É inegável que um caminho para a cidadania passa pela presença e participação, ativa, do sujeito, que incluído no processo social, tem voz e igualdade de seus direitos. No entanto, esse direito só será respeitado no instante em que ele, agente de transformação e protagonista consegue manter-se em sua autonomia de reivindicá-los. A OM favorece esse caminho uma vez a independência pessoal ser fator preponderante para se viver dignamente.

Portanto, a pessoa com deficiência visual que consegue assimilar os propósitos da aula, e mais do que isso, a pratica, fica apto a realizar sua locomoção como as demais pessoas e desfrutar os direitos da cidadania plena.

É ponto de justificativa do estudo perceber que as dimensões do mundo dos cegos são plurais. Muitas pessoas acreditam que as histórias e as experiências das pessoas cegas em nada contribuem ao desenvolvimento humano e também social. Consideramos, bem ao contrário, que a pessoa com deficiência visual é um sujeito com saberes próprios que não estão escritos em livros, mas nas memórias, nas marcas de sua trajetória que se produzem e se reconstruem

cotidianamente. Assim, a orientação e mobilidade contribuirá com inúmeros benefícios para esse grupo, e para a sociedade como um todo, uma vez a pesquisa migrar a outros espaços.

Outro ponto que, também, contribuiu para estudar a temática diz respeito à nossa experiência de professor de Orientação e Mobilidade do Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV), em Mossoró-RN. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”. Larrosa explicita “ a experiência é o que nos passa, não o que acontece ou o que toca”. E com nossa experiência temos a condição de afirmar que conhecemos os meandros das atividades físicas, que possibilitam transformar as pessoas e dar sentido a sua verdadeira identidade. No exercício dessa tarefa, caminhando pela subjetividade e concretude do amor, deparamos com esses sujeitos tão singulares quanto cativantes.

É pela experiência na área da educação especial, que afirmo: o trabalho de Orientação e Mobilidade, modal, está para o desenvolvimento e formação do novo ser com deficiência visual. O projeto tem sua valia por acrescentar discussões na área educacional a respeito da educação especial e inclusiva. Ele traz pontos que poderão dar contribuição na vida cotidiana daqueles que não têm a visão.

Foi trilhando na produção teórica e acadêmica, que constatei, a existência de tese, no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), acerca de Orientação e Mobilidade. Encontrei diversos trabalhos entre eles três teses de Doutorados.

Dentre as produções mais relevantes, uma focaliza o meu objeto de estudo e outros referentes ao trabalho de OM. A decisão de detalhar os trabalhos decorre da conexão com o objeto de estudo. A tese Orientação e Mobilidade: *Estudo sobre equilíbrio e estratégias de orientação e locomoção utilizadas pelo professor*. Este estudo teve o propósito de comparar o equilíbrio de crianças cegas e com baixa visão, por meio da oscilação do centro de pressão (CP), e identificar, descrever e analisar as estratégias utilizadas pelo professor que auxiliam ou dificultam o processo de orientação e locomoção, nos diferentes ambientes escolares.

Constatei que nenhuma monografia (graduação e especialização da UERN), dissertação ou tese (Banco de Teses do CNPQ), buscou-se estudar a Orientação e Mobilidade como caminho

para a independência e autonomia da pessoa cega, tendo como base a pesquisa (auto) biográfica, assim escrito como determina a CIPA, cuja proposta permite que o sujeito, ao narrar, obtenha auto formação, como propõe Pineau (2010). Além do trabalho com OM, no CADV, realizei visita ao Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte - IERC/RN - situado à Rua Fonseca e Silva, 1113, no bairro do Alecrim, Natal, com o intuito de obter informações relativas à exequibilidade da pesquisa na UERN. Em conversa, o Diretor Marcos Antônio da Silva, revelou que nenhum trabalho, fora o prático daquela instituição, fora registrado a título de seus conhecimentos.

Uma vez que a exploração do referido tema ainda se apresenta timidamente em artigos e, ou, trabalhos voltados a fins acadêmicos; é mediante a sua relevância para o coletivo das pessoas com deficiência visual, que se faz necessário avultá-lo no interior da sociedade para que consigamos uma grande rede de interlocutores e corresponsáveis para alcançarmos o esperado. Com essa expansão as pessoas com deficiência visual, viverão outras perspectivas no caminhar; para a pesquisa em nossa Universidade haverá uma abertura de novos horizontes, na área da deficiência visual e para o Centro de Apoio ao Deficiente Visual, que terá o seu trabalho reconhecido.

Para nortear este estudo de pesquisa, irei apresentar uma geral dos três capítulos que fazem o corpo da dissertação, a fim de mostrar pontos relevantes, os quais nos encaminharão para o problema principal que é: Como o trabalho de Orientação e Mobilidade contribui na construção da Independência de locomoção e Autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual- CADV de Mossoró- RN? Dimensionarei as contribuições explicitando: a dimensão pessoal, na perspectiva de uma formação humana no olhar para a diversidade; a dimensão profissional, com o intuito de provocar reflexões acerca de Orientação e Mobilidade e a dimensão social para atender também a coletividade, a comunidade de cegos. Além do mais, favorecer outras discussões e possibilidades para a concretização da inclusão das pessoas com deficiência visual.

Ao iniciar, farei um breve preâmbulo de alguns motivos e aproximações que me levaram ao encontro do objeto de pesquisa. O interesse pelo tema da inclusão nasceu em mim, de uma maneira mais forte e decisiva, quando pude vivenciar experiências, nesse sentido, no ano de 2006 quando fui para o CADV, trabalhar com as pessoas cegas e de baixa visão.

Essa época foi marcada por algumas dúvidas, incertezas e o receio no início da relação com os sujeitos, que compunham essa parcela da diversidade. Eu precisava saber um pouco desse mundo, suas relações com as outras pessoas e o grau de limitação que os colocava em desafios, constantes com o cotidiano. Era comum ver as pessoas fazer análise e tirar conclusões sobre a vida e costumes dos mesmos. Contudo, as superações mostravam outra realidade a ser trabalhada e melhor compreendida. Esses sujeitos nos apresentam em suas trajetórias de vida, um arcabouço de possibilidades para as aprendizagens. E, nesse caminhar alguns questionamentos foram nascendo, e o anseio de investigar sobre a orientação e mobilidade foi aflorando, cada vez mais, e me projetava saber o que era preciso fazer para se tornar um facilitador das ações cognitivas e motores das pessoas com deficiência visual.

A disposição dos capítulos seguirá esta sequência: no primeiro capítulo: **Da reminiscência à memória voluntária: um relato (auto) biográfico para a aproximação com o objeto de estudo**, estarei me encontrando, a partir das narrativas de contar as experiências de vida, com enfoque na formação e no relato dos laços estreitos construídos entre minha história de vida e o despertar para a inclusão das pessoas com deficiência. Apresentando como aconteceu o meu encontro com a inclusão é o que pretendo nesse capítulo.

No primeiro tópico “A experiência de vida com a diversidade: uma viagem ao passado em caso familiar”, lembrarei o fato acontecido durante a adolescência, que foi o meu encontro com a prática inclusiva, pois convivi, pela primeira vez com uma pessoa que tinha deficiência visual e, como a partir dessa memória, aprendi a ver de maneira diferente as pessoas com deficiência. Começava, assim, os meus primeiros passos rumo a inclusão.

No segundo tópico, “A trajetória profissional como elemento fundamental de transformação de vida e pensamentos”. É a continuação da narrativa de minha história de vida. Nesse tópico, revelo alguns contatos, as minhas andanças pelo campo profissional, em várias funções, e as aproximações e situações vividas com pessoas com necessidades especiais, que foram determinantes para a minha formação com essência inclusiva e com o olhar sensível ao outro.

O professor de Orientação e Mobilidade no caminho da formação humana e a sua qualificação na perspectiva de um novo ser será terceiro tópico, no qual demarquei o momento determinante de convívio na prática docente com as pessoas cegas. O foco das discussões girou

sobre os seguintes aspectos: primeiro contato, a profissão e o professor qualificado para o trabalho.

Na perspectiva de relacionar este relato de minha vida, sua aproximação com o objeto de estudo e com as pesquisas suscitadas pelos teóricos, o Segundo Capítulo vem com a proposta de passear: **O objeto: Orientação e Mobilidade: o seu contexto, suas subjetividades e suas ações.** Este capítulo foi conduzido pelo desejo de fomentar a discussão teórica acerca de OM, da inclusão, cegueira e (auto) biografia. Além disso, procurei identificar os debates, que estão sendo travados na luta pelos direitos da inclusão e relacionarei essas ideias com a realidade da universidade.

Pretendo discutir, no primeiro tópico: “Um caminhar com o propósito: autonomia e independência”, a definição da Orientação e Mobilidade, enfatizar os desafios e o trabalho na prática dessa modalidade. No segundo momento abordarei: “Teoria e Ação: O Centro de Apoio ao Deficiente Visual –CADV- no caminho da Inclusão”, que propõe mostrar o trabalho que é feito nessa instituição para receber as pessoas com deficiência. Nesse tópico, discutirei as fases do paradigma inclusão, a diferença entre integração e inclusão, alguns requisitos necessários à inclusão e ao atendimento das necessidades dos sujeitos com deficiência.

No terceiro tópico: “Deficiência visual: uma barreira a ser superada na igualdade de direitos”, destacarei os seguintes aspectos: alguns nomes conceituados para a educação dos cegos ao longo da história; Leis e Decretos brasileiros voltados para a educação especial; as condições para o cego desenvolver-se na instituição escolar e na sociedade, de modo geral.

No terceiro capítulo **A transformação: narrativa (auto) Biográfica de aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró-CADV-** protagonista da pesquisa, apresentarei a narrativa (Auto) biográfica, desse aluno, relacionada com as ideias defendidas pelos teóricos. Este capítulo tem como primeiro tópico: Família: das dúvidas para a compreensão e ajuda do meu caminhar, no qual narrará a sua trajetória de vida com enfoque nos seguintes aspectos: como minha família entendia a educação inclusiva, o ensino para a pessoa cega, as dificuldades na escola regular e o tempo de seu estudo.

O tópico seguinte, Orientação e Mobilidade determina a Independência de locomoção e contribui em minha autonomia. Aqui ele mostra o seu ingresso no CADV e o seu encontro com

a modalidade. Apresenta as estratégias metodológicas adotadas e relação estabelecida entre o professor de orientação e mobilidade e alunos cegos. Ainda, identifica os obstáculos e as possibilidades de superação.

No terceiro momento O meu eu: novo ser, e outros pensamentos na superação de barreiras, onde o aluno passará em suas narrativas mostrando a sua transformação de vida e abordando os benefícios da modalidade na construção de seu eu, e na sua independência de locomoção.

Nas considerações finais, farei reflexões acerca da presente situação da relação professor/aluno cego, e enfocarei alguns aspectos da experiência do uso do método (Auto) biográfico e suas repercussões na formação do sujeito. Além disso irei ressaltar o pensar e o redesenhar da formação humana, suas práticas marcadas pelo doce e o amargo advindos do ensinar (professor) e caminhar independente (aluno).

Nesta dissertação, anseio gerar novos pensares quanto à inclusão e, a partir do método (auto) biográfico, possibilitar auto formação para os envolvidos nesta pesquisa: professor, aluno, família de aluno e pesquisadores. Desejamos propor, portanto, aos profissionais o exercício de olhar para si e, assim, encontrar outros caminhos para sua prática formativa.

Espero que mediante a conclusão da pesquisa, novos estudos soem e migrem em todos os segmentos da sociedade, trazendo contribuições suscetíveis de transformações, na vida das pessoas com deficiência visual, sujeito e dono do seu destino.

CAPÍTULO 1: DA REMINISCÊNCIA À MEMÓRIA VOLUNTÁRIA: UM RELATO (AUTO) BIOGRÁFICO PARA A APROXIMAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Todos nós estamos fadados ao que chamamos lei do esquecimento e vivemos com este uma luta constante. Precisamos combatê-lo e ao mesmo tempo conviver com ele. Talvez por esta razão a questão do tempo e da memória não tenha sido objeto de estudo desde há muitos anos. Hoje, trago a vaga lembrança ou momentos fortes de uma recordação, que denomino de reminiscência e explico o desejo (memória voluntária) de recordar cenas de um passado, não muito distante, e que o mantenho na narrativa de vida. É com a finalidade de perfazer estes caminhos, sinalizados por pesquisadores, que buscam no método auto (biográfico) o caminho de descobrirem suas inquietações, e reescreverem a história humana, que proponho nesta narrativa, breves considerações acerca da minha história de vida rebuscada pela memória. Neste momento, desejo me encontrar com o objeto de estudo.

É de extrema importância a construção deste primeiro capítulo, pois estou mergulhado, neste processo, narrando fatos, que ocorreram na minha vida e que me transformaram em pesquisador do tema. Reputo, pois o diálogo com a memória, nessa abordagem auto (Biográfica), é necessária para a sua compreensão. Essa abordagem, embora recente na área das ciências da educação, é uma realidade metodológica, que foi amplamente empregada nos anos 1920 e 1930, sobretudo, pelos sociólogos da Escola de Chicago, motivados pela busca de alternativas à sociologia positivista. Porém, é por volta dos anos 1980, que o método passa a ser novamente utilizado no campo da sociologia, dando ensejo a muitas discussões, sobretudo quanto aos procedimentos e aspectos epistemológicos da abordagem.

O sociólogo Franco Ferrarotti tem se destacado nessas questões, razão pela qual se faz aqui uso recorrente de suas análises, especialmente aquelas apresentadas no artigo "Sobre a autonomia do método biográfico" (1988), observa que a aplicação do método biográfico desencadeou importantes embates teóricos no decurso de sua evolução, numa luta contínua pelo reconhecimento de seu estatuto científico enquanto método autônomo de investigação.

Ao longo dos anos em que até hoje comemoro, repetidas datas de aniversário, já caminhei por várias estradas, e, entre obstáculos vivenciei inúmeras situações, onde na inocência da idade me deparei com a diversidade. Conheci pessoas com limitações, tais, que me fizeram posterior, refletir e repensar a melhor prática de viver a vida. Com isso acredito ter mudado à

minha maneira de pensar em relação as pessoas que tem deficiência. E foi pela convivência com esses sujeitos que agora sei o quanto ocorreu em mim um novo olhar. A inclusão faz parte, a cada dia, da nossa missão de respeitar os outros com ou sem deficiência.

Tenho na felicidade, que hoje revelo, a vontade de abordar essa temática em larga dimensão e alcance, porque faz parte do meu trabalho profissional. O que narro são fases de vida nas quais preciso pontuar as alegrias, as tristezas; expor sempre as minhas emoções diante dos diversos encontros e amizades, feitas com pessoas com deficiência visual. Elas me fizeram aprender mais e mais e me proporcionaram momentos de reflexão ao vê-las superando os problemas, obstáculos e dificuldades da vida, mesmo com suas limitações.

Não tenho dúvidas da importância que tiveram os meus pais nessa minha formação. A família foi o lugar embrionário do meu caráter e só tenho crescido, amadurecido em experiências e mudanças constantes do meu eu. O que identifico como diferente de mim é o outro sujeito, que ao meu lado, faz parte de uma sociedade plural. Tenho procurado contribuir, com o meu aprendizado e ações, a buscar uma sociedade que seja inclusiva, justa e de igual oportunidade para todos. Sem, contudo, esquecer o momento da minha contribuição se materializando pela mudança de pensamento e atitudes.

1.1- A experiência de vida com a diversidade: uma viagem ao passado onde encontro um familiar com deficiência visual.

Apresentarei a minha experiência em diferentes fases, na qual inicialmente, nesse primeiro tópico, procurarei lembrar detalhes da infância nas primeiras relações com pessoas fora da família. Abordo como iniciei a vida escolar e o encontro com a primeira pessoa com deficiência visual. Vou procurar exprimir o meu entendimento do que é ser diferente. Ao fazer contato com outras pessoas, preciso aceitá-las como elas são, o que exige o exercício de me conhecer primeiro; olhar para dentro de mim e nesse caminhar para si próprio eu possa compreender o que seja inclusão. Reconheço na escrita (auto) biográfica, através das narrativas de formação, que têm sido evidenciadas como uma possibilidade, de investigação sobre as trajetórias profissionais. Essa abordagem metodológica existe por parte dos pesquisadores, de todas as áreas do conhecimento, pois há a inquietação de como tornar a história de vida um poço de revelações históricas, onde as pessoas possam continuar aprendendo ao longo da carreira. E dessa forma tenho certeza que estarei desenvolvendo a pesquisa (auto) biográfica, uma vez na

minha narrativa, de história de vida, onde me vejo mergulhado e transformado em pensamentos e atitudes, eu vislumbro os benefícios da orientação e mobilidade para as pessoas com deficiência visual.

Para embasar o meu entendimento e aproximação com a pesquisa, me embebedo em *Experiências de Vida e Formação*, Josso (2010), que nos apresenta uma abordagem de formação baseada na descoberta e valorização da singularidade do sujeito. A obra traz a formação experiencial como um dos conceitos chave das histórias de vida em formação, destacando a importância da narrativa neste percurso, pois permite explicitar a singularidade e perceber o caráter processual da formação e da vida articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida.

Assim, as vivências relatadas me permitiram passar pelo estágio da mudança, como mencionei no início dessa escrita, pois elas foram me transformando, aperfeiçoaram o meu ser, me impulsionaram a fazer um caminho diferente, pessoal, profissional e social. Daí a validade dessa iniciativa, do primeiro passo, vontade constante de mudar e abertura para compreender a singularidade do outro. Ainda ancorado em Josso (2010), em caminhar para si: “a lógica intelectual e a lógica existencial são duas iluminações do processo de pesquisa” (JOSSO, 2010, p.19). Isso significa dizer que cada ser deve caminhar para si e instaurar um novo paradigma na construção de conhecimentos. Pensando assim como a autora que sustenta que, com a elaboração de sua narrativa, é possível demonstrar a integração da subjetividade do pesquisador no trabalho de pesquisa, justificando que “essa integração permite evidenciar os pressupostos de qualquer pesquisa, seus contextos de significação e enseja ao leitor discutir os saberes produzidos” (JOSSO, 2010, p.153). Assim me vejo imerso na história de vida para apresentar, pois, neste trabalho a minha pesquisa ao lado das pessoas com deficiência com quem atuo há muitos anos. Ao descrevê-la, reflito sobre a importância das narrativas de formação como possibilidade de transformação das pessoas com deficiência visual.

Sou, João Zacarias de Sousa Neto, natural de Mossoró-RN. Tenho esse nome porque os meus pais viram no meu avô paterno, o nome certo para, também, me chamarem assim: João. Oriundo de família simples, porém com grande vontade de viver, o meu Pai José Zacarias de Souza, e a minha Mãe (in memória), Raimunda Alves de Souza, tiveram grande influência na minha formação; quando ao lado de mais três irmãos, sendo duas mulheres e um homem, possibilitaram uma educação capaz de nos colocar no seio da sociedade do bem. Não foi

necessário que eles tivessem grau de estudo superior, para nos ensinar a amar a vida e a respeitar as pessoas em suas especificidades.

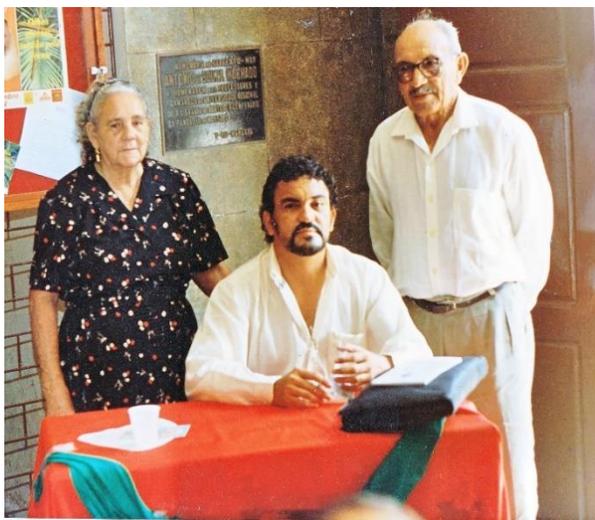


Foto 1. (Mãe in memória), Raimunda Alves de Sousa, pai José Zacarias de Sousa - João Zacarias de Sousa Neto lançamento do livro “se eu não tenho em quem pensar- coleção mossoroense, série C volume 981 (1997). Fonte: Arquivo do autor, (09/12/1997).

Foi, na década de sessenta, do século XX, que recordo a minha primeira sala de aula, eu estava no grupo escolar Jardim de Infância Modelo, localizado ainda hoje, na Praça Cônego Estevão Dantas, conhecida como praça dos hospitais, na cidade de Mossoró-RN. Uma época difícil, no país, porque se vivia o regime militar e as pessoas não tinham liberdade de expressão e não podiam criticar as políticas vigentes. Mas ao mesmo tempo, um momento de graça para quem na inocência da política partidária e sistema econômico, desfrutava os primeiros passos de uma infância, fora do ambiente familiar. O jardim de Infância Modelo me proporcionou contatos com outras crianças, e determinou uma escalada de vida que era cada dia mais estimuladora e rica em espiritualidade infantil. Aquele lugar, para mim, tudo despertava o novo formando assim a minha personalidade que desde então, já partilhada, aflorava o meu caráter de criança solidária.

Recordo da profa. Terginete (falecida) que me despertava alegria e a sede de viver os bons momentos, que era o tempo da duração da aula. Em sala, o orgulho de começar a aprender a escrever o próprio nome. As pinturas e as músicas que aconteciam em sala, durante a semana, naquele local aconchegante e promotor de uma paz, muitas vezes, foram interrompidas pelo apito de um trem, da Rede Ferroviária Sociedade Anônima – REFESA⁵, que chegava à estação

⁵ REFESA –linha de trem de ferro dos idos 60, 70 que operava em Mossoró com transporte de cargas e passageiros do interior e cidade de Patos na Paraíba.

próxima ao nosso grupo escolar. Corríamos para vê-lo passar, e em seguida, de volta a sala de aula, o assunto era a seu respeito. O desenho e a música agora já tinham títulos.

No Jardim de Infância Modelo, a nossa convivência era um misto de casa, pois tínhamos relacionamento com adultos e a interação de crianças na mesma faixa de idade. A lembrança dessa primeira etapa me coloca na infância vivida com muito amor dos meus pais para comigo, e me faz feliz por recordar uma época em que, também, eu me sentia feliz.

Passam-se os anos e eu já estava no ensino primário, cursando a primeira série e sentindo o meu mundo se alargando, cada vez mais, pelos novos contatos e conhecimentos. Nessa outra escola, uma nova fase, lembro-me das brincadeiras de colégio, das professoras de alguns colegas de sala e principalmente do colégio 30 de setembro, hoje, Jerônimo Rosado⁶, onde cursei todo o meu ensino fundamental e médio até sair para o ensino superior. Época, contínua e agradável, que me fez aprender, tantas coisas, com as descobertas da vida, o que é inerente a qualquer pessoa. Nessa escola, as minhas ações já mudadas, pela idade, eu me via crescendo e apto aos desafios.

Durante o ensino fundamental, já nos idos de 1970, sempre participei das atividades desportivas e culturais. Isso fez despertar em mim as aptidões de atleta e o dom da arte. Aos poucos começava a escrever o meu nome nos espaços desportivos e culturais, conquistados pelo talento e por minha força de vontade. Eu jogava futebol e me destacava, para mais tarde me tornar jogador profissional.

Até, então, eu não tinha despertado do que era ser diferente do outro. Todos iguais na mesma condição de alunos, assim estudamos as outras séries correntes. Contudo, recordo de um menino, de sala, que tinha os seus pés voltados para dentro, mas não me lembro de algum apelido ou tratamento outro que o diferenciasse de nós. Realmente éramos inocentes e sadios nessa convivência. A experiência de ter esse colega com essa diferença foi um momento relevante embora, na época, me encontrasse em estado de ingenuidade para a inclusão e para a diversidade. Entretanto, atualmente, identifico a importância desse fato para o meu despertar e crescimento da minha motivação para investigar a temática da inclusão. O tempo passava, as séries também.

⁶ Escola Jerônimo Rosado situada na rua Ferreira Itajubá, conhecida também como colégio Estadual.

Bem mais enturmado e mais habituado a sociabilidade com as pessoas, começavam as travessuras e as outras descobertas.

Penitencio-me quando lembro: no caminho de volta para casa, saíamos da escola e passávamos em frente à casa de uma mulher que tinha problema mental. Logo a chamávamos pelo seu nome e acrescentávamos de “doida” para, em seguida, corrermos com medo da sua reação. Era uma das travessuras, que viria a se repetir nas séries seguintes. Outra fase estava acontecendo, enquanto, adolescente. Agora o ginásial. Eu continuava descobrindo a vida em tudo que acontecia ao meu redor.

O meu primeiro contato, realmente, com uma pessoa com deficiência visual, deu-se por volta de 1977, na minha família. José Elias de Azevedo, o Dudeca apelido do esposo de Tia Santa, falecida em abril de 2015, ficara cego devido aos riscos da sua profissão de pintor. Ele trabalhava, sem nenhuma proteção, utilizando tinta a óleo na pintura de galpões de trem, o que lhe causou cegueira. Isso aconteceu na cidade de Jaboatão, sertão do estado de Pernambuco. Posterior, submeteu-se a uma cirurgia e não obteve êxito, levando-o inclusive a óbito. Em uma reflexão mais particular e de senso comum, cabe insinuar que os conhecimentos da medicina da época, foram insuficientes para mantê-lo vivo, comparados à medicina atual, onde uma cirurgia de olhos é bem comum e que não causa risco de morte.

Durante o nosso tempo de convivência, eu, já adolescente, sabia conversar com Dudeca e, por diversas vezes, me colocava em seu lugar nos seus momentos de lamúrias. Quantas vezes eu me perguntava: como pode uma pessoa viver sem enxergar nada? Deve ser horrível não ver a luz do dia. Refletia comigo mesmo. Aquele esposo da minha tia sofria a segregação do seu tempo.

Aos poucos eu começava a formar conceitos do que era ser diferente um dos outros. Os cegos, por exemplo, não andavam sozinhos. Precisavam de ajuda na locomoção. O meu amigo não saía de casa e nem participava de qualquer evento. Sempre enclausurado no lar, com pouca e quase nenhuma mobilidade. Tinha pouca comunicação com as outras pessoas e isso me chamava a atenção. Com essa concepção, ampliava o conceito de diferente. Certa vez, lembro, de tê-lo perguntado por que não passear ou fazer alguma coisa para sair daquela rotina? A resposta foi dada nas seguintes palavras: “é porque a pessoa cega não pode fazer, nada, sozinha, disse ele”. Isso me despertava a curiosidade de querer saber, então, quem deveria ajudá-lo, quem poderia andar com ele. Assim convivemos muitos anos, pois nossas casas eram vizinhas.

A essas alturas, também já estava convivendo com Ivo, menino com Síndrome de Down, e que morava na mesma Rua Pedro Velho. Percebia nitidamente as suas diferenças. No meu imaginário, começa a distinção do modo de agir das pessoas. Os casos reais e presentes em minha vida me obrigavam a visualizar tal realidade. Com exceção daquela mulher com problema mental, quando explorava a sua fragilidade; às demais pessoas com deficiência, eu mantinha o respeito como meus pais me ensinaram. Nunca recusei a amizade delas, e também, nunca mais esqueci de suas limitações.

Relembrando pessoas e fatos da minha infância, resgato de maneira indireta, porém com significância para meu caminhar rumo às leituras e às investigações, pertinentes à inclusão. Assim, destaquei o contato com Dudeca e Ivo, que tinham deficiência visual e intelectual, respectivamente. O fato de conhecê-los despertou a minha curiosidade de entendê-los, pois gostava de ficar observando, os dois, no dia a dia, e as suas ações e reações me chamavam atenção.

Confesso que escutei, por diversas vezes, as nomenclaturas pejorativas, exclamadas, constantemente aos “aleijados, cegos, doidos” etc. Na época, acredito que as pessoas não estavam instruídas quanto à proposta da inclusão e usavam esses termos, ratificando a exclusão e a discriminação.

Para Goffman (1988, p. 6) “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos”. E acrescenta: “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso”. E esses termos, lamentavelmente, até hoje são utilizados em nossa sociedade e evidenciam o estigma que oprime, machuca e tenta descaracterizar o ser humano de sua dignidade, ainda mais com o objetivo de negar-lhes a identidade e ceifar seus sonhos e suas histórias.

Através dessas vivências da minha mais inocente idade, comecei a entender que as pessoas não são todas iguais, mas diversas, como as diferentes espécies de animais que convivem, juntos, em nosso planeta. Todas essas situações de vida foram salutares para me alertar, desde cedo, quanto à necessidade de ver o outro com respeito e ter a consciência de que não somos iguais, mas que a diferença ensina e constrói o ser humano.

Reportando-me mais uma vez à escola, rememoro o bem que ela faz quiçá para todas as pessoas. Mas, talvez por pertencer a um sistema educacional, excludente, essa mesma escola que nos faz feliz, também, oprime, machuca quem tem deficiência. Como instituição, contribui negativamente quando nega uma vaga e seleciona, em detrimento da lei, quem deve ou não, ter direito ao saber. Foi assim por muitos anos. As pessoas que tinham alguma deficiência estavam fora da escola regular.

Pude perceber essa realidade quando me clareavam os conceitos de inserção e inclusão. Eu lembrava as pessoas diferentes. Dos cegos e daquele menino com síndrome de Down. O que seria inclusão? Nessa época quando muito se ouvia falar esse termo, estava há quilômetros de distância da realidade local, portanto, era um sonho, uma utopia. Não se concebia compreender a aprendizagem a várias pessoas que não fosse de forma homogênea, linear. E isso para as pessoas ditas normais, sem deficiência. As crianças com qualquer deficiência, o local seria distante daquele que estava posto.

No Brasil, desde o império, pode-se perceber a preocupação em oferecer atendimento a pessoas com deficiência, surgindo o interesse na criação de instituições educacionais direcionadas a essas pessoas. A educação direcionada a indivíduos com necessidades especiais é chamada Educação Especial, segundo a legislação, é uma modalidade de educação escolar integrante da educação geral.

A Educação Especial podemos lembrar em dois momentos distintos: do império ao Século XIX, marcada por iniciativas de governo e particulares; surgiram nesse período, por exemplo, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854) e o Imperial Instituto de Surdos-Mudos (1857), hoje, respectivamente, Instituto Benjamim Constant e Instituto Nacional de Educação para Surdos.

Contudo, ainda, não se concebia uma parcela da sociedade ficar separada por preconceitos e estigmas. Todos têm direitos iguais. Sobre essas instituições de ensino, Mantoan (2006, p. 16) afirma: “os sistemas escolares também estão amontoados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças”. A existência de uma escola específica evidencia o modo excludente e o pensamento

da ciência moderna. Ela ignora a fraternidade, o subjetivo e até mesmo o poder da criação. Uma escola assim não é capaz de assegurar transformação social.

Embora o entendimento das famílias, desses alunos, essa escola especializada, portanto é, um bem para seus filhos, ainda assim, esse pensamento comungava com a separação de alunos de não poderem interagir na aprendizagem de suas diferenças. Estava caracterizada a segregação sem que os pais compreendessem o contexto. A escola regular é para ser inclusiva, onde todos tenham a mesma oportunidade e se encontrem no mesmo patamar de aprendizagem, convivência social e humana. Ela existe, mas traz consigo, nas suas práticas e uma gama de dificuldades para a inclusão.

Para Imbernón (2000 *apud*, MARTINS, 2010, p.17) “a escola regular, de uma maneira geral, não foi, nem é planejada para acolher a diversidade de indivíduos, mas para a padronização, para atingir os objetivos educativos daqueles que são considerados dentro dos padrões de normalidade”. Assim, vem segregando e excluindo, de várias formas, os que fogem destes padrões por requererem em seu processo de aprendizagem respostas específicas ou diferentes das que são comumente dadas à média dos alunos.

É pertinente vislumbrar uma escola em que a relação pedagógica seja mais plausível entre aluno, professor e turma. Para ensinar a alunos com deficiência, os professores necessitam explorar a prática de mobilizar sua formação e seus saberes prévios. Investigar e buscar adentrar na cultura de cada um desses alunos com deficiência, e deve ser tarefa constante para compreender o sujeito, sua maneira de escrever, sua necessidade de recursos, sejam quais forem. Não se pode mais construir uma escola seguidora de uma concepção de educação estática, repressora do corpo e da mente, dos movimentos, das emoções e das expressões.

A educação inclusiva pode ser definida como “a prática da inclusão de todos independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural, em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades alunos sejam satisfeitas”. (STAINBACK e STAINBACK 1999 p. 21). É possível imaginar essa escola em todos os recantos de ensino. Mais do que imaginar, elas existem de fato e de direito, mas para isso é preciso fazer mais, para acontecer mais. A ação de cada um caracteriza a prova dessa existência. Os professores e gestores, sobretudo, têm de observar o sujeito como prioridade. A escola inclusiva é aquela que em todos os aspectos, se adequa a seus alunos, os mantem como prioridade respeitando os seus

saberes e valorizando o sujeito como fonte de potencialidade a ser explorada. O professor inclusivo não se furta da sua responsabilidade de aprender com a diversidade e deve considerar o saber do aluno, trazido de casa. Assim, a escola precisa estar subsidiada pelo conjunto de elementos relevantes para a inclusão do discente com deficiência. Deve conhecer e entender a necessidade do outro para criar estratégias metodológicas, que desenvolvam as potencialidades do educando, pois ele aprende de forma mais lenta, mas há possibilidade de aprendizagem, conforme seu ritmo e seu tempo de maturação.

Foi em viagem pela memória e o relembrar um pouco da minha infância escolar, que procurei resgatar a história de vida, onde se deu o meu encontro com a diversidade. Relatei fatos acontecidos, exprimindo meus sentimentos e ratificando a minha mudança de pensamento. Ainda me ative em refletir o modelo de escola, na qual estamos fadados a conservá-la. Não fosse o encontro com aquele amigo cego e aquele outro com síndrome de Down é possível que o meu modo de viver não comungasse com a ideia de inclusão, recorrente em discussão, até hoje, em nossa sociedade.

E nesse exercício de memória, cito e corroboro com Halbwachs (2004, p.54), quando diz que a memória individual ela não está inteiramente isolada e fechada: “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros”. Dessa forma, continuarei a minha viagem e narrativa abordando no próximo item a trajetória da minha profissão sempre ciente de que a origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo em que convivemos.

1.2 - A trajetória profissional como elemento fundamental de transformação de vida e pensamento.

Aqui me proponho a relatar outra fase de vida, pois pretendo mostrar como se dera a construção do meu eu, no momento de atuar como profissional. Lançarei mão, mais uma vez da memória, que no pensamento de Halbwachs (2004 p. 37): “Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível”. Assim procurarei dentro de mim as lembranças e destacarei minha experiência

profissional, relatando como se deu o encontro com as pessoas com deficiência visual, que me fizeram mudar concepção de vida e aperfeiçoar o pensamento crítico.

Veremos nessa narrativa (auto) biográfica, quando estimulo a mente a buscar no passado, recente, os fatos que determinaram as mudanças pelas quais trilhei. Certo estou de que esse exercício ajudará a organizar a minha história, colocando-a em linearidade do tempo em que preciso para exprimir com clareza o pensamento.

É meu objetivo, também, apresentar uma reflexão sobre a atuação profissional focalizando a importância de oferecer a possibilidade de melhor conhecer-se e vivenciar a abertura para a alteridade. Reconhecendo na abordagem auto (biografia) o caminho de voltar-se para se, compreendo a possibilidade de corrigir erros e avançar na formação humana capaz de responder os novos desafios. Começo destacando atividades vivenciadas, por mim, que faziam crescer a minha experiência de vida. O trabalho no comércio, onde fui vendedor nas casas pernambucanas, no ano de 1977 e proprietário de pequeno comércio, também no mesmo ano. Apresento os relatos em outros segmentos, que contribuíram para a minha formação humana. A começar pela igreja, onde o meu relacionamento com a religião, deu-se logo na infância, pelo batismo, e na passagem da minha adolescência quando estava engajado no grupo de jovens.

O desejo de ser padre levou-me a frequentar o Seminário de Santa Teresinha, em Mossoró, e vivi durante anos, servindo a igreja católica, mais precisamente, na Catedral de Santa Luzia, nos anos oitenta. Destacando a função de coordenação paroquial e membro ativo das diversas pastorais como: batismo, liturgia, casais etc. afirmo que foi através da igreja que tive a minha personalidade, amadurecida e completada em princípios cristãos.

Com esse espírito religioso compus algumas canções, defendi uma delas em 1997, no festival, Obra Nova, de músicas católicas e fiquei em terceiro lugar. Ressalto que em dezembro desse ano, também lancei o livro: *Se eu não tenho em quem pensar*, editado pela Fundação Vingt-un Rosado, coleção mossoroense, série C volume 981. “Aprendi com ele: olhar e contemplar, ouvir e meditar. Ser bom ao meio da adversidade... rude perante o ignorante. A descobrir a seriedade da vida, do trabalho, do amor e da responsabilidade. Gostar daquilo que não me pertence, amar ao que me é próprio. Ser sereno, ser fiel. Aprendi com ele a orar, e na oração percebi ser uma parte do aprendizado que tanto a vida necessita: paz”. (1997, p. 25) fragmento

desse livro em que resguardo, no seu conteúdo, passagens da minha vida, em forma de contos e poesias.

Também, pela religião ingressei nos meios de comunicação social. Atuei como profissional do rádio durante quatorze anos na Rádio Rural de Mossoró, entre as décadas de 1980, 1990 e início de 2000. A rádio, pertencente a Diocese de Santa Luzia, optava por uma linha de trabalho, cuja a evangelização e conscientização do trabalhador rural era o objetivo principal de sua missão de rádio. Para isto colocava no ar o programa do Movimento de Educação de Base (MEB), uma educação radiofônica, a distância. E nesse espírito religioso-católico, todos os seus integrantes se destinavam a trabalhar e viver na mesma linha. Assim fui conhecendo as diferentes dimensões de relacionamento humano, quais sejam: a da gestão da emissora, presencial a cada dia e aquele relacionamento com o ouvinte à distância, através das ondas do rádio. Uma experiência muito rica e satisfatória para quem deseja alcançar amizades infindas.

Fui jogador de futebol profissional. Vindo dos destaques do amadorismo, acabei por assinar um contrato, profissional, com a Associação Cultural e Desportiva Potiguar (ACDP), em meados de 1981 até 1984. Era o time do Potiguar a equipe de futebol que ampliou minha experiência e me deu oportunidade de conhecer novos horizontes de convivência humana. Atuei em outros estados, tendo o Rio Grande do Norte como palco do campeonato disputado. Compreendi um pouco mais da vida ao me deparar, enquanto jovem, com os adultos que buscavam seus espaços no mercado de trabalho, da bola. As pessoas com quem convivi nessa época passavam pelos dirigentes, funcionários do clube, jogadores e a mais diversificada torcida, constituída por homens, mulheres e crianças. Essa passagem me valeu muitas lições. Uma delas é que eu pude perceber que não há preconceitos nem distinção de cor, raça nem religião para um grupo que joga futebol. Todos são iguais e todos se respeitam. Não vi exclusão de qualquer jogador de futebol, que não fosse por doença, ou condição física que o colocasse fora dos objetivos do jogo.

No ano 2002, reuni amigos para gravar em CD –R a fim de registrar na minha história de vida. Era o CD Missa Festiva, onde tive a alegria e o privilégio de divulgá-lo, na festa de padroeira, Santa Luzia, em Mossoró, e na festa de padroeiro São Sebastião na comunidade de Melancias, Estado do Ceará.

Afastado do rádio, em 2004 me inscrevi para o edital do Processo Seletivo Vocacionado (PSV) da UERN, curso de comunicação social. Era a primeira turma e eu estava ansioso por fazer parte da mesma. Eu queria voltar ao ar como profissional qualificado com o diploma da academia. Passei no PSV e ingressei no curso, vindo a concluí-lo em 2008, e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi a produzir um vídeo intitulado “Rádio Rural de Mossoró: fundação e história”. Voltei ao rádio passando pela FM sal da terra e FM universitária. Para esses momentos tive que ouvir os não com quem aprendi várias lições de superação.

Ao citar esses momentos vividos como experiências para a minha formação humana, quero corroborar com Ferrarotti (2010, p. 46) quando afirma que “[...] toda a narrativa de um acontecimento ou de uma vida é, por sua vez, um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social. “[...] os momentos vividos são constituídos por pessoas, nos quais há uma interação do *eu* com o *outro*, pois as histórias de vida, que se entrelaçam, se tocam e se formam”. Portanto, nessa minha narrativa reitero com o autor os momentos de crescimento onde no contato com o outro se faz o conjunto de uma história.

Graduado em Educação Física nos idos de 1982, na mesma época já começava a trabalhar a ginástica escolar e desportiva, junto aos alunos, da escola Municipal Dinarte Mariz onde fora o primeiro campo de trabalho. Também nessa época atuei com recreação nas séries iniciais, ficando as modalidades desportivas, para o ensino fundamental. Era um trabalho de contato permanente com pessoas e me possibilitava mais conhecimentos sobre a profissão. Estava iniciando a vida docente e precisa descobrir que ser professor é um eterno caminhar ao saber. Tardif (2012) reconhece a profissão docente como um ofício imbuído pelas interações humanas, em que está intrínseco ao seu fazer o contato com o humano. O educador é um ser de relação e interações diferentes das outras profissões. O foco da educação são os sujeitos, seres possuidores e criadores de histórias e concepções peculiares, enquanto que em outros ofícios, a finalidade é apenas a produção de objetos inativos. Foi nessa interação humana que se consolidou em mim o espírito de educador, me causando mudanças e aperfeiçoamento no trabalho. Assim atuei durante anos, até me deparar com novas experiências dentro da educação. Aqui irei citar duas, fundamentais, que me acrescentaram valores e me fizeram mudar os conceitos habituais dos livros didáticos.

A primeira experiência que chamo de especial, tratou-se com o público idoso ou aquele chamado de terceira idade. O local foi o Instituto Amantino Câmara⁷, em 1999, onde desempenhei a função de recreador.⁸ Foram mais dez anos entre o trabalho voluntário, e o trabalho regulamentado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Ao chegar naquele ambiente tranquilo, calmo, de odor contrário as lavandas infantis, dava para notar, com clareza, o tempo vivido daquelas pessoas. O tempo ali havia passado muitos e muitos anos para os seus abrigados. Ninguém no abrigo se enganara com a idade, e dava-se para perceber que a aceitação, dessa fase, era inquestionável, embora a tristeza sempre denunciasse os infortúnios da vida, para alguns. Na estranheza do local e por querer me afirmar para a natureza do trabalho, fui logo me perguntando: o que vou fazer com os velhos? O que eles sabem e podem fazer? Era indagação interior que eu precisava descobrir as respostas com eles.

Para direção desse público e para as minhas inquietações, pauto Ecléa Bosi (1979) em *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. Para que servem os velhos? Uma boa pergunta e uma conclusão simples como resposta: para lembrar muito e lembrar bem. A memória social tratada pela autora ancora-se na velhice, a fase inevitável para quem não morre cedo. A propósito da minha busca na autora: “[...] não pretendi escrever uma obra sobre memória, nem uma obra sobre velhice. Fiquei na interseção dessas realidades: colhi memórias de velhos”. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam. Isso significa que os idosos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo, da sociedade.

Na função de recreador, precisava conhecer esse público; compreender as suas limitações fossem físicas, reflexivas, emocionais além do estado de saúde. Diante de mim uma tarefa a cumprir, com pessoas que tinham mais a dar do que receber. Aos poucos fui percebendo a diferença da teoria e da prática, em relação a eles. Para mim os idosos não se restringem àquelas pessoas em idade avançada, sem nenhuma utilidade na construção do conhecimento. Pelo contrário elas são na mais expressiva forma de citar, um poço de experiência e sabedoria. Como iniciar, porém, o meu trabalho? As minhas reflexões encaminharam as primeiras ações.

⁷ Abrigo Amantino Câmara- Asilo para idoso.

^{8 8} Recreador: Aquele que promove atividade recreativa junto a um grupo de pessoas.

Comecei a interação com eles que me contavam as suas histórias e narravam os seus feitos, e eu os escutava, escutava, sempre me colocando na posição de aprendiz. Interagindo com os mesmos eu encontrava a oportunidade, ímpar, de conhecer o novo e o diferente de mim. Porque não dizer, a minha própria pessoa em tempos distantes! Eu que sempre tivera atividades de educador físico em quadras esportivas e campos de futebol, com um público jovem, agora naquele ambiente, tudo era transformado na metodologia de trabalho.

Mas, como parte do ofício de educador e trazendo à tona os meus conhecimentos e experiências outras, parti para a prática de novas ações, como já começara ouvindo-os em suas histórias. Depois lancei mão do lúdico e com eles, embalamos boas canções que nos recordavam tempos agradáveis. Partimos para a dança com qual surpresa e alegria nos contagiávamos. Era preciso também, orar, e assim o fizemos repetidas vezes, em momentos oportunos. Até representar com o teatro de fantoches; isso acontecia para o divertimento e alegria de todos abrigados.

Avançamos nas atividades internas com jogos de salão, recreação moderada e calma e longas conversas, muitas vezes, individual. Já na parte externa era constante o passeio pela calçada do prédio. Tomado pelos braços e mãos calejadas e já frágeis, daqueles que outrora, talvez, tivesse produzido tanto quanto eu um significativo trabalho, caminhávamos alguns minutos desfrutando a paisagem urbana, até então pouco vista em seu todo. Eu não parava de aprender lições. Olhar para os olhos e para os corpos, debilitados pela doença e velhice, significava reconhecer a grandeza da experiência de vida, dos meus “alunos” em curso. O dia a dia, com essa gente, tornava-se experiência que ao longo dos anos eu juntava para mais tarde, puder discernir a minha condição de educador profissional.

Ratifico aqui, que o convívio com os idosos do Instituto abrigo Amantino Câmara fez nascer em mim um olhar mais profundo e mais humano para pessoas. Ao nos colocarmos em lugar do outro, é possível perceber que somos capazes de viver a vida, dando mais valor a tudo que nos rodeia. As histórias de vida deles, e as suas limitações, ora presente naquele lugar, retratavam qual atitude devemos ter para com os outros. Assim trabalhei no abrigo para aprender a produzir sonhos, somar atitudes e ganhar a felicidade de ter convivido com a terceira idade.

Registro que ainda pude vivenciar a sala de aula, lecionando as disciplinas de Artes e Ensino Religioso. Com passagem pela EJA – Educação de Jovens e adultos lecionei a disciplina

História do Brasil. Era o alargamento de conhecimentos e contato humano. Durante a semana, todos os dias, estava eu diante de centenas de alunos, crianças e jovens adolescentes, famintos em descobertas, assim como eu vivera a minha época. Aquilo transformava a cada instante a minha maneira de pensar e agir. Rememoro as nossas aulas quando havia uma interação muito grande, pela metodologia aplicada: a música fazia parte dos nossos encontros, a oração partilhada e a representação teatral eram constantes, constituindo um ambiente saudável para a aprendizagem dos alunos e professor.

A minha segunda, especial, experiência, na qual vivo até hoje, me dá a alegria e a satisfação de narrar o quanto me faz bem. Gostaria que todas as pessoas pudessem passar por essas vias de acesso, e aproveitar, em vida, a oportunidade de prestar um serviço ao bem e de crescer espiritualmente, a ponto de sentir uma transformação interior.

Esta segunda experiência especial, começo por citá-la, rememorando o ano de 1987 quando conheci um colega de curso educação física, que desempenhava a função de professor de Orientação e Mobilidade. O mesmo pertencia ao Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais (CREDEV). O seu trabalho consistia, entre outros momentos, andar pelas ruas, com as pessoas cegas. Como eu não conhecia o programa de orientação e mobilidade, imaginava que esse professor era apenas um guia de cego.⁹ Aquilo me chamava atenção, e por vezes nos cruzamos pelas ruas da cidade de Mossoró, onde eu não os deixava passar despercebidos. Observava e ficava conversando comigo mesmo, sobre aquela ação.

Por ser, também, graduado em educação física, visualizava mais, escola e alunos para ministrar aulas, e trabalhar modalidades esportivas. Contudo a experiência que tivera com os idosos me apontava outras perspectivas. Mas a verdade é que nunca me passara pela mente tal função eu viesse a exercer.

Foi no ano de 2005, lembro que fui convidado por um grupo de alunos, cegos, para substituir aquele professor de orientação e mobilidade, que havia falecido em acidente automobilístico. Seria coisa do destino? Aquele colega *guia de cego*, como assim eu o classificara antes, agora estava fora de cena, me dando a oportunidade e a chance de conhecer o seu trabalho. Lamento o seu fim trágico.

⁹ Guia de cego: pessoa que conduz outra pessoa sem visão.

Confuso, em deixar a sala de aula para aceitar o novo desafio, relutei comigo mesmo nas reflexões, se chegara ou não, o momento de enfrentar aquela etapa. Parecia tudo indicar o meu ingresso. Eu não podia deixar de aceitar tal convite, uma vez a circunstância, a morte daquele colega de profissão, apontar para a minha decisão positiva. E assim o fiz um ano depois eu me via trabalhando com esse público e começava a nascer em mim outra fase profissional.

Em 2006, eu estava chegando ao CADV. O ambiente, ao contrário do Amantino Câmara era agitado e com muita gente de idade variada. Nem parecia que ali conviviam pessoas com limitações visuais de comprometimento grave. Enquanto a sociedade os tem estereotipados como “cegos e inválidos”, para o começo percebi, bem ao contrário era uma instituição de gente ativa e com fôlego para o saber, e o que eu deveria fazer ali era dar continuidade ao trabalho do professor de OM.

Tamanha era a expectativa de como trabalhar aquele, novo, público, começava então a minha lida com pessoas de deficiência visual. Para início do trabalho, aproximei-me do Plano Político Pedagógico (PPP), da instituição, dos livros e de qualquer material que falasse em Orientação e Mobilidade. Pude ver em Felipe e Felipe (1997) que a orientação da pessoa com deficiência visual é alcançada através da utilização da audição, aparelho vestibular, tato, consciência cinestésica, olfato e visão residual nos casos de pessoas com baixa visão. Por outro lado, a mobilidade é alcançada através de um processo ensino-aprendizagem, e de um método de treinamento, que envolve a utilização de recursos mecânicos, ópticos, eletrônicos, animal (cão guia)¹⁰ em vivências contextualizadas, favorecendo o desenvolvimento das habilidades e capacidades perceptivo-motoras. E foi estudando e aperfeiçoando esse tema, que estava consolidada a minha função, na prática, de professor de orientação e mobilidade.

Porém, antes mesmo de agir como professor de OM, tive que entender como era lidar dia a dia com pessoas que tinham tamanha limitação física, e que precisavam de outro olhar. Veiga (1983 p. xiii) “ [...] me acho firmemente convencido de que o pior de ser cego é não ser o que todos acham que a gente é, e ser exatamente aquilo que ninguém supõe que se possa ser”. Eu precisava compreender essa afirmação dita por uma pessoa cega, que sofre na pele as consequências do julgamento social, quase sempre piegas e de pré noções, não condizentes com a realidade da cegueira. Trabalhar com cegos é fazer parte da sua vida, da sua confiança. É cativar

¹⁰ Cão guia animal amparado pela lei Federal nº 11.126 de 27 de junho de 2005, para guiar pessoa cega.

e ser cativado numa reciprocidade de sujeitos. Acima de tudo o professor tem de se colocar no lugar do aluno, sentindo as suas sensações e necessidades. Não basta só o contato físico pessoal. O emocional age na altura que sensibilidade exige.

Mas afinal o programa de orientação e mobilidade, que eu estava conhecendo, mostrava que esse trabalho não se limita, somente, a andar com as pessoas cegas, pelas ruas. Mais do que isso era preciso conhecer os sujeitos, sua essência e individualidade. Nesse sentido o professor de Orientação e Mobilidade Syllas Fernandes Maciel afirma:

A média da competência do indivíduo pela sua perfeição anatômica é um conceito tradicional e traz como consequência, a ideia de que as pessoas portadoras de moléstias crônicas ou mutilações em qualquer dos seus segmentos corporais, são socialmente inválidas. (MACIEL, 1982)

Constatando o potencial dessas pessoas, é apaixonante você ver em seus atos, a diferença na tomada de decisão dos mesmos. E isso eu estava testemunhando. Equivocadamente a sociedade resiste em aceitar as potencialidades das pessoas cegas, esquecendo que a deficiência visual não impede que as mesmas realizem tarefas e construam suas próprias identidades. Elas escrevem suas histórias e mudam conceitos e preconceitos a esse respeito.

Os relatos de vida escritos, centrados na perspectiva das experiências formadoras de nossas identidades, em evolução, de nossas ideias e crenças, mais ou menos estabilizadas, de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós mesmos, os outros, ao nosso meio humano natural, tem essa particularidade de serem territórios, por vezes, tangíveis e invisíveis. (JOSSO, 2010, p. 66).

Como me reporte na primeira experiência com idosos, também, estava acontecendo em mim, outra forma de pensar o conceito sobre os cegos de vista. Cada minuto de aula, uma lição, uma aprendizagem. Os obstáculos, as dificuldades enfrentadas por eles, se diluíam a cada instante que os colocava em prova. Foi assim nas aulas práticas, quando caminhamos pelas praças Dom João Costa, praça Cônego Estevão Dantas, pelas ruas Ferreira Itajubá, rua Melo Franco, rua Seis de Janeiro e mesmo no interior do prédio do Centro de Apoio. A luta dessas pessoas para se sentirem iguais as demais; por quererem mostrar as suas potencialidades, torna-se algo digno de nossa atenção.

Portanto, mais um momento da minha vida profissional eu rememorei, mostrando o quanto foi importante e decisivo no meu crescimento. Sem essas etapas a mutilação de

pensamento, na certa existiria uma vez me faltar, tamanha e necessária experiência. O que vem a seguir é o meu trabalho me impulsionando ao conhecimento e me tornando cúmplice na luta pela formação humana e profissional.

1.3 - O Professor de Orientação e Mobilidade no caminho da formação humana e da sua qualificação, na perspectiva de um novo ser.

Nesse tópico mostrarei como a concretização da profissão me transformou em outro ser, pensante e inquieto para as novas descobertas. A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal. Aqui, pretendo mostrar minha profissão sendo ampliada de conhecimentos pelas buscas que fiz para a minha qualificação. Também é meu objetivo narrar passagens, pelo ensino superior, onde me deparo na continuidade de servir ao aluno com deficiência visual.

Em se tratando de narrativa, Benjamin (1985 p. 205) considera que “ela não está interessada em transmitir o “puro em-si” da coisa narrada como informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Foi trabalhando com as pessoas com deficiência visual que aconteceu em mim, um divisor de águas, me transformando daquilo que eu era antes, para o novo sujeito emergente da realidade em grita. Considero que essa vivência tenha alavancado o desejo atual de estudar acerca do tema e me tornado sujeito observador pela inquietude dos direitos humanos.

Como professor de orientação e mobilidade de início não foi fácil assimilar as peculiaridades a ponto de distanciar o meu trabalho profissional com o lado emocional. Nas atividades rotineiras do exercício da função eu confundia a parte técnica com o subjetivo da emoção. Porém o tempo foi decisivo para o equilíbrio construindo assim uma consciência pedagógica e clareando a maneira de conviver. Trabalhar nessas circunstâncias exige aflorados os valores de paciência, compreensão, persistência e tranquilidade, e são consideráveis no processo de confiança e de amizade e, também, para o momento de ensino e aprendizagem. O diferente torna-se para nós uma parte do nosso eu que precisamos readaptar na vida. Tudo ia fluindo em mim como fruto do meu passado, de relações humana.

Nessas circunstâncias e momento atual da minha profissão, eu já não posso voltar ao conforto do pensamento, nem me acomodar, assim vou à pesquisa e qualificação da profissão. Agora as ações me indicam novas descobertas e na área de orientação e mobilidade, preciso desenvolver mais conhecimentos e abrir novos horizontes a sujeitos cegos e carentes desse trabalho. Com esse intuito parto em direção aos locais de absorção de saberes para juntar aos adquiridos e concretizar a aprendizagem humana.

Sabemos que no campo educacional novos estudos das histórias de vida, concentram-se na pessoa do professor. Nesse sentido, temos dado mais ênfase as subjetividades e identidades que as histórias comportam. Com a centralização dos estudos e práticas de formação na pessoa do professor, busca-se abordar a constituição do trabalho docente levando-se em conta os diferentes aspectos de sua história: pessoal, profissional e organizacional, percebendo-se uma tomada de consciência que nos leva a reconhecer os saberes construídos pelos professores, no seu fazer pedagógico diário, o que não acontecia anteriormente nos modelos de formação de professores. Surgem outros conceitos para a compreensão do trabalho docente com os estudos educacionais, cujas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito, trazendo à tona a necessidade de se investigarem os saberes de referência dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos, caracterizando-os, inclusive, como sujeitos de um saber e de um fazer inerentes à profissão.

O processo formativo da (auto) biografia, sob a ótica de Pineau (2010), levou-me ao conceito de auto formação, como caminho constituído de ação dinâmica e de reflexão contínua, que tem me permitido assumir a posição de sujeito de minha vida. Eu não poderia me afirmar senão uma pessoa consciente de mim mesmo, pois o conhecimento de si mesmo, tal afirma Paulo Freire é tão antigo quanto a história do homem ocidental. O que parece significativamente novo é o ressurgimento dessa tomada de consciência de si mesmo, como um ato político (FREIRE, 1996). O que narro nesse tópico ratifica as variáveis formas de transformação pelas quais passei. E tudo através do que fui, em dias passados. Como professor atuante, na modalidade OM específica para as pessoas com deficiência visual, necessito dos conceitos de vida para pô-los em prática.

Os saberes da experiência como diz Tardif (2002, p.50) “[...] fornecem aos professores certezas relativas a seu contexto de trabalho na escola de modo a facilitar sua integração”. O que aconteceu comigo, pois a troca de experiência me possibilitou acumular saberes, e me faz agir

com uma nova intervenção profissional sendo eu sujeito ativo, no processo de construção dos saberes e entendimento do processo de inclusão, das minorias excluídas. Quanto menos utilizarmos, o saber no trabalho, menos valor profissional esse parece ter. Nessa ótica, os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiano parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissional (...) (TARDIF, 2007, p. 21). As minhas experiências, relatadas até aqui, me permitiram aprofundar e sistematizar conhecimentos acerca do conceito de inclusão. Isso faz com que na compreensão aos seres humanos, tornemo-nos, também, um novo ser. Comungando com tal percepção, hoje posso entender de vez, ser preciso enxergar o outro como humano em sua totalidade.

E para ilustrar essa fase de concretização profissional, descrevo alguns passos e atitudes tomadas, por mim, quanto a qualificação e crescimento pessoal. A começar pelo ingresso na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) quando aceitei o convite para trabalhar, do ano de 2009 até hoje, no Departamento de Apoio à Inclusão (DAIN), e que a partir de 2010 passa a Diretoria, através da resolução nº 31/2010-CD. Hoje Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). Essa diretoria está ligada à Administração Superior com um trabalho somado com a Pró-Reitoria de Ensino e Graduação (PROEG), a Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPEG) e a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Chegando à mesma eu trazia comigo a experiência do trabalho com as pessoas cegas, do CADV.

Historiando um pouco a DAIN, é dizer que a mesma começou a funcionar em 2005, porém sua institucionalização ocorreu, apenas, em 2008, com aprovação do Conselho Universitário (CONSUNI), a partir da Resolução Nº 02/2008 de 18/04/2008. Hoje, essa diretoria desenvolve um amplo atendimento às pessoas com deficiências, transtornos e déficits. Tem uma equipe multiprofissional, constituída por: pedagoga, assistente social, psicólogo, leitor, instrutor de LIBRAS, intérpretes de LIBRAS e transcritor de Braille. Além desses profissionais outros integram a parte administrativa tendo a diretora¹¹ que desenvolve a função de gestor e atuando, ainda, como antropóloga, socióloga e técnica especializada no acompanhamento as pessoas com deficiência física, tendo pesquisas sobre Deficiência Física e Deficiência Visual, financiadas pela UERN e pelo CNPq, respectivamente. Coordenou pesquisa com apoio da Fundação de Pesquisa

¹¹ Ana Lucia de Oliveira Aguiar – Professora do Departamento de Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutorado em Sociologia.

do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN). Fechando a equipe com os membros que formam a secretaria, sendo esses em número de três.

Atualmente, a DAIN, através da sua diretora, coordena pesquisa sobre a perspectiva (auto) biográfica de alunos com surdez da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte com apoio do CNPq, pesquisas sobre Deficiência Física (Educação Inclusiva e Efetivação do Direito à Acessibilidade: roda de conversa em cadeira de rodas) e Deficiência Visual (Como vou aprender se sou cego: a experiência pedagógica de discentes com deficiência visual no ensino superior), financiadas pela UERN e pelo CNPq, respectivamente.

Os projetos de pesquisa: Programa de iniciação Científica (PIBIC) com alunos cadastrados na DAIN. Título: Como vou aprender se sou cego: a experiência pedagógica de discentes com deficiência visual no ensino superior. Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Título: Educação Inclusiva e Efetivação do Direito à Acessibilidade: roda de conversa em cadeira de rodas, como coordenadora Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar; além dos projetos de extensão: Curso de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) 2013.2, 2014. 1 e 2, 2015 em andamento, Curso de Ledor 2014.1, 2014. 2, 2015.1 em andamento, Curso de Orientação e Mobilidade 2015.1 em andamento. Formação Continuada – Conceitos e Práticas em Educação 2015.1 em andamento, todos acompanhados por dessa diretoria, inserem-se no âmbito das ações, tendo como público alvo estudantes, professores, técnicos administrativos, gestores e demais profissionais da sociedade civil como ferramenta de acessibilidades à leitura e escrita. São atividades de extensão com caráter sistemático para formação de recursos humanos primando seus esforços pela busca da qualidade do atendimento de estudantes com deficiência. Dessa forma, a UERN por meio da DAIN vem implementando desde os últimos anos a promoção da educação Inclusiva, tendo em vista o acesso de alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, aprovados pelo Processo Seletivo Vocacionado (PSV), ENEM/SISU nos diversos cursos oferecidos pela UERN. A esse respeito, temos hoje cadastrados na DAIN 112 (cento e doze) acadêmicos com necessidades educacionais distintas, distribuídos entre o Campus Central (Mossoró) os 05 campi (Caicó, Assú, Patu, Pau dos Ferros e Natal) e os 11 Núcleos. Diante desta relevância, a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN contribui para a construção e consolidação da cidadania rumo à expansão de uma universidade inclusiva. Como previsão de ampliação com Projeto de Extensão: Sistema Braille, Projeto de Extensão: Deficiência Física, Projeto de Extensão: Deficiência Intelectual; Projeto de Extensão: Roda de Conversa, deficiência, diversidade e Inclusão.

É objetivo atender, acompanhar e apoiar os discentes com deficiência, docentes e técnicos administrativos tendo como base a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, bem como a Lei Brasileira de Inclusão. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, com vistas à garantia dos direitos do espaço de ensino, pesquisa e extensão que consolidem ações e práticas voltadas às diferenças, à inclusão educacional, social e inserção no mercado de trabalho.

Trabalhar na DAIN, portanto, é uma vivência acadêmica que me possibilita, alargar as discussões, quanto à inclusão, e mais que isso vivenciar na prática, através de estudos e encontros, a inclusão. Nesse sentido tenho participado, ativamente, das atividades organizadas por essa diretoria e que trazem em seus conteúdos a temática da inclusão. Relato algumas participações como: curso de “Técnicas de Leitura para Ledores” em novembro de 2008; Workshop: DAIN socializar-se “SABER E FAZER” onde fui expositor em agosto de 2010; I Seminário Potiguar sobre Inclusão e Diversidade, com o tema: “Diversidade e Inclusão na Sociedade Contemporânea” acontecido em dezembro de 2011.

Ressalto que o II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade - uma questão de efetivação de direitos, aconteceu em dezembro de 2015 onde faço parte, também, da organização e que tem como objetivo geral: Aprofundar as discussões, aproximar profissionais, trocar e compartilhar experiências, com vistas à promoção de ações que busquem a efetivação da inclusão de estudantes com deficiência, e fortalecimento de uma política que fomente o respeito aos princípios da diversidade fortalecida pelo entendimento da pertinência da perspectiva de inclusão no âmbito da coletividade. Subjacente ao objetivo geral o II Seminário Potiguar expõe alguns objetivos específicos como: Apontar a relação bidirecional entre a universidade e a sociedade através de ações concretas de tal modo que os problemas sociais urgentes recebam atenção produtiva por parte da universidade; Definir práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais emergentes, como as relacionadas com as áreas de educação, deficiências e inclusão; Identificar atividades cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e/ou transdisciplinares e Inter profissionais de setores da universidade e da sociedade; Utilizar tecnologia assistiva para ampliar a oferta de oportunidades e melhorar a qualidade da educação; Estimular a Formação continuada e qualificação profissional através de cursos de capacitação, oficinas, seminários, palestras, ciclos de debates, minicursos; Estimular a visibilidade, diálogo e interação da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN)com a sociedade civil.

Particpei dos ciclos de debates durante todo ano de 2013 e 2014, tanto como organizador como na qualidade de palestrante, ressaltando que os temas discutidos nesses ciclos, são voltados para a inclusão em toda sua abrangência, por conseguinte, interessam aos pesquisadores dessa área de conhecimento. Tive participação, em todos os encontros de acadêmicos com necessidades especiais – EANE, promovidos por essa diretoria: ora na organização, ora na apresentação do mesmo. Com a DAIN tenho visitado os campi da universidade conversando com os discentes que tem deficiência visual e fazendo as devidas orientações, aos reclamos dos mesmos. Quando da realização desse trabalho, é comum apresentarmos a dinâmica, do setor, e encaminhando as sugestões expostas, para o desfecho da ação.

Temos ciência que os cursos e programas de pós-graduação *lato senso e stricto senso* mantidos pela UERN, submetem-se à Legislação Federal e à Legislação do Estado do Rio Grande do Norte relativo a pessoa com deficiência. Assim, tenho vivido inúmeros momentos de discussão e debate da temática.

A DAIN me oportunizou o curso de LIBRAS, com carga horária 60h, no turno noturno. Eu tinha expectativa de aprender LIBRAS e o desejo de interagir com as pessoas surdas, principalmente com uma colega de trabalho. Nova experiência. As aulas do Curso de LIBRAS despertavam meu interesse de participar e ser assíduo, pois eram interativas. Os conteúdos trabalhados no nível I foram: alfabeto manual, nome e sinal de cada participante, como se comunicar com o surdo de maneira adequada, diferença entre surdo e deficiente auditivo, cumprimentos, família, números, dias da semana, meses do ano, verbos, objetos escolares, animais e cores.

Sempre pensando na minha formação acadêmica e profissional, quero enfatizar a oportunidade de ministrar dois cursos de 60h, sobre Orientação e Mobilidade para 30 participantes, iniciais. Dentro da Política Educacional, em vigor, a favor da Inclusão, entendemos ser pertinente programas específicos que venham atender às necessidades das pessoas com deficiência visual. Ao meio desses, está a Orientação e Mobilidade, conhecimento indispensável para a conquista da independência de locomoção e a autonomia de suas ações. Consequentemente, com esses valores, haverá a inclusão da pessoa com deficiência visual nos diversos segmentos da sociedade. O Curso de Orientação e Mobilidade propõe a reflexão e análise sobre intervenções, outras, nessas situações. Apresenta também uma gama de vivências,

acompanhadas da construção de saberes relacionados ao próprio movimento. Assim, propomos o curso de Orientação e Mobilidade: Capacitação e Perspectivas para a Inclusão do deficiente Visual, com ações que oportunizem a convivência social, o cultivo da solidariedade, o sentido de pertencer e a capacidade de reconhecer e respeitar as diferenças.

O curso é realizado no Campus Central UERN. Esse curso solidifica a qualificação e me coloca imerso no meu objeto de pesquisa. Ele tem objetivo de capacitar pessoas para melhor saber intervir, em momentos outros, com as pessoas que tem deficiência visual. Este trabalho rendeu um artigo científico cujo título é Orientação e Mobilidade: um caminho para a independência, e que pretendo publicar. O artigo trata da importância de Orientação e Mobilidade na vida das pessoas com deficiência visual, e mostra como objetivo final a independência de locomoção e autonomia das mesmas.



Foto 2. Ministrando Curso de Orientação e Mobilidade – Fase II UERN Alunos em exercícios. Fonte: Arquivo do autor, (12/05/2016).

Particpei do IV Seminário Temático do Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência, que teve como tema: Doenças Orgânicas, prevenção e Acessibilidades no município de Mossoró. Esse seminário aconteceu em setembro de 2006. Sempre incessante na busca pela troca de experiências e na formação humana, sobretudo na perspectiva de lidar com a diversidade, na Secretaria de Educação do Município de Mossoró, também venho participando dessa formação, onde registro a minha participação na 3ª etapa do curso “Por uma Educação Inclusiva “Módulo Deficiência Visual e a Comunicação nas diferenças de relacionamento”, agosto de 2007, onde fui palestrante comunicador. Em maio de 2007 a novembro de 2008 particpei de o curso “Educar na Diversidade”. Em novembro de 2008 particpei, também, do Encontro Pedagógico com o tema: Experiências Exitosas com a Inclusão: caminhos para a educação de qualidade. Em maio de 2009 particpei do V Curso de Educação Inclusiva: Direito

à Diversidade – Formação de Gestores e Educadores. Também no mesmo mês e ano participei do estudo “Inclusão Escolar: caminhos em construção permanente.” Em outubro eu estava na cidade de Baraúna-RN participando do I Seminário de Formação de Gestores e Educadores. Em dezembro, também de 2009 participei do curso “Práticas Pedagógicas no atendimento Educacional Especializado.

Na trajetória da UERN participei do Seminário “Inclusão Social, Educativa e Tecnológica: questões de pensar. Realizado em dezembro de 2010. No mesmo mês e ano, fui formador da oficina “práticas e saberes: orientação e mobilidade. Em dezembro de 2010, fui formador da oficina “práticas e saberes: orientação e mobilidade. No Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV) participei do Curso de Técnicas de leitura e escrita no Sistema Braille, de maio a agosto de 2010. Foi engajado nesse processo de compreensão da inclusão que me vi concluindo uma especialização certificado de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Inclusiva. Uma formação profissional avançada com 480h/a, no período de 2010 a 2011.

Continuando as minhas participações e envolvimento nas atividades da secretaria de educação do município de Mossoró, ainda destaco a minha participação no VI Seminário Educação Inclusiva: direito à Diversidade – curso de formação de gestores e educadores realizado em parceria MEC/FNDE/PMN/GEED, no mês novembro de 2011.

Como agente ativo pela inclusão e sempre na busca de fortalecer conhecimentos e experiências relativas ao meu trabalho de professor, participei de diversas manifestações populares (passeatas, caminhadas e festivais), destaco o I Encontro de Mulheres com Deficiência de Mossoró e Região, com o tema: mulheres com deficiência: ocupando espaços, que foi promovido pelo Fórum das Mulheres com Deficiência e passeata de Luta pelo Dia das Pessoas com deficiência em maio de 2011, quando conheci as políticas que garantem os direitos das pessoas com deficiência e, principalmente, das mulheres deficientes. Em 2012 voltei a participar da mesma formação de gestores e educadores, no mês de maio.

Como a DAIN já me oportunizara a vivência acadêmica, agora em tantos eventos, outros, mergulhei, foi o caso da minha entrada na pós-graduação *stricto sensu*. Sonhei galgar um mestrado, onde eu pudesse consolidar minhas discussões sobre a inclusão. Em 2012 e 2013, fui selecionado para cursar as disciplinas: Movimentos Sociais e Educação Popular, e a disciplina História da Profissão Docente no Rio Grande do Norte, respectivamente com as profas. Dra. Ana

Lucia Oliveira Aguiar e profa. Dra. Maria Antônia Teixeira, dessa vez no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC). Eu queria direcionar as leituras para o meu objeto de pesquisa, e logo depois assumir o mestrado para o desenvolvimento do objetivo. Durante esse tempo de pós-graduação tenho participado ativamente das atividades, inerentes ao curso como, por exemplo, participação no VII Colóquio da AFIRSE/Secção Brasileira na UERN, em Mossoró/RN, realizado em setembro de 2013, onde enviei artigo com o título: Orientação e Mobilidade um caminho para a Independência. Conteí com a participação do aluno Francinildo Rocha que é cego. Particpei do I Encontro Regional de Narrativas (Auto). Biográficas – I (ERNAB). Na ocasião apresentei o trabalho de orientação e Mobilidade: experiência de uma apresentação, em evento de ciência e pesquisa, na categoria de comunicação oral. Essa apresentação uma narrativa do trabalho com o aluno cego. O evento deu-se nos dias 10, 11 e 12 de dezembro de 2013.

Como professor consciente da formação continuada, na área de atuação, continue buscando espaços e desenvolvendo a leitura de conhecimentos. Foi o caso da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Nesta instituição a contínua formação acontecia através dos cursos que participei e apresentei sobre cegueira e inclusão. A exemplo: Fui expositor da “Roda de Diálogos e Debate: “BRAILLE: a leitura na ponta dos dedos”, em abril de 2013. No mesmo ano participei do Seminário da UFERSA Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão, realizada no mês de março. Em 2016, ministrei o curso de Braille, juntamente com o CADV.

Particpei da Conferencia Intermunicipal de Educação-RN, realizada em Mossoró em junho de 2013. Posso lembrar a comemoração ao dia do surdo no dia 26 de setembro de 2013, quando fomos as ruas, saindo do CAS, juntamente com os que fazem a Associação dos Surdos de Mossoró (ASMO), em grande passeata, com faixas e cartazes reivindicando a mais interpretes de LIBRAS, para as escolas do município de Mossoró.

Em 2014 eu participava do VIII curso de formação de gestores e educadores do programa “Educação Inclusiva: direito à diversidade. É nesse trajeto educacional que fortaleço os pilares do conhecimento de vida, voltada a compreender as pessoas e a mim mesmo. No Braille concluí o Programa de Educação Continuada no Portal Educação, no período de abril a maio de 2014. E coordenei o Encontro Técnico de Orientações e Debates sobre Deficiência Visual com o tema: “ações inclusivas do CADV – Educação e Cidadania”, acontecido em dezembro de 2014.

Em 2014 cursei, também, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), a disciplina “teoria e metodologia de pesquisa em História Oral, com o professor Lemuel Rodrigues, da Silva. No mesmo ano obtive êxito, na seleção de mestrado. Nesse mesmo ano, no mês de agosto fiz parte da comissão organizadora do Minicurso História, Memória e (Auto) Biografia Por uma Identidade Camponesa.

Proferi palestra durante o Ciclo de Estudos Acadêmicos “Olhares sobre a Diversidade nos Espaços Sociais de Aprendizagem”, realizada em três de junho de 2014, na Faculdade de Educação. Participei do minicurso Musicografia Braille, julho de 2014, numa realização do Conservatório de Música D’Alva Stela Nogueira Freire e DAIN. Esse curso foi ministrado pela professora Mestra Catarina Shin. Em 2014 no mês de novembro, participei do II Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão e II Fórum de Acessibilidade, ministrando o curso “Deficiência Visual: Como se Relacionar com as pessoas com cegueira e baixa visão.

Compreendo, que, na docência, o professor tem a oportunidade de resignificar os seus saberes, não só os da experiência, mas também os saberes da formação inicial e continuada, os saberes curriculares e os saberes disciplinares, conferindo-lhes aplicação, legitimidade, sua identidade, ou ainda refutando, marginalizando-os na tentativa de construir sua própria prática pedagógica.

Na construção da minha vida, a partir do relato escrito, o método (auto) biográfico possibilitou minha tomada de consciência de que as experiências de ter trabalhado com pessoas, em diferentes universos, e o ingresso no CADV e na DAIN foram primordiais para me despertar no tema da inclusão, que paralelamente narro a modalidade orientação e mobilidade para as pessoas com deficiência visual. Aumentei o desejo de utilizar, na pesquisa, o método (auto) biográfico, pois ele permite refletir acerca do vivido e propor vivências/ caminhos novos. Por ele mantenho o processo do voltar, olhar para mim. E nesse enveredar também devo olhar para o outro, buscar outras possibilidades, mudar minha maneira de ser, viver. Com ele, compreendi que a nossa vida é um constante passear no aprender das idas e voltas e, certamente, aprendi e modifiquei minha maneira de ver o outro.

Esse processo de amadurecimento e apropriação do ser, como ser único, permite um melhor fortalecimento, ou redimensionamento do sujeito. Consiste na narrativa ou pós narração e escrita, reconhecer-se mais transformado e inquieto, é um olhar voltado para nós mesmos que

facilita a intervenção interna e externa nas relações. Não tenho dúvidas, passamos a enxergar o eu em formação e transformação precisando a cada instante mudar e inovar. É como se tudo movimentasse em forma de espiral, devendo-se olhar para o passado, entender e planejar intervenções, modificações para a minha ação futura.

Toda essa reconstrução histórica, a partir do método (auto) biográfico foi importante para me reencontrar com as minhas lembranças, vivências, redescobrimo outros momentos vividos, os quais cooperaram para minha formação pessoal/ profissional e para meu encontrar com a inclusão. E por ter consciência da minha incompletude, busco melhorar a minha prática docente, almejo, com esse trabalho, possibilitar um olhar mais atento e reflexivo para as pessoas com a deficiência visual. Não fosse o método (auto) biográfico talvez eu não conseguisse enxergar as minhas limitações e conseqüentemente não haveria ruptura no meu modo de pensar e agir. Nesse sentido destaco a importância e força que traz a autobiografia dentro de uma pesquisa social.

Sob tal perspectiva, Passeggi (2003, p.02) afirma “[...] admite-se como hipótese que a narrativa (auto) biográfica [...] beneficiaria o narrador, no sentido em que o exercício de análise e interpretação dos fatos modificaria suas representações e a forma como elas incidem sobre sua vida”. Considero que todas as experiências apresentadas são necessárias ao meu processo permanente de construção como pessoa humana e como profissional. Tais vivências me possibilitaram investigar e analisar a relação da pessoa cega com a Orientação e Mobilidade. A relação da minha trajetória de vida com os autores estudados e defensores da (auto) biografia como um método viabilizador da construção e reconstrução da formação dos sujeitos, contribuiu muito para meu desenvolvimento. Desejei antes passear por esse trajeto de narrar a minha própria história de vida, colocando-me no lugar desses sujeitos e lembrando as pessoas, como foi o caso do amigo Dudeca, da amizade com Ivo, da minha professora Terginete, daquele colega de sala que tinha uma deficiência física, daquela senhora com problemas mental, todos citados na minha narrativa. São momentos, amizades que sinto mais próximo de mim, das minhas vivências.

Sobre a autonomia do método biográfico Ferrarotti (1988, p. 172), afirma: “a especificidade do método biográfico implica ultrapassar o método lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida”. Portanto a pesquisa (auto) biográfica possibilitou encontrar-me como sujeito individual com experiências próprias, mas

também social, na construção da minha identidade, a partir da interação com pessoas com deficiência, desde a minha infância.

Repensar sua prática é uma maneira de conhecer-se como sujeito e encontrar outras possibilidades de aperfeiçoar sua ação pessoal e profissional. A vida de cada pessoa traz imbuída uma carga de pertença, de significados, ou seja, nenhuma vivência está solta, descontextualizada, sem uma razão de ser. O método (auto) biográfico mostra todos os fatos da nossa vida em sintonia, pois eles têm uma razão de ser.

E, no sabor da leitura e estudos de (PINEAU, 2010, p. 112), descobri que a (auto) biografia pode possibilitar a hetero-formação, ou seja; a formação do outro sujeito, ouvinte da narrativa apresentada por outrem, eco formação que forma e transforma o meio, espaço dos sujeitos participantes e coparticipantes do processo (auto) biográfico e a auto formação do sujeito- narrador. Uma vez o sujeito da pesquisa, em sua narrativa, dizer de sua mudança pessoal, do seu crescimento na formação humana, acredito que a pesquisa caminha para uma resposta satisfatória. A compreensão dessa leitura me coloca frente ao outro, nos aproximando mais e possibilitando a descoberta na orientação e mobilidade, em foco, o instrumento gerador deste aprendizado. Aproximo-me de Mombberger (2008, p. 58) quando afirmar o que “cada momento biográfico, apesar de possuir existência própria, está ligado a um passado e a um futuro, dos quais retira sua forma e sua significação particulares”. No momento da construção da minha narrativa, todos os fatos narrados correspondiam a um passado, os quais justificam o hoje com direcionamentos condutores para as discussões acerca da inclusão, permitindo-me vislumbrar o futuro, não com afirmativas, certezas, mas possibilidades de aperfeiçoar minha experiência e meu estudo sobre orientação e mobilidade, conseqüentemente inclusão de sujeitos.

Preciso a cada dia refletir sobre as minhas práticas, buscando tempo para, sentir e ouvir o outro, estar com ele, principalmente nessa sociedade pós-moderna. Como nos diz Bauman (2008), essa sociedade é valorizadora do individualismo, consumismo, os quais reforçam o preconceito, discriminação e promovem um cordão de isolamento entre as pessoas. Preciso me inteirar e acompanhar a luta das pessoas com deficiência e da sociedade em geral.

Estou, pois, repleto de alegria, felicidade, sentimentos, canções e emoções. E considerando assim como Paulo Freire (2005), sermos seres inacabados, incompletos, buscamos

e fazemos da vida um constante aprender, aprender com erros, acertos e, principalmente, aprender com o outro, em conjunto.

Esse capítulo objetivou apresentar as narrativas, as vivências desenhadas por mim durante toda a vida e as reflexões sobre o meu *eu*, enquanto sujeito em constante aprendizagem e aproximação com o método (auto) biográfico. Todas essas experiências me formam e transformam o meu ser, consciente e motivado para intensificar e aprofundar meus estudos sobre orientação e mobilidade, conseqüentemente sobre a inclusão, utilizando nas pesquisas a (auto) biografia.

São objetivos, identificar as experiências, pessoal e profissional, a formação do professor de Orientação e Mobilidade; apresentar o trabalho de orientação e mobilidade, realizado pelo CADV de Mossoró-RN, na perspectiva da independência de locomoção e autonomia de alunos cegos e estudar as narrativas de um aluno, cego, do Centro de Apoio ao deficiente Visual (CADV de Mossoró/ RN), a partir do trabalho de Orientação e Mobilidade.

E na ternura do encontro com o outro, com o mundo e comigo mesmo, quero registrar, a letra da música de Milton Nascimento, caçador de mim, porque nela vejo cada sujeito dessa sociedade, precisando mergulhar nesse encontro para si, na perspectiva de se conhecer melhor, crescer, rever seu aprendizado e viver um mundo melhor.

Caçador de mim – Milton nascimento

Por tanto amor

Por tanta emoção

A vida me fez assim

Doce ou atroz

Manso ou feroz

Eu, caçador de mim

Preso a canções

Entregue a paixões

Que nunca tiveram fim

Vou me encontrar

Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer senão o correr da luta.
Nada a fazer senão esquecer o medo.
Abrir o peito a força, numa procura.
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim

CAPITULO 2: O OBJETO: ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE EM SEU CONTEXTO, SUAS SUBJETIVIDADES E SUAS AÇÕES

Nós que somos videntes, ou seja, enxergamos com os olhos físicos, normalmente atribuímos a pessoa com deficiência visual uma dependência permanente. Pensamos que a mesma tem poucas habilidades, e principalmente ignoramos a sua capacidade de deslocamento em ambientes, diversos, de forma segura e com total autonomia. Tal pensar acontece muitas vezes, também, com as pessoas que tem baixa visão e cegueira. Elas por não terem a informação e orientação necessária, se imaginam, na grande maioria dos casos, inaptas ou incapazes de viver o cotidiano, como as demais pessoas.

Entendemos que os motivos para esta concepção são construídos pela cultura, do normal, que impõe o medo, sob o pretexto do cuidado e proteção, esquecendo às potencialidades e habilidades de alguém com perda ou diminuição da sua visão. Assim são rotuladas de cegas, com uma demonstração clara de que para muitos todos aqueles que possuem alteração visual são impreterivelmente cegos e incapazes. Pensamos tão somente que estes devam ser protegidos. Isto pode gerar um grande problema na construção e desenvolvimento especialmente em sua fase infantil.

Quando uma pessoa fica cega, os problemas de ordem psíquica e emocional aparecem acrescidos pelos estereótipos sociais, que agravam sobremaneira as limitações de tais pessoas. O medo se acumula, diminui a sua motivação e os hábitos de locomoção são ligeiramente prejudicados. Em situação mais complexa estão aquelas de cegueira congênita que não receberam na infância e adolescência educação e orientação adequadas. Mas nada impede que as mesmas se desenvolvam em outras áreas de atividade, habilidade e conhecimento, podendo, até, mesmo alcançar posição de destaque na vida.

As pessoas que tem deficiência visual, até certo ponto, tornam-se funcionalmente deficientes quando enfrentam um ambiente confuso e complexo. Assim, cada um de nós, procura treinar e educar-se para enfrentar e resolver adequadamente situações complexas que surjam num mundo de competições. Uma grande rede de barreiras multiplica-se de uma forma constante e cumulativa, produzindo lentamente danos no corpo e na personalidade do indivíduo, trazendo prejuízos nas relações interpessoais, nem sempre reversíveis. Esta realidade, no entanto, pode ser minimizada ou evitada se uma ação interventiva eficiente e adequada acontecer dentro de um

tempo suficiente por parte da família, profissionais, comunidade e a própria pessoa que tem comprometimento visual.

O que escreverei neste segundo capítulo é o objeto de estudo, na sua forma mais teórica e prática, utilizadas no CADV, local da pesquisa. Com isso mostro que há respaldo teórico que fundamenta e alimenta as nossas ideias, assim como o olhar mais apurado e reflexivo, que nos permite compreender as inquietações acerca do tema.

Irei apresentar discussões teóricas de forma específica e geral, em torno do processo de inclusão, os diálogos, também as conquistas e o que ainda precisa ser repensado, contudo sem pretensões de esgotar as discussões. Isto será feito com o desejo de fomentar os conhecimentos pertinentes para aquecer o tema da Orientação e Mobilidade, a fim de obter uma melhoria de vida para com essas pessoas. Por isso é preciso um debate prévio em torno desse tema, compreender como ele se traduz em inclusão, o acesso dessas pessoas, somadas as suas histórias de vida, hoje, tão bem conectadas pelo método auto (biográfico).

Para melhor sentirmos o presente de uma experiência vivida, as narrativas constituem-se em aportes vivos, pelos quais nos embreamos e nos encontramos em crescimento, conosco e com o mundo. Desse modo o objeto é subjetivo e concreto ao mesmo tempo na voz e corpo-texto e contexto dos seus protagonistas.



Foto 3. Gloria Maria – Pedro Henrique e Thiago Costa - Aula prática Professor de Orientação e Mobilidade.
Fonte: Arquivo do Autor, (09/10/2014).

2.1 - Um caminhar com o propósito: autonomia e independência

A história da humanidade nos revela que desde os primórdios, o homem viveu com suas angustias, trilhando caminhos de incertezas e estradando longas caminhadas em busca de sua preservação. Com essa perspectiva de descobrir e embasar uma reflexão teórica vamos ancorar no objeto de estudo para entendermos, melhor o nosso propósito. Porém, é pertinente antes enveredarmos pela rota de um contexto mais abrangente, o qual traz em seu bojo uma historização sucinta da Orientação e Mobilidade para as pessoas com deficiência visual. Precisaremos compreender como a modalidade foi criada, em outros países e aqui no Brasil. Atentos observaremos como no transcorrer da história houve mudanças nos conceitos e utilização desse objeto de estudo.

Nesse trilhar, passaremos por épocas, sociedades, espaços para, assim, compreender como se fazia a orientação e mobilidade, a aprendizagem e, principalmente, a prática por parte de quem utilizava. A trajetória do tempo irá nos remeter de maneira superficial às principais marcas, vestígios deixados pelos fatos históricos dessas pessoas.

Orientação e Mobilidade existe desde a Idade Antiga há muitos séculos. Nos primórdios da história, a locomoção do cego é citada ou em desenhos ou por escritas. Uns dos primeiros relatos da história é do filho de Abraão, Isaac, que ficou cego depois de certa idade e se deslocava com facilidade pelos campos com seu cajado de pastor, sendo assim, uma das primeiras bengalas da história registrada (Bíblia - Gênesis). Os indivíduos com cegueira fizeram, então, uso do cajado como auxílio para a locomoção. Servia para detectar obstáculos, como ponto de apoio em eventuais perdas do equilíbrio e também como instrumento de defesa contra animais.

A prática de andar com o cajado, não se configurava como hoje, o que denominamos de bengala longa para a Orientação Mobilidade. Contudo os seus objetivos já se materializavam no que diz respeito a independência de locomoção da pessoa cega e a sua autonomia de decisões. Constatamos essa maneira de andar com o cajado, ser eficiente pois a vida continuava para a pessoa cega em qualquer lugar que ela estivesse, fosse a céu aberto e, ou nos lugares mais específicos. Nesse espaço a relação com as outras pessoas havia interação que a distanciava da segregação e do isolamento, pois essa convivência permitia a inclusão ao meio.

A bíblia também relata que por serem cegos, estavam forçosamente condenados pela sociedade a uma vida de dificuldades e pobreza – “Aconteceu que ao aproximar-se de Jericó, estava um cego assentado a beira do caminho, pedindo esmolas”. (LUCAS 18. 35. A Cura do cego de Jericó). Em Roma Antiga, até o século XV, crianças que nasciam com deficiência visual, assim como outras deficiências eram jogadas ao precipício. Verifica-se, portanto, que na Antiguidade as pessoas com deficiência visual eram vistas como mal constituídas ou deformadas.

Na trajetória do tempo chegaremos a Idade Média onde a expansão do Cristianismo e a repercussão de que todos são a imagem e semelhança de Deus, descartou a eliminação, e foi substituída pela proteção, caridade e compaixão. Ao mesmo tempo, justifica-se a deficiência pela expiação dos pecados. Por isso, o deficiente visual, nesse período, encontra abrigo nas igrejas. Ainda na Idade Média, surgem as primeiras instituições asilares para proporcionar ao deficiente visual “assistência e proteção”. Na verdade, as instituições desta época não passavam de prisões, sem tratamento especializado nem programas educacionais.

Na idade moderna, começam a surgir as preocupações de caráter educacional em relação às pessoas cegas. No século XVI, o médico italiano Girolónia Cardoso, testou a possibilidade de leitura as pessoas cegas através do tato. Peter Pontamus, Fleming (cego) e o padre Lara Terzi escreveram os primeiros livros sobre a educação das pessoas cegas. Essas ideias vão se aperfeiçoando e ganhando força até culminar na criação da primeira escola para cegos do mundo, denominada de Instituto Real de Jovens Cegos, fundada em Paris, no ano de 1789 por Valemtim Haüy. A ideia que era possível educar o aluno deficiente repercutiu na Europa e nos EUA, onde se verificou a criação de escolas com a mesma proposta educacional, durante o séc. XIX (BRUNO e MOTA, 2001).

Ainda no séc. XIX no ano de 1825, Louis Braille, um jovem cego, estudante do Instituto Real de Jovens Cegos, criou um sistema de leitura e agora também de escrita, baseado em seis pontos em alto relevo, possibilitando assim uma abertura considerável para o aprimoramento educacional do aluno cego.

No Brasil, essas novas técnicas educacionais são trazidas por José Álvares de Azevedo, um brasileiro cego, após regressar de Paris, onde estudava no Instituto Real dos Jovens Cegos. Ele ensina então o sistema Braille a Àdelle Sigaud, filha cega do Médico Xavier Sigaud. A educação de Àdelle através do sistema Braille chegou ao conhecimento de D. Pedro II que, em

17 de setembro de 1854, na cidade do Rio de Janeiro, setenta anos depois da criação do Instituto Real de Meninos Cegos, criou no Brasil o Instituto Imperial dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamim Constant, sendo esta a primeira escola para cegos da América Latina.

Com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, desencadeia-se no Brasil uma grande atenção à educação da pessoa cega. Esta atenção originou a criação da primeira imprensa Braille do País em 1926 e mais adiante, em 1946, a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, hoje denominada Fundação Dorina Nowill, o que impulsionou a educação do cego em nosso país, pois tem como objetivo divulgar livros impressos em Braille. A primeira diretriz política dessa nova visão aparece em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo ser humano tem direito à educação” (ONU).

Ainda no século XX pais e parentes de pessoas deficientes organizam-se. Surgem as primeiras críticas à segregação. Teóricos defendem a normalização, ou seja, adequação do deficiente visual à sociedade para permitir sua integração. Então, em 1950, na cidade de São Paulo e, em 1957 na cidade do Rio de Janeiro inaugurou-se em escolas comuns, pertencentes à Rede Regular de Ensino, o Ensino Integrado, o que gerou maiores possibilidades de educação do aluno deficiente visual em todo o Brasil, que agora não mais necessitava disputar uma vaga nas poucas escolas especiais. A Educação Especial foi assumida pelo poder público em 1957 com a criação das “Companhias”, que eram destinadas especificamente para atender a cada uma das deficiências.

Quanto ao aperfeiçoamento da OM, através do uso da bengala, registra-se que após a II Guerra Mundial um grande número de pessoas voltou com deficiência visual e surgiram então os estudos sobre locomoção e reabilitação para as mesmas. Dr. Richard Hoover iniciou estes estudos modificando métodos antigos, onde as pessoas cegas usavam bengalas curtas e ortopédicas, adotando, então, a bengala longa como uma extensão tátil – sinestésica. Este método recebeu o nome de “Técnicas de Hoover”, sendo desenvolvidas no Valley Forge Hospital da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

As técnicas foram aperfeiçoadas no Veteran Administration Hospital, Illinois, onde os veteranos de guerra passaram a utilizar o método. A “Técnica de Hoover” mesmo não formalizada passou a ser utilizada em vários centros.

As primeiras bengalas longas de alumínio utilizadas no Brasil (São Paulo) eram importadas. Havia apenas dois tipos: inteiriça e telescópica. Ângelo Margarido, empresário da Bombril, membro do Lion's Club providenciou a fabricação de um lote de 1.000 bengalas inteiriças para serem doadas pela Fundação para o Livro do Cego no Brasil aos alunos cegos devidamente treinados na sua adequada utilização.

Dr. Benedito Lellis também membro do Lions's Club de Aparecida do Norte (SP), providenciou a produção e distribuição de 2.000 bengalas dobráveis para qualquer deficiente visual que aceitasse a doação. Colaborador do Lar das Moças Cegas, na cidade de Santos (SP), não mediu esforços para incluir as alunas dessa escola no desfile cívico-militar de sete de setembro de 1972, em comemoração aos 150 anos da independência do Brasil, sendo a primeira vez que o ferido feito foi realizado.

É bastante compreensível que Orientação seja a habilidade do indivíduo em perceber o ambiente que o cerca. Para isto ele estabelece relação corporal, espacial e temporal com este ambiente, através dos sentidos. Por sua vez, Mobilidade, a capacidade ou estado inato do indivíduo de se mover reagindo a estímulos internos ou externos, em equilíbrio estático ou dinâmico. FELIPPE e FELIPPE (1997) ensinam que a orientação da pessoa com deficiência visual é alcançada através da utilização da audição, aparelho vestibular, tato, consciência cinestésica, olfato e visão residual nos casos de pessoas com baixa visão. Por outro lado, a mobilidade é alcançada através de um processo ensino-aprendizagem, e de um método de treinamento, que envolve a utilização de recursos mecânicos, ópticos, eletrônicos, animal (cão guia), em vivências contextualizadas, favorecendo o desenvolvimento das habilidades e capacidades perceptivo-motoras.

Para Mazzaro (2003), a orientação é a destreza conquistada pelas pessoas com deficiência visual desde o momento de sua concepção, progredindo durante toda a vida, sempre aperfeiçoando no que diz respeito a esta habilidade específica. A estas definições a nossa experiência afirma que o professor, ao trabalhar a OM ele observe o programa específico. Diferente do aluno que tem visão (ocular), o aluno cego precisa de um auxiliar, pois este deverá auxiliá-lo em suas ações para mediar às descobertas e ajudá-la durante as explorações para que realmente faça sentido o seu trabalho.

Ratifica-se a presença do professor a estimular os alunos com deficiência a conquistarem conhecimentos que não ocorreram espontaneamente. O professor interfere e media situações de aprendizagem impulsionando o desenvolvimento desse aluno. Assim o processo de entendimento e compreensão da criança, em relação ao meio ambiente fica facilitado e de fértil concretude.

No Brasil, as primeiras pessoas com deficiência visual receberam treinamento nas técnicas de Orientação e Mobilidade (OM) no Departamento de Serviço Social da FLCB, onde foram preparados e receberam apoio de Serviço Social e de Psicologia. Participaram na parte prática do curso ministrado por Mr. Asenjo. O trabalho prosseguiu com Syllas Fernandes Maciel, à época, estagiário de Serviço Social, por seleção do Prof. Asenjo. Estendeu-se em seguida ao Instituto Nacional de Reabilitação da Universidade de São Paulo e que passou a fazer também a reabilitação de deficientes visuais. “Ensino da Técnica de Locomoção para as Pessoas Cegas” (MACIEL,1959¹²) foi o primeiro artigo publicado no Brasil sobre o tema na revista Lente, abril-junho, nº8 vol. III, 1959¹³. Seguem-se artigos publicados em anais de congressos e seminários. Trinta anos mais tarde foi publicado pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais o Manual de Orientação e Mobilidade do referido autor. A partir de então começam a aparecer outros trabalhos sobre o assunto: Helena Flávia de Rezende Melo, Rosa Maria Novi, Gracimar Bueno de Oliveira, são autores já conhecidos. Em 1960 a F.L.C.B. instala o seu Centro de Reabilitação no qual o fisioterapeuta Walter Roberto foi o professor de treinamento em orientação e mobilidade.

A formação, para este fim, começou de forma não oficial, com um curso de um ano e supervisão por igual tempo. Com a organização das áreas de Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Fonoaudiologia na Faculdade de Medicina da USP, a Orientação e Mobilidade também se estruturou tendo os primeiros cursos uma parte básica comum a todas as áreas e a parte específica em separado, sob a responsabilidade do Prof. Syllas Fernandes Maciel. Cinco turmas tiveram curso regular de um ano de duração com 400 horas de estágio, cumpridas no Instituto de Reabilitação e em entidades de prestação de serviços aos cegos. Em 1970 houve o encaminhamento da documentação para a oficialização do curso juntamente com as demais áreas. Estas conseguiram se oficializar como cursos superiores inicialmente vinculados à Faculdade de Medicina e posteriormente desmembrados. “Orientação e Mobilidade”, por

¹² Syllas Fernandes Maciel

¹³ Ano de Mil novecentos e cinquenta e nove

injunções de interesses diversos, não recebeu o acompanhamento político-administrativo suficiente e terminou ficando de fora.

Como meios alternativos foi feita a inclusão dos conteúdos dessa modalidade nos cursos de Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Pedagogia - Especialização no Ensino de Deficientes Visuais. Com as constantes modificações curriculares havidas, esses conteúdos acabaram ficando de fora ou reduzidos ao mínimo. Foram dados cursos avulsos em outras Unidades da Federação: Escola Paulista de Medicina, Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Minas Gerais, Secretarias de Estado da Educação e em diversos municípios. Também foram ministrados muitos treinamentos em serviço em entidades prestadoras de atendimento aos deficientes visuais e serviços públicos de saúde. Há alguns anos a Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID) interessou-se pelo tema, entretanto, os cursos de formação de especialistas em Orientação e Mobilidade de deficientes visuais ainda não têm sido realizados com regularidade e, por conseguinte, há falta de profissionais no mercado.

Orientação e Mobilidade e a nossa realidade - no Centro de Apoio ao Deficiente Visual, a aplicabilidade dessa ação, leva a maioria de seus alunos a perspectiva de uma independência física, ao caminhar, e uma transformação de vida no modo de pensar e agir, nas tomadas de decisões na vida. No referido centro, as aulas acontecem mediante a procura, item fundamental no respeito a individualidade de cada um. Para início do programa é feita uma entrevista com os mesmos, onde se procura observar ao máximo, a verdadeira intenção em praticar esta modalidade. Durante esta abordagem o professor, estrategicamente, caminha com o aluno, em volta da praça Dom João Costa, local onde o CADV está situado e neste percurso faz as devidas observações quanto ao andar, o equilíbrio, a postura corporal, a resistência física, a altivez nas diversas circunstancia de percepção do ambiente, a interação sobre o assunto da sua independência, e mais do que isto, ouve a sua narrativa de vida mobilizado pela a emoção e o expurgamento, da vida infortuna, muitas vezes, atribuídos a deficiência visual. É durante essa narrativa que começa o processo, e uma aprendizagem, nova, vai brotando na mente e interação dois protagonistas.



Foto 4. Aluno Pedro Henrique (8 anos) – Aula prática de introdução ao uso da bengala longa
Fonte: Arquivo do autor, (09/10/2014).

O professor, também, está atento para outros problemas de saúde, que o aluno, mesmo, possa confirmar, em sua narrativa, e, ou até observar sem que este o diga. Isto é relevante para que o objetivo do programa de orientação e mobilidade não sofra solução de continuidade, em função dessa possível patologia.

Passada essa fase, vem a exploração física do prédio em seu interior e exterior. Sempre como guia vidente o professor leva o aluno a interagir no diálogo, com si e com outros. Mediante a aproximação com a intencionalidade já observada no aluno, ele agora está dentro de um planejamento de aulas para alcançar seu objetivo. É comum as aulas práticas acontecerem em consonância com as teóricas. A maioria das informações e exercícios de reabilitação, e ou

habilitação, comumente acontece em movimento, seja na praça ou nas ruas. É uma maneira leve de motivar o aprendiz a perceber o que lhe rodeia e criar conceitos das coisas.



Foto 5. Francinildo em escala rolante – aula de Orientação e Mobilidade
Fonte: Arquivo do Autor, (17/05/2016).

A prática dessas aulas é fazer com que o aluno ou sujeito em atividade, seja o mais independente e autônomo possível. Levamos as crianças a sentir a sensação de independência, pois geralmente nesta idade são mais abertas e aceitam com mais facilidade ideias novas. Já incentivamos o uso da bengala para descobrirem que se usar a bengala explorarão os caminhos, protegidas dos perigos, com mais segurança e possibilidade de melhor desenvolvimento de sua autonomia. As crianças percebem não precisar de ajuda para a sua movimentação motora e descobrem ser capazes como as demais pessoas. Nesse enfoque logo perceberão ser tratadas com mais respeito, e o fator mais importante, romper certos preconceitos relacionados à cegueira. Portanto consideramos como fator significativo a integração social, dessas crianças e a interação através da autonomia da voz, comunicação verbal em suas perguntas e questionamentos.

Como iniciei na narrativa, as aulas são planejadas e aplicadas de maneira organizada, onde o conteúdo básico, aparece adequadamente no treinamento para cada um, especificamente. Com isso apresenta-se uma sequência básica dos passos a serem seguidos a fim de facilitar o trabalho do professor e aluno. Nós atuamos no Centro de Apoio sem a pretensão que o conteúdo seja esgotado em uma única sessão de treinamento. A experiência de vida, as condições físicas e a capacidade intelectual de cada pessoa cega a quem é ministrado o treinamento, além da sua

pré-disposição emocional e psicológica para empreendê-lo, são fatores variáveis que determinam o grau de assimilação do conteúdo de cada aula.



Foto 6. Aluna Gloria Maria de Melo – alunos Pedro Henrique de Freitas e Thiago Costa Silveira Aula prática de introdução ao uso da bengala longa

Fonte: Arquivo do Autor, (17/10/2014).

Quando estudamos OM e desejamos aplicar na vida de uma pessoa, partimos do pressuposto de que o mesmo seja administrado, somente por instrutores qualificados e com uma preparação básica de treinamento, que o mesmo tenha qualidades pessoais que lhe permitam efetuar adaptações e, compreender as necessidades específicas de cada aluno. Para isso o professor traça um útil e agradável método que adicionará motivação para o aluno compreender além do exercício, a sua inclusão nessa sociedade em que vigora a exclusão social.

A difusão das ideias inclusivas adotadas no Brasil como linha política e a decorrente decisão de matricular na escola regular os alunos com deficiência trouxeram à luz o fato de que concepções e práticas segregacionistas, integracionistas e inclusivistas convivem e se enfrentam no cotidiano das escolas (ANJOS; ANDRADE; PEREIRA, 2009, p. 117).

Ao contrário, acreditamos que o processo de inclusão denuncia as desigualdades e o desrespeito às minorias, reivindicando não só mudança de estruturas físicas, mas também de concepções, pensamento e planejamento da sociedade, procurando uma nova forma de organização social em que as diferenças individuais sejam respeitadas e não menosprezadas.

Quando se trata de traçar o programa de orientação e mobilidade é preciso visualizar o perfil, do aluno ou aluna, e diversas circunstâncias e anotar o que de mais real e possível possa

ser aplicado em seu benefício. Não consideramos técnicas ou orientações generalizadas, quando na vida cotidiana existem diferenças entre as pessoas. Trabalhamos orientação como parte inicial de uma perspectiva, de independência, levada pelo desejo de ser feliz, ser igual, compreender o mundo em volta e se sentir incluído na sociedade. Todas as pessoas com deficiência visual, quando motivadas, tende a enxergar, na mobilidade, tal caminho para o êxito. O direito de ir e vir, como está na Constituição de 1988, em seu Artigo 5, inciso XV, de se deslocar de um ponto para outro, só faz sentido quando os sujeitos assim o faz na plenitude de sua alteridade e na alegria em comunhão com o bem da coletividade.

Já abordamos conceitos e entendemos que Orientação e Mobilidade são fundamentais para a interação do indivíduo com o ambiente. Também falamos que ela representa a conquista da autonomia e um dos caminhos para a independência de locomoção. Quanto mais pessoas conhecerem condutas e procedimentos adequados em relação a OM, mais naturalidade teremos no convívio com as pessoas deficientes visuais. Acrescentar palavras nesses termos é observar o óbvio.

Um programa favorável a ser utilizado deve considerar alguns tópicos dentro de seu cronograma (FELIPPE, FELIPPE,1997, p.5): Conhecer, sentir, perceber e se relacionar afetiva e eficientemente com o seu corpo e com outras pessoas. Usar, o máximo possível, e de forma segura a capacidade funcional de sua visão residual (nos casos de pessoas com baixa visão); perceber e relacionar-se eficientemente com o espaço, assim como com os objetos, sons e odores significativos do ambiente, através da utilização dos sentidos remanescentes; deslocar-se por área internas e externas diferenciadas e utilizar meios de transportes com segurança.

Com base nos autores, seguimos as possíveis orientações e utilizamos seus métodos para a nossa prática de Orientação e Mobilidade, no CADV. Um programa geral (FELIPPE, FELIPPE,1997, p.5) pode ser traçado da seguinte maneira: Desenvolvimento dos pré-requisitos básicos - seria **cognitivo** - aquisição de conceitos; natureza dos objetos e ambientes; uso e função dos objetos; pensamento lógico; solução de problemas e tomada de decisão; retenção e transferência; abstração e generalização. **Psicomotores** - movimentos básicos fundamentais (locomotores, não-locomotores e manipulativos); capacidades perceptivas (discriminação cinestésica, tátil, visual, auditiva, olfativa e coordenações: olho/mão, olho/pé, ouvido/mão, ouvido/pé); capacidades físicas; habilidades e destrezas motoras. **Emocionais** - atitudes; motivação; valores; autoimagem e autoconfiança. Para o treinamento dos sentidos: utilização da

visão residual para as pessoas com baixa visão; interpretação de pistas e estabelecimento de pontos de referência captados através dos sentidos remanescentes e o relacionamento com o espaço de ação e com os objetos significados do ambiente através da utilização eficiente dos sentidos remanescentes.

Quanto às habilidades básicas de Orientação e Mobilidade, de acordo com (FELIPPE, FELIPPE,1997, p.5) seriam técnicas com a utilização do guia vidente: básica; mudança de direção; troca de lado; passagens estreitas; aceitando, recusando ou adequando ajuda; subir e descer escadas; passagens por portas; sentar-se em assentos perfilados ou em locais gerais e técnicas de autoproteção: proteção inferior; proteção superior; rastreamento com a mão; enquadramento e tomada de direção; métodos de pesquisa; localização de objetos; técnica para o cumprimento; método de pesquisa - familiarização com ambientes. Ainda nesse planejamento geral é preciso observar quanto ao desenvolvimento da orientação, seria os pontos de referência, pistas, sistemas de numeração interna, sistema de numeração externo, medição, orientação direcionada pelos pontos cardeais, auto familiarização.

Para o uso da bengala longa, seria as vivências pré-bengala; conhecimento e manipulação com a bengala; colocações da bengala; andando com um guia vidente - variações; varredura; técnicas diagonal - variações; detecção e exploração de objetos; portas; subir e descer escadas; técnicas de toque e desliza.



Foto 7. Aula de bengala longa com a aluna Mirian Gurgel Praxedes
Fonte: Arquivo do autor, (21/05/2010).

Quanto a locomoção em ambientes externos: Orientação - Concretização na aquisição e desenvolvimento de conceitos; Aperfeiçoamento das técnicas com a bengala longa e a Manutenção da marcha adequada. Para a área residencial, seria contornar obstáculos nas

calçadas; retornar à calçada; travessia de ruas; reorientação após a travessia de rua. Em área mista de pequeno comércio e área central, a travessia de ruas com semáforos; utilização de recursos para a travessia de pedestres; solicitação de ajuda; utilização de pequenos estabelecimentos comerciais e mobilidade em áreas com intenso tráfego de pedestres. Nas vivências especiais, como passagem por auto posto; familiarização com veículos; ônibus; elevadores; escadas rolantes; portas giratórias; trens; travessia de linhas férreas; feiras livres e mercados; hiper e supermercados; estações rodoviárias, ferroviárias, portuárias e aeroviárias, shopping centers - grandes magazines; ambientes específicos.

Portanto, neste programa geral citado por Felipe e Felipe (1997), o professor não deixará de observar esses itens, consideráveis na vida da pessoa com deficiência visual. Entendemos, também, que o autor deixa claro nas suas recomendações, que no planejamento dessa modalidade, o conteúdo curricular da grade de educação física se encaixa adequadamente em todos os itens do referido planejamento. Daí defendermos um profissional, com conhecimentos tais, para desenvolvê-lo junto ao aluno.

Por ser graduado, também, em Educação Física a ela me reporto pela sua pertinência, uma vez entender que a mesma propicia um desenvolvimento global e harmônico além de oferecer condições básicas para sua normalização e integração social. Através de exercícios físicos o sujeito cego ou de visão subnormal fortalece sua autoconfiança, desenvolve a parte física, psíquica e mentalmente. Ao praticar atividades físicas, regularmente, ele sente-se mais seguro e independente, favorecendo-lhe boas condições de saúde, pois os exercícios favorecem uma correta postura, tornando mais naturais os movimentos do corpo, adquirindo boas maneiras ao sentar, conversar, caminhar etc., facilitando assim a sua locomoção. Qualquer atividade física, tendo uma boa orientação do professor de Educação Física, além de todos esses benefícios, também ajuda na descontração e relaxamento, que é essencial para a coordenação dos movimentos durante o treinamento de Orientação e Mobilidade.

Ainda na área específica, um breve esclarecimento sobre Desenvolvimento Motor- O desenvolvimento motor é uma alteração contínua no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, que pode ser estudado tanto como um processo (envolve as necessidades biológicas subjacentes, ambientais e ocupacionais que influenciam o desenvolvimento motor e as habilidades motoras desde o período neonatal até a velhice), e quanto como um produto (onde o

desenvolvimento motor pode ser considerado como descritivo ou normativo, sendo analisado por fases - neonatal, infância, adolescência e idade adulta (GALLAHUE e OZMUN, 2003).

Portanto o Desenvolvimento Motor é uma das formas pela qual se pode estudar o Desenvolvimento Humano, que por sua vez apresenta inúmeros modelos, mas que revelam similaridades notáveis entre si. Porém, o Desenvolvimento Motor é altamente específico, diferentemente do Desenvolvimento Humano. Segundo Galahue (2003), a habilidade superior em uma área motora não garante habilidade similar em outras. Cada pessoa tem capacidades específicas em cada uma das muitas áreas de desempenho. Vários fatores que envolvem habilidades motoras e desempenho físico interagem de maneiras complexas com o desempenho cognitivo e afetivo. Cada um desses fatores é afetado por ampla variedade de exigências relacionadas a tarefas específicas (físicos/mecânicos) biológicas (gerados por fatores do indivíduo) e ambientais (experiências). Esses fatores geram alterações no comportamento motor que são denominadas alterações características do processo de Desenvolvimento Motor. O processo de Desenvolvimento Motor pode ser citado sob o aspecto de fases (fases de movimentos: reflexivos, rudimentares e fundamentais, e fase de habilidades motoras especializadas do desenvolvimento) e sob o aspecto de estágios. Estas fases e estágios desenvolvimentistas são projetados para servir como uma perspectiva teórica e somente como uma maneira de estruturar o Desenvolvimento Motor.

A Educação Física contribui com o programa geral para a Orientação e Mobilidade. Vejamos como se configura essa afirmativa nos movimentos básico-fundamentais, ex. Locomotores como andar, correr, pular, deslizar, saltar, rodar, rastejar, subir; não locomotores ou estabilizadores, aqueles que podem também ser praticados em locomoção, como puxar, empurrar, balançar, agachar, estirar, inclinar, girar. Nos manipulativos, como manejar, manipular, sustentar, efetuar movimentos de preensão com os dedos e mãos. Nas capacidades perceptivas, discriminação cinestésica: consciência corporal (bilateralidade, lateralidade, dominância, equilíbrio), imagem corporal, relação do corpo com os objetos circundantes no espaço. Discriminação auditiva, ex. Acuidade auditiva, acompanhamento auditivo, memória auditiva. Discriminação tátil; Capacidade de coordenação. Nas capacidades físicas: Resistência geral (cardiovascular) e resistência muscular localizada; Força; Flexibilidade; Agilidade: mudança de direção, partidas e parado tempo de reação-resposta, rapidez.

Nas destrezas motoras: Destrezas motoras adaptativas simples; Destreza motora adaptativa composta; Destreza motora adaptativa complexa. Na comunicação não-verbal: Movimento expressivo: postura e porte, gestos, expressão facial; Movimento interpretativo: movimento estético, movimento criativo. Tudo isso faz parte de um programa de educação corporal, no qual o profissional de orientação e mobilidade, enquanto professor de educação física, pode e deve aplicar, de forma especializada e individual com as pessoas com deficiência visual.

Em análise com o planejamento de Orientação e Mobilidade, observamos a complexidade da pessoa com deficiência visual quanto a sua exploração no desenvolvimento motor, conseqüentemente na coordenação motora. Por isso tais conhecimentos são de fundamental importância para compreendermos os resultados específicos de cada participante do programa.

Contudo as dificuldades da aplicação do planejamento de Orientação e Mobilidade, acontecem enquanto realidade, vigente e atuante de cada caso. O dia a dia do professor, de Orientação e Mobilidade, com seus alunos nas aulas cotidianas é marcado por inúmeros episódios, muitas vezes contrários ao planejado. Há diversas circunstâncias que levam ao fracasso, desmotivando ambos a prosseguir no processo. Cria-se a sensação de pouco progresso. Mas aquele que está à frente não pode curvar-se aos entraves, ao contrário ser um vento a mover os moinhos da solução. Para Nóvoa (1999) e Freire (2008), o professor não é um agente passivo, neutro, mas um ser importante para o processo de ascensão de muitos sujeitos. O professor transfigura-se como um ser cultural, político e histórico, que permite, por meio do conhecimento, os sujeitos reconhecerem como tais e transformarem seu meio social. Assim os desafios vividos, também pelo professor, no programa de orientação e mobilidades tendem a observar a ordem dessa afirmativa, tornando-o capaz de transformar a realidade em aprendizagem.

A realidade do CADV não difere daquelas instituições de reabilitação, cuja estrutura física e financeira, contribuem a pontos desfavoráveis. No centro o aluno é atendido uma vez, semanalmente, o que representa pouco tempo para assimilação de informações e práticas. Não havendo obrigatoriedade de presença senão pela consciência, desejo e perseverança dele, do cidadão e da família, há quebras e prejuízos no plano de ação. A questão financeira e pessoal, aliadas as dificuldades do poder público, cujo investimento na educação especial, ainda é tímida, constitui-se em barreiras, entraves e principal desafio na vida dos envolvidos.

Quando se trata de criança é preciso que o pai, a mãe ou um responsável a conduza ao Centro de Apoio, em turno contrário ao que ela estuda em sua escola. Essa dependência requer tempo e dinheiro para transporte e as ausências por esses motivos é o que caracteriza as lacunas do processo educativo. Vale ressaltar que muitos alunos moram bem distantes da instituição em foco.

Na questão do espaço físico e material próprio para as aulas de OM, quase sempre há adaptações e limites. Quando falamos na ação do professor que busca alternativas para vencer obstáculos, e, conseqüentemente garantir melhor desempenho do aluno, enfatizamos Nóvoa (1995, p.18) quando retrata “os professores são os protagonistas da grande operação histórica da escolarização, assumindo a tarefa de promover o valor da educação”. Em resposta é que estamos imbuídos de sentimentos humanos nos quais mergulhamos a procura dos sujeitos e da história de cada um. As pessoas com deficiência visual não podem pagar o preço da segregação, da omissão, do descaso de alguns, ao contrário, são merecedoras de novo olhar e de respeito aos seus direitos de serem iguais. Serão nos desafios, nas precariedades, nas adversidades que haveremos de alcançar o objetivo proposto, qual seja dar o primeiro degrau de uma subida pessoal a esses sujeitos. Na educação dos seus movimentos e na educação dos conhecimentos.

O que nos fortalece na persistência de ir ao encontro e de buscar meios alternativos, na aplicabilidade da OM, ao meio das dificuldades, são as pessoas que se abrem em suas histórias e narram a importância de viver esses momentos. O aluno João Marciliano Meira, cego e praticante de OM, diz no mais elevado sentimento de ternura e gratidão:

Não fosse por meio dessa atividade eu não estaria incluído na sociedade com tamanha desenvoltura. Sou profissional, servidor público municipal, atuo nos meios de comunicação como radialista, repórter, construí um lar e uma família, um ciclo de amizade bastante grande e me sinto sujeito comum ao meio dos demais. Agradeço a oportunidade de trabalhar OM, a começar de casa, quando os meus pais entenderam que era preciso me deixar livre para explorar o mundo em meu redor. Não tenho dúvidas e afirmo que aqueles com deficiência visual, cegos, assim como eu, precisam aplicar em suas vidas a orientação e mobilidade, como sendo o ponto de partida para uma libertação, uma independência e uma vida mais feliz. (João Marciliano Meira, entrevista realizada em 14/08/2014, Mossoró-RN).

As pessoas que já passaram pela experiência são contundentes em afirmar da sua real importância. O resultado como o de João Marciliano soma-se ao depoimento de Cecílio da Conceição que mesmo em idade avançada, ao ficar cego e perder a vontade de viver, traz do fundo da alma as palavras: “não fosse o CADV e as atividades que aqui pratico, entre as quais,

orientação e mobilidade, eu acho que já estaria morto. Esse mundo de cegos precisa de apoio porque a gente se sente nada, e quando encontramos pessoas que querem nos ajudar, parece que a vida vai começar de novo”.

Francisco de Assis Moraes graduado em história pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, acrescenta “só consegui vencer nos estudos porque sempre tive independência e autonomia, senão eu ainda estava preso, em casa, esperando uma pessoa a me guiar, em tudo que eu quisesse fazer. ”

São as histórias e acontecimentos que se misturam na vida de cada um que viveu e vive a experiência de Orientação e Mobilidade. A transformação pessoal, o desenvolvimento intelectual, o ganho emocional e a identidade de sentir-se valorizado e igual as pessoas comuns. Tudo isso e mais emoção sentimos quando escutamos essas pessoas. Para os videntes não parece de vital importância e de tamanha diferença, aquilo que fazem comumente: andar, caminhar, passear e resolver nossos problemas. Todavia na vida das pessoas que precisam dos olhos do coração para compreender o mundo, em uma só ação, que possam fazer sozinhos, é o diferencial, suficiente, para mudar as suas vidas.

Será na etapa seguinte a continuação de narrativas. Desta vez iremos mergulhar na área de atuação e apresentar o espaço reservado para a prática de orientação mobilidade.



Foto 8. Aula de bengala longa com a turma do curso de extensão DAIN/UERN
Fonte: Arquivo do autor, (11/05/2016).

2.2 - “Teoria e Ação: O Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV no caminho da Inclusão”



Foto 9. Centro de Apoio ao Deficiente Visual –CADV
Rua Ferreira Itajubá – Praça Dom João Costa
Santo Antônio - Mossoró-RN
Fonte: Arquivo do Centro de Apoio, (23/04/2006).



Foto 10. Mães aprendendo o sistema Braille no Centro de Apoio ao Deficiente Visual –CADV
Fonte: Arquivo do Centro de Apoio, (09/05/2016).

Neste item, discorrerei sobre o CADV, sua história e sua ação na perspectiva de inclusão social das pessoas com deficiência visual. Ele é palco das discussões e aplicabilidade dos conceitos e práticas do programa de orientação e mobilidade. Local imprescindível para a vida de muitas pessoas que ali viveram suas transformações e se descobriram como sujeitos.

A existência do Centro de Apoio ao Deficiente Visual, confunde-se com as histórias de vida de todos que por ali passaram. A narrativa, histórica, deste centro encontra-se as bases legais de sua existência onde vamos, pela doçura da sua criação, ao encontro com o sujeito cego.

Constatamos que nem sempre, ele possuiu essa denominação. Sua história teve início em 1987, quando surgiu a preocupação com a educação e reabilitação das pessoas com deficiência visual em nossa cidade. Na ocasião, foi criado o Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais (CREDEV), por iniciativa do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, através do Movimento de Integração e Orientação Social – MEIOS – e do Programa Nacional do Voluntariado (PRONAV). Em 1989, pessoas com deficiência visual e alguns educadores se engajaram na luta em prol da construção e/ou um espaço para desenvolver atividades voltadas para as questões inerentes à deficiência visual, assim, fundaram a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró (ADVM). Nesse período, o CREDEV passou a integrar a ADVM e denominou-se Escola Louis Braille, uma homenagem ao criador e divulgador do Sistema Braille – o francês Louis Braille -, tendo como entidade mantenedora a ADVM.

Em 24/11/1994 a portaria n.º. 573/94 – SEC/GS foi autorizada pelo Conselho Estadual de Educação para funcionar como escola especial de 1ª à 4ª série, atendendo apenas a alunos com deficiência visual. Em 1997, foi integrada à rede municipal de ensino de Mossoró. Em 2000, com o advento da proposta de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino, a escola especial foi extinta e passou a se constituir em um Centro de Apoio ao Deficiente Visual. Em 2002, foi desativada oficialmente a escola Louis Braille, pelo Decreto n.º 2.103/02 e foi criado o Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV), através do Decreto n.º 2.104/2002. Em 24/09/2003, foi criado o Núcleo de Apoio Pedagógico e Produção Braille (NAPPB) no Centro de Apoio ao Deficiente Visual, com o intuito de atender às pessoas cegas e de baixa visão com a produção de textos e ou livros em Braille, ampliados e falados.

Hoje é uma instituição especializada no Atendimento Educacional Especializado, complementar e suplementar, que orienta e oferece formação continuada aos profissionais da educação das escolas regulares, nos níveis de ensino básico na rede regular de ensino no processo

ensino/aprendizagem. Visa habilitar e reabilitar o educando com deficiência visual para o efetivo exercício da cidadania. O Projeto Político Pedagógico fundamenta-se em concepções de aprendizagem inerentes a essa clientela, onde o sujeito é o centro; segundo normas legais da educação especial com atividades curriculares que promovam o pleno desempenho acadêmico e social de pessoas e alunos com deficiência visual (cegueira e baixa visão).

Para tanto, o CADV, desenvolve quatro ações primordiais dentro do seu Projeto Político Pedagógico, a saber: Formação de Professores, Produção de material em Braille, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o Apoio Pedagógico às disciplinas no ensino regular. Ainda é da competência do CADV, atender a qualquer pessoa com deficiência visual, sendo aluno ou não do sistema regular de ensino. O CADV desenvolverá seu PPP junto ao corpo docente e discente, que foi construído com os demais funcionários e comunidade.

Cabe, contudo, ao Diretor do Centro junto à sua equipe de trabalho, gerenciar as ações dessa Instituição com autonomia administrativa e pedagógica para um bom funcionamento e resultados exitosos de aprendizagem, levando em consideração as competências e habilidades de todo o quadro funcional.

Dessa forma, torna-se imprescindível, pois, a construção e sistematização do conhecimento e dos saberes que se viabilizam através da ação pedagógica, a gestão, a organização do processo de trabalho, a prática docente, as ações coletivas, a cultura organizacional, o envolvimento da comunidade, a tomada de consciência que constituem espaços relevantes na atuação do ser humano como parte integrante da historicidade do homem na sociedade moderna. A dimensão política, ou seja, aquela da criticidade democrática. O Projeto Pedagógico é fundamental, que conforme Lira (2007, p. 99), "os saberes docentes, agora, deverão ser compostas por elementos que levem à flexibilidade dos currículos e considere a diversidade humana na escola. Esta, por sua vez, deverá superar a seleção e ser, de fato, democrática". Nessa perspectiva, é que se fala em inclusão, para que todos tenham os mesmos direitos e deveres, construindo um universo que favoreça o crescimento, a valorização, as diferenças e o potencial de todos.

Sob essa ótica, o projeto explicita de forma clara e objetiva os eixos que norteiam princípios, valores, objetivos, metas, ações, metodologias, procedimentos avaliativos e

funcionamento organizacional do Centro, com fins de promover a acessibilidade qualitativa e significativa para o educando e outros, que participam do processo socioeducativo da instituição.

Nossa missão é assegurar o Atendimento Educacional Especializado, contribuir para a formação continuada dos profissionais da educação básica da rede regular de ensino, orientando-os quanto ao processo de inclusão dos educandos com deficiência visual e contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes, preparados para o exercício da vida profissional e para os desafios do mundo moderno.

A visão de futuro consiste em ser referência de qualidade no atendimento às pessoas com deficiência visual. Os valores se dizem ao respeito, solidariedade e compromisso, sendo o respeito à dignidade e os direitos de cada pessoa em nossa instituição; a solidariedade é valorizar o espírito coletivo e o compromisso é fazer valer o senso de responsabilidade, seriedade em todas as nossas ações.

Ressaltamos as dificuldades vividas na época, fosse escola e posterior Centro além do Núcleo de produção. A começar pela mão de obra especializada que foi surgindo ao meio de pessoas, até mesmo voluntárias, e que vestiam a camisa da causa das pessoas com deficiência visual. Não bastasse um governo que embora tivesse bons olhos para a criação da instituição, não cumpria como de direito, as suas obrigações para um bom funcionamento. Para manter-se firme foi preciso luta, desgastes, demissões, intrigas e até esvaziamento e extinção da escola. Assim o processo continuou e pela criação da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró (ADVM), hoje continuamos a lutar pela causa. Integrados, ainda em um mesmo prédio, as instituições CADV e ADVM caminham com a mesma clientela, em distintos papéis educacionais e sociais, porém com o mesmo objetivo que é dar assistência aquelas pessoas que tem deficiência visual.

O Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró encontra-se cravado na praça Dom João Costa, mais precisamente na rua Ferreira Itajubá, bairro Santo Antônio. Antes de se tornar o CADV, já fora escola, com a denominação de Escola Municipal Luiz Braille. Uma instituição educacional com o público alvo de pessoas com deficiência visual, seja de Mossoró, e, ou outras regiões.

Sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Mossoró, o Centro de Apoio segue as orientações da Secretaria de Educação do Município. Com prédio próprio, tem com oito salas de atendimentos, sendo uma delas cedida a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró (ADVM), dentre as modalidades específicas que são oferecidas aos alunos matriculados, ou não, na rede municipal e estadual destacamos:

Orientação e Mobilidade (OM) que favorece a independência, autoconfiança e a autonomia, além da integração social das pessoas com deficiência visual, por meio da aprendizagem de técnicas que lhes possibilitem a locomoção independente.

Atividade da vida autônoma (AVA) é o conjunto de atividades que visa o desenvolvimento pessoal e social nos múltiplos afazeres do cotidiano, tendo em vista a independência, autonomia e convivência social do educando com deficiência visual.

Sistema Braille - código universal de leitura tátil e escrita usada por pessoas cegas, inventado na França por Louis Braille, um jovem cego. É composto de 06(seis) pontos em relevo que resultam em 64 (sessenta e quatro) combinações.

Técnicas do uso do soroban – Visa proporcionar o aprendizado de operações matemáticas por meio de um instrumento de procedência japonesa adaptado para o uso de pessoas com deficiência visual.

Escrita cursiva - é um método utilizado pela pessoa cega para escrever seu nome de próprio punho (assinatura).

Suporte pedagógico - consiste no atendimento referente à leitura de textos/livros por parte do professor/ledor para tornar acessíveis os conteúdos para os educandos com deficiência visual, bem como, confecção ou adaptação de recursos didáticos; transcrições de textos /livros; visitas às escolas para dar orientações acerca do atendimento e necessidades dos alunos com deficiência visual.

Intervenção precoce é o atendimento com as orientações aos pais, visando promover o desenvolvimento psicomotor, sensorial, afetivo e social da criança com deficiência visual, possibilitando sua atuação no meio.

Estratégias para a usabilidade da tecnologia assistiva e o apoio ao acompanhamento curricular pedagógico, que são as leituras e explicações de conteúdo programático.

Núcleo de Apoio Pedagógico e Produção Braille (NAPPB) objetiva a geração de materiais didático-Pedagógicos, tais como: textos em Braille, ampliados e sonoros (falados), bem como a finalidade de complementação curricular de ensino regular, como: mapas, gráficos tabelas e outros. Nesse sentido utiliza-se o programa MEC DAYSE, ferramenta que possibilita a disponibilização de serviços e ou recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem, conforme diretrizes operacionais do AEE, resolução nº 04, de outubro de 2009. Ressalta-se que que essa modalidade se encontra desativada.

O CADV prima pelos seus profissionais oferecendo formação contínua de professores, através de estudos temáticos inclusivos, oficinas (Braille, Soroban, Escrita Cursiva), visitas sistemáticas às escolas regulares, nas visitas itinerantes onde se discute o processo ensino/aprendizagem na sala de aula, além das diversas participações em cursos, seminários. Atualmente tem oito professores, dentre os quais, dois tem vínculo, também com o estado. Os mesmos se dividem em horários distintos para atendimento nos turnos matutino e vespertino, respectivamente, de segunda a sexta feira. Três funcionários atuam nas funções técnico administrativo, ASG e merendeira, respectivamente e mais dois estagiários no apoio a parte pedagógica.

Qualquer aluno ou pessoa da comunidade que tenha deficiência visual pode receber as orientações do centro. Para o acompanhamento delas, mantem-se uma ficha cadastral na qual consta os dados pessoais, a causa da sua deficiência (via laudo médico) e registrado o tipo de atendimento optaram por receber.

A faixa etária dos alunos vai desde a intervenção precoce (junto a família) para os casos de crianças de colo, aos matriculados nas UEI's¹⁴ e seguindo aos demais níveis de ensino, quais sejam séries iniciais, fundamental e até mesmo ao nível superior, uma vez aqueles alunos que chegam a Universidade, ainda procurarem apoio junto a Instituição. Ressaltamos que o maior

¹⁴ Unidades Educacionais Infantis

número de pessoas atendidas pelo Centro, pertencem a comunidade e que não estão, necessariamente, matriculadas na rede regular de ensino.

O universo de cadastro alcança mais de cem pessoas, oriundas da extinta Escola Luiz Braille e numa “população flutuante” cerca de cinquenta pessoas passam pelo CADV, durante a semana. O atendimento é individualizado e o aluno não tem a obrigatoriedade de presença. Todavia a sistematização do trabalho tem um planejamento, e o professor observa e acompanha o desempenho de cada um. Em um instante sombrio e quase nefasto da inquietude do professor, que trabalha essa deficiência, que tem a responsabilidade de ver, além dos seus olhos, o CADV é construído a cada dia pelas histórias de vida de cada um, pelo esforço e dedicação de muitos que insistem na coletividade.

Inebriado pelo aprendizado teórico, o professor que trabalha com pessoas com deficiência visual, procura ajudar na acessibilidade, compreender à diversidade e a lutar pela inclusão. Assim o faz porque tem em mãos pessoas especiais. Para Mantoan (2006, p.54) “ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas que são pedagógicas, que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis”. É preciso partir de si ao encontro do outro. As mudanças urgem e emergem a medida das nossas atitudes do dia a dia e da interação com o mundo que nos cerca. Não aprendemos sozinhos e ninguém ensina a si próprio, senão reconhecer as limitações e capacidade de se transformar.

Para Imbernón (2000), a trajetória profissional do professor não é estanque, ela só tem partida (formação inicial) nunca tem chegada (um conhecimento pronto, acabado) deve sempre continuar. É o que fazemos quando na prática encaramos os desafios de levar um pouco de si, no diálogo com o outro, as preocupações que dividimos, as angústias e também os acertos. O CADV assim como representa para os alunos o lugar sagrado, o solo fértil para suas colheitas pessoais, da mesma forma é o palco impar do professor que doa um pouco de si, para a felicidade de outrem. Qualquer função que um profissional venha a desempenhar neste local, em primeiro lugar ele enxerga o sujeito que ali reside. E esse sujeito passa a fazer parte da sua vida, porque encontra em você uma parte do seu caminhar, um sonho a se realizar e uma vida a se explorar. A deficiência ocupa lugar secundário a ser superada pelas ações.

Não se constitui este Centro de Apoio, apenas no seu aspecto físico, carente e adaptado, como vemos; não são paredes frias que respiram ansiedade, angustia, desejos, sonhos, lutas e lutas. É o amor, a mola mestre, que move quantos, no centro, transitam e por si diz ser essa instituição. Passados 13 anos de sua criação, um tempo curto, mas de duração eterna. Muitos saborearam os seus frutos. Outros quem sabe tragaram o amargo de suas dificuldades e limitações. Mas sempre no ritmo de movimento constante, onde pessoas se encontram, se descobrem, crescem e amam.

É na alegria das palavras da aluna Luzia Helena, que fazemos uma fotografia, em nossa cabeça, de como representa o Centro de Apoio para aqueles que não enxergam com seus olhos físicos. Ela assim se expressou: “o Centro de Apoio para mim é como se fosse a minha casa. Casa que não tenho, pois, pago aluguel. Aqui sou dona de mim e tenho os meus amigos para conversar. É muito importante o centro na minha vida”.

E caminhando, navegando no mar das histórias continuemos a mostrar, em panorâmica, como se vence barreiras. É no diálogo com a legislação que abordaremos no próximo item as barreiras, enfrentadas e superadas pelas pessoas com deficiência, as suas lutas e suas conquistas sociais. Muito embora sejamos claros e conscientes de que a lei por si não resolve problemas, senão as atitudes de cada homem e mulher que acredita na transformação da sociedade.

2.3 - Deficiência visual: uma barreira superada pela igualdade de direitos

Desde a mais tenra existência, o ser humano nasce livre e por isso tem, ou melhor, deveria ter seus direitos assegurados. No entanto, no Brasil, apenas após a Constituição Federal de 1988 é que se pôde ter no papel um documento que pudesse de forma mais concreta assegurar os direitos dos cidadãos brasileiros. Quem tem algum tipo de deficiência luta, a cada dia pelos seus direitos, embora a sociedade muitas vezes, seja uma pedra no caminho dessas pessoas. Porém a união e o desejo de abrir horizontes para pessoas cegas e de baixa visão, além no engajamento nas discussões a esse respeito, tem feito de vários grupos de pessoas, com deficiência visual, suas trincheiras de lutas, aliadas a legislação vigente no país, e procuram não esgotar o discurso partindo para a cobrança da operacionalidade das leis.



Foto 11. Professor e aluno em escada rolante
Fonte: Arquivo do Autor, (17/05/2016).

A inclusão de pessoas com deficiências não é uma questão escolar, mas sim uma questão de educação, vista como algo amplo, nato, particular de cada ser humano, cultura de cada pessoa. E quando falamos de inclusão é antes de tudo uma questão de Direitos Humanos. Observa-se que discussões e até mesmo políticas públicas no sentido de promover essa inclusão escolar e social das pessoas com deficiência, acabam, muitas vezes, apenas, sendo elaboradas. As pessoas com deficiência já não querem mais apenas sentir-se integrados, eles desejam ser agentes, protagonistas de mudanças na sociedade em que vivem também. Na escola, por exemplo, não são mais simples ouvintes, ou um a mais em sala, eles querem agir, praticar, emitir opiniões, serem críticos, enfim, desenvolverem todas suas habilidades e aptidões.

Vale lembrar que o processo de inclusão não é um processo regionalizado ou municipalizado, essa consciência da necessidade de inclusão das pessoas com deficiência é de âmbito mundial, globalizado e irreversível. E nessa trilha da história, refeita, e na construção de uma nova percepção, novo olhar, que abordaremos a partir de então como a sociedade pode atuar na quebra de barreiras arquitetônicas, atitudinais, comunicacionais e outras mais que dificultam a vida das pessoas.

Para isto enfatizaremos leis que ajudam na superação das pessoas com deficiência, e em particular a visual, aqui em Mossoró e região. Concomitante são nas narrativas dos sujeitos, que sustentamos as possibilidades de mudanças, uma vez acreditar que o momento de narração e as reflexões irão conduzir o sujeito à conscientização das suas práticas. As pessoas intervêm de forma consciente, chega à conclusão de melhorar e repensar. Assim elas se reencontram e caminham para um crescimento pessoal.

Momberger (2008, p 10) conceitua biografia e a sua contribuição para o sujeito narrador de sua trajetória de vida:

Toda biografia é um percurso de formação, no sentido em que ela organiza temporal e estruturalmente os episódios e as experiências da vida no quadro da história. Toda experiência vivida é formativa, na medida em que se inscreve numa configuração biográfica, na qual encontra sua forma e seu sentido em relação a um conjunto ordenado de experiências construídas.

Com o propósito de ouvir, seguir em rumo às narrativas dos alunos do CADV, enfatizaremos como eles assimilam as leis feitas para as pessoas com deficiência.

A Educação Especial no Brasil aparece pela primeira vez na Lei de Diretrizes e Bases Nº4024, de 1961. A Lei garantiu o direito dos “alunos excepcionais” à educação, estabelecendo a integração desses alunos em seu artigo 88: “A educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, afim de integrá-los na comunidade” (BRASIL,1961). Este artigo, segundo Maria Teresa Eglér Mantoan, causou certa ambiguidade no caráter da Educação Especial. Esta e outras imprecisões acentuaram o caráter dúbio da Educação Especial no sistema geral de educação. A questão que se punha na época era: enfim, diante da Lei, trata-se de um sistema comum ou especial de educação? (MANTOAN, 2000). Mais perguntas e poucas respostas se acumulavam no bojo da discussão a respeito. Enquanto isso uma grande parcela de pessoas continuava a emergir e clamar direitos.

Voz de um aluno, cego, em sala de aula: “ Gostaria de participar mais das aulas, interagir nos assuntos e fazer o que os outros alunos fazem, em sala. É difícil e não culpo só os professores porque sei que em todo canto é assim”. E, continua: ”eu fico apenas sentado ouvindo e sou um a

mais inserido no meio deles”. A lei que garante sua inserção não o faz incluído em sala regular, aumentando o disfarce da inclusão e frustrando a quem precisa algo mais do que isto.

A era da inclusão. Em 1978, pela primeira vez, uma Emenda à Constituição Brasileira trata do direito da pessoa com deficiência: “É assegurada ao deficiente a melhoria de sua condição social e econômica especialmente mediante educação especial e gratuita”. Nas décadas de 80 e 90, com o avanço científico, foram criados nas universidades os cursos para formação continuada de docentes e a criação de Centros de Atendimentos com Núcleos de Estudos, tais como: UNESP – Marília, UNICAMP – SP, Santa Casa – SP e UERJ – RJ. Neste mesmo período, declarações e tratados mundiais passam a defender a integração em larga escala.

Em 1985, a Assembleia Geral das Nações Unidas lança o Programa de Ação Mundial para as pessoas deficientes, que recomenda: “Quando for pedagogicamente factível, o ensino de pessoas deficientes deve acontecer dentro do sistema escolar normal”. Também durante as décadas de 80 e 90, surgem as associações de pais, deficientes e amigos, como a Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual – LARAMARA, de São Paulo e outras associações que lutam para que os direitos do deficiente visual sejam respeitados e preservados.

O aluno, Antônio Pedro, que tem deficiência visual afirma: “não basta só as leis e discursos de inclusão. Precisamos de ação e atitudes da sociedade para que tenhamos nossos direitos garantidos e nos sintamos pessoas iguais”. Corroborando com o pensamento de Antônio Pedro, outro aluno com deficiência visual, Francisco Clodoaldo dos Santos, afirma: “ nós temos que nos virar sozinhos, senão estamos lascados”. Acreditamos nas afirmações dos dois alunos e temos certeza que outros tantos, também comungam com esses pensamentos. Nas afirmações, percebemos um raciocínio lógico, crítico e reflexivo para essa questão, e nos encoraja a crermos nas possíveis mudanças e alterações do quadro social, em nosso país.

No Brasil, o interesse pela educação integrada é evidenciado na nova Constituinte de 1988, que garante atendimento especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Isto se refletiu na Lei Federal Nº 7.853/88, no item da Educação, que prevê “a oferta obrigatória e gratuita da Educação Especial em estabelecimentos públicos de ensino, da rede regular e prevê crime punível com reclusão de um a quatro anos e multa para os dirigentes de ensino público ou particular que recusarem e suspenderem, sem justa causa, a matrícula de um aluno”.

A Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em março de 1990, na cidade de Jomtien, Tailândia, reforça a Constituição Federal, pois prevê que a educação básica seja oferecida para todos (mulheres, camponeses, negros, índios, presos e deficientes) pela universalização do acesso, promoção da igualdade, ampliação de meios e conteúdo da Educação Básica e melhoria do ambiente de estudo.

Também em 1990, o Brasil aprova o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que reitera os direitos garantidos na Constituição: atendimento educacional especializado para portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Em junho de 1994, dirigentes de mais de oitenta países se reúnem na Espanha e assinam a Declaração de Salamanca, um dos mais importantes documentos de compromisso de garantia de direitos educacionais. Ela proclama as escolas regulares inclusivas como o meio mais eficaz de combate à discriminação e determina que as escolas devam acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais ou linguísticas.

Em, 20 de dezembro de 1996, criou-se a Lei N°9.394, denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a qual destina o capítulo V inteiramente a Educação Especial e faz o conserto (correção social) e concerto (sintonia internacional) da terminologia “portadores de deficiência” para “educandos com necessidades educacionais especiais”. Apesar dos benefícios que a Lei de Diretrizes e Bases n°9.394/96 trouxe; a legislação educacional brasileira, em alguns artigos, ainda apresenta contradições que dão margem às interpretações variadas.

Ressaltamos como de fundamental importância para a vida das pessoas que tem algum tipo de deficiência, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em 11 de dezembro de 2006 - Organização das Nações Unidas – ONU, essa Convenção e seu respectivo protocolo facultativo foram ratificados pelo Congresso Nacional em 09 de setembro de 2008 pelo decreto legislativo n° 186/2008 e todos os seus artigos são de aplicação imediata. Tornando de vez, o Brasil país signatário da mesma.

Por fim, nos dias atuais, a presidente da República Federativa do Brasil, sancionou a lei de número 13.146 de 06 de junho de 2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão, numa prova inequívoca de que as vozes dessas pessoas estão sendo ouvidas e que os seus direitos estão sendo, cada vez mais, assegurados. Para destaque dessa lei elencamos:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Depois de alguns anos, tramitando no Congresso, a vitória de quem sempre sonhou e lutou, por ver seus direitos assegurados.

No Art. 3º quando trata da acessibilidade com o seguinte teor: “Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informações e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços de instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”. Entendemos que na prática o cidadão e a cidadã, deste país, respeitam as limitações dos outros, e fazem nas suas atitudes inclusivas, valer a lei. Quanto ao desenho universal que versa no II inciso: “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva”. Vemos aí um longo caminho a percorrer e, se não nos desanima, contudo nos faz cientes de um longo prazo para a sua concretude. No item III: “tecnologia assistiva ou ajuda técnica. São os produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social”. Neste item embora precisemos avançar mais, temos consciência de uma realidade já presente, em diversas dimensões da sociedade. Na escola por exemplo, há uma variedade de tecnologias que permitem aos alunos com deficiência, participarem da vida cotidiana da mesma. Queremos destacar o item IV, que fala sobre as barreiras: “qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em urbanísticas, arquitetônicas, transportes, comunicação e informações, atitudinais, tecnológicas”. Acreditamos ser a barreira atitudinal, ou seja, aquela que deve partir da ação de cada um, sua consciência em respeitar os outros, a mais presente na vida das pessoas com deficiência. Nada sobrepõe a atitude de quem deseja mudar ou não uma realidade.

As pessoas com deficiência visual enxergamos, por exemplo no Art. 14. Que fala sobre processo de habilitação e de reabilitação é um direito da pessoa com deficiência. Acrescenta: Parágrafo único - “O processo de habilitação e de reabilitação tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas”.

Em um breve e rápido olhar, a legislação específica podemos sentir que as vozes, há tempos silenciadas, agora emergem em forma de lei. Entendemos ser avanço a conceituação de deficiência, que não é mais compreendida como uma condição estática e biológica da pessoa, mas como o resultado da interação das barreiras impostas pelo meio com as limitações de natureza física, mental, intelectual e sensorial do indivíduo. Neste sentido, a deficiência deixa de ser um atributo da pessoa. Passa a ser, portanto, o resultado das respostas inacessíveis que a sociedade e o Estado dão às características de cada um. Não esqueçamos que a LBI tem como base a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, o primeiro tratado internacional de direitos humanos a ser incorporado pelo ordenamento jurídico brasileiro com o status de emenda constitucional.

Diante dessas citações da LBI, gostaríamos que aumentasse a perspectiva, de uma vida melhor, das pessoas que frequentam o Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró. Gostaríamos de ver em suas histórias, a quebra de barreiras e seus discursos mudados e pautadas pelos direitos, garantidos sob forma de lei. Oxalá aja e interaja nos diversos segmentos da sociedade, com mais garantia de voz. Quero sentir a partir desse novo tempo, uma construção de sonhos e nova realidade de vida. Acreditemos nas ações daqueles interessados em mudar a história, e que possamos ver, muito em breve, esse sujeito uma pessoa diferente no jeito de pensar a deficiência e repensar o mundo. Haverá nesse processo a certeza de estabelecerem-se relações de amizade, confiança e respeito à dignidade humana.

A inclusão vem com o ideal de todos sem diferenciação e isso faz parte de uma política democrática. A quebra de barreiras e superação de obstáculos acontece paulatinamente, na medida de sua experiência e participação no processo.

Em se tratando de pesquisa nesse campo educacional, pautado em leis, buscamos na Orientação e Mobilidade, o caminho para o alargamento da inclusão, das pessoas com deficiência visual. É pertinente ao meio do aporte teórico, lançarmos mãos das histórias de vida de cada um, pensando como algo significativo, capaz de transforma-lo nessa perspectiva de nova sociedade.

Acreditando na metodologia auto (biográfica), verificamos que desde os anos 80 esta tem se tornado força, permitindo ao pesquisador e pesquisado, na ação de narrar e escrever as suas histórias de vida, também se refazerem e autoformar. Ao contrário do ato investigativo de uma mera ação mecânica, porém, mas pensada, sentida e analisada sem o famigerado intuito do objetivismo, unilateralidade e da quantidade. Nesse aspecto, Souza (2008, p. 42) e outros autores mergulham na fonte histórica, a qual apresenta todo nascedouro da (auto) biografia como formação permanente do ser adulto.

É visível que no processo científico sempre há resistências para a (auto) biografia tornar-se ciência. Já dizia Santos (2007, p. 82) “na Antropologia, a distância empírica entre o sujeito e o objeto era enorme”. Sempre houve um distanciamento entre pesquisador e pesquisado, porque o pensamento é muito técnico, mecânico, e a subjetividade, a singularidade dos sujeitos não fazem parte dessa construção. Porém é a nossa intenção analisar os efeitos da OM na vida das pessoas com deficiência visual, de apresentar as suas narrativas, como inequívocas provas de transformação pessoal.

Santos (2007, p. 84) argumenta haver dois rumos a seguir nessa trilha: o paradigma dominante e o paradigma emergente. “O paradigma emergente, o caráter (auto) biográfico do conhecimento-emancipação que é plenamente assumido como um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separa, antes nos une pessoalmente ao que estudamos”.

Optamos por este lançando mão do paradigma emergente que defende não haver uma verdade, mas verdades. O que não caracteriza o paradigma dominante, objetividade, busca incessante pela verdade absoluta, e tentativa de resolver problemas. Entendemos o mesmo está ultrapassado, porque não atende à demanda da sociedade contemporânea, e foi a partir dessa realidade, necessidade de obter respostas para certos problemas sociais que se foi pensado esse paradigma e sustentado esse método (auto) biográfico. Esse método propõe um deleite reflexivo e intervencionista sobre a sua própria vida. Passeggi (2003, p. 06) acentua que o processo (auto)

biográfico provoca um duelo interno, mas afirma que “a importância do conflito sócio cognitivo é levar o outro a tomar consciência de respostas alternativas”.

A nossa pesquisa caminha pela proposta apresentada na perspectiva de uma investigação pautada no sujeito, ser considerada sua história de vida individual e coletiva, aspectos formativos e não-formativos no transcorrer da sua trajetória de vida. Pensamos em uma aproximação sujeito e objeto, para concretizar nossos objetivos.

Portanto, o momento de narrativa, todas as reflexões irão conduzir o sujeito a uma tomada de consciência, conseqüentemente em suas ações. E isso veremos no capítulo seguinte quando a transformação de vida do sujeito, desta pesquisa, é narrada de forma objetiva onde ele próprio apresenta o objeto de estudo como mola propulsora para o seu desenvolvimento humano e inclusão na sociedade.

CAPÍTULO 3. A TRANSFORMAÇÃO: NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA DE UM ALUNO CEGO DO CENTRO DE APOIO AO DEFICIENTE VISUAL - CADV

Para este terceiro capítulo faremos unir as vozes, as emoções e as recordações narradas pelo sujeito e colaboradores, ao fervor das discussões provocadas pelos autores sobre inclusão, formação pessoal, Orientação e Mobilidade e o método (auto) biográfico. Assim questionamos como Francinildo Rocha aluno cego, do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV, consegue a autonomia, independência de locomoção e a sua formação pessoal que resulta na transformação do seu *eu*. Observa-se, então, se esta ação está pautada no processo inclusivo de ensino aprendizagem, aglutinados nos propósitos da investigação.

Para tanto lançamos mão de uma entrevista de profundidade feita com ele próprio e sua mãe, Dona Angelina Júlia. Esta entrevista foi realizada em sua residência em Caraúbas, no dia 16 de fevereiro de 2016, momento em que mãe e filho narraram sobre si, como aprendizado daquilo que a vida lhe oferece. Observamos, dentro das narrativas, qual transformação ocorreu na vida de Francinildo, que é uma pessoa cega.

Neste sentido, para Souza (2006) uma questão importante é indicar como concebemos o papel do pesquisador no processo de recolher das fontes e elaboração do conhecimento. Não concordamos com as posições que reduzem o papel do pesquisador à mera descrição, argumentando que toda interpretação implica traição à essência do discurso do outro. Pelo contrário, está claro que o papel do pesquisador não pode limitar-se a tomar notas, pois sua tarefa é a escuta sensível na qual percebe os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas. Os relatos somente são relevantes porque respondem à historicidade e subjetividade dos sujeitos em suas itinerâncias e formação. Desta forma, pretendemos aprofundar a compreensão e reafirmar a utilização da pesquisa histórica e da narrativa (auto) biográfica, como opção metodológica para a presente pesquisa, visto que possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e por outro lado permite, a partir das narrativas (auto) biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação.

As variadas tipificações ou classificações no uso do método biográfico inscrevem-se no âmbito de pesquisas sócio educacionais como uma possibilidade de a partir da voz dos atores/atrizes sociais, recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos,

sócio culturalmente situados, garantindo às mesmas o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes. Assim para Nóvoa e Finger:

As histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida. Nóvoa e Finger (1988, p. 116).

Em tais circunstâncias compreendemos que existem palavras significativas que fazem, fizeram e mais ainda deverão fazer parte da história do nosso sujeito da pesquisa. Por certo perceberemos em sua fala as lembranças, saudades, encontros, alteridade, erros, acertos, equívocos, emoções e tantas outras. Elas vão se constituindo em caminhos de recordação, de momentos variáveis entre a beleza e o dissabor doçura e o amargo das recordações, da dureza e dor provocada pelos entraves da vida. Contudo marcam a edificação da construção do seu ser. Abordaremos neste texto (auto) biográfico a descoberta de quem, em sua voz, relata a mudança, a transformação.

3.1 - Família: das dúvidas para a compreensão e ajuda do meu caminhar

Aqui será narrada a trajetória de vida, de Francinildo, com enfoque na família. Questionamentos de como a família entendia a educação inclusiva, o ensino para a pessoa cega, as dificuldades na escola regular e o tempo de seu estudo. Será enfatizado como se processou a ajuda, facilitando o seu ingresso na Orientação e Mobilidade.

Numa tentativa de tessitura, como num delicado entrelaçar dos fios nas mãos de um habilidoso artesão, ensaiamos traçar perfil desse sujeito. Francinildo Rocha nasceu no ano de 1987, na cidade de Caraúbas, Estado do Rio Grande do Norte. Estudou o primário em sua cidade natal, o fundamental em Mossoró, na Escola Estadual Everton Dantas Cortez (EJA) e vindo a concluir o segundo grau na Escola Estadual Maria Estela Pinheiro da Costa, também na cidade de Mossoró. No período do Ensino Médio, Francinildo aponta mudanças no seu modo de encarar os estudos.

Francinildo rememora sua família, sua adolescência e diz ter ficado feliz com o fato de olhar para o retrovisor e recordar as dificuldades do tempo de escola primária e secundária, hoje superadas. Atualmente trabalha na rádio Liderança FM, na cidade de Caraúbas- RN, e continua a frequentar o CADV na condição de eterno aluno, no processo de formação contínua para a vida.

Para entender essa relação particular, aluno, professor e modalidade em estudo, seria necessário a priori conhecer os sujeitos, suas vivências, encontros, sonhos, decepções. Nesse caso é preciso apresentar a (auto) biografia, para só posteriormente, apresentar como aconteceu à interação desses sujeitos e compreender como foi a tessitura dessa relação pedagógica, o que justifica cada sujeito pensar e agir de tal maneira. Dessa forma se analisa a relação de aprendizagens e aperfeiçoamentos na dinâmica dos sujeitos.

Esta relação como pré-requisito à existência de seres e de sujeitos em contato. Não fugindo desse pensamento, na relação pedagógica estabelecida nos espaços de aprendizagens, exemplo do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV, deve haver a presença dos sujeitos, e esse fato só ocorre devido a existência dos sujeitos nas interações construídas com, e por eles: professor de Orientação e Mobilidade e aluno cego. Essa relação nasce do encontro nos espaços de construção e formação pessoal. Por esse motivo, optamos por apresentar no primeiro e terceiro capítulos as (auto) biografias desses protagonistas, professor e aluno. Saber como as fases da infância, adolescência e adulta foram tecidas e como essas ofereceram pistas para se tornarem as pessoas, os profissionais que hoje se formam e se reformam. Certas são as histórias de vida interferir e contribuir para a investigação estudada nesse trabalho.

Na abordagem biográfica o sujeito cria um conhecimento sobre sua pessoa, sobre os outros e o dia a dia, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. O sujeito como centro do processo na pesquisa e formação exalta a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história.

Afirma-se que é através da visão que o ser humano adquire os seus, primeiros, conhecimentos e se familiariza com o ambiente que o cerca. A falta de visão nos olhos compromete a percepção do ambiente mais amplo, restringindo na quantidade e na variedade dos

conhecimentos que deveria adquirir. Nesta circunstância, o sujeito precisa obter um desenvolvimento físico, intelectual e afetivo adequado, para seguir, normalmente, o ritmo da vida.

É fato que a criança ao nascer, vinda ao mundo apresentando a deficiência visual, seja necessário basear a sua educação mediante os outros sentidos remanescentes, que a mesma apresenta, ao contrário de querer corrigir o que lhe falta. Assim é preciso educá-la aproveitando estes sentidos, usando-os na justa medida a fim da sua mente e inteligência desabroche, em plenitude, colocando-a em contato com o mundo natural e concreto, do qual ela se acha distanciada pela falta de visão nos olhos.

A nossa percepção e experiência nos leva a crer que a família é insubstituível nesta fase, pois são os responsáveis, diretos, dia e noite no amparo e nas mais sublimes afeições. São eles, os pais, que deve prezar com muita atenção, pelo desenvolvimento do filho com deficiência visual em seus mais variados aspectos: físico, emocional, social e intelectual. Esses pais devem construir um objetivo a ser atingido, carinhosamente e cuidadosamente.

Em se tratando da educação da criança cega, nenhum educador poderá substituir a família na missão ímpar de formar uma criança ajustada e feliz. E, para que esta cresça alegre, embora privada do sentido da visão, a correção das atitudes, das expressões fisionômicas e da postura, por parte dos pais, terá importância determinante no seu desenvolvimento físico, psíquico e social.

Outro fator, significativo, no desenvolvimento da pessoa com deficiência visual é a independência. Independência pessoal, acima de tudo, naquilo que ela possa e queira realizar. Esta afirmação subjaz a confiança em si próprio e a capacidade de enfrentar todos os entraves que surgiram por diante. Desde cedo a independência deve ser incentivada e estimulada, a fim de que a mesma se torne um traço, benéfico, durante a construção de sua personalidade. Isto posto não haverá razão de crescer e se sentir inferiorizada, nas tarefas do dia a dia de convívio com a sociedade.

Na metáfora da terra precisar do sol, da vida precisar da luz, desnecessário é lembrar que a criança necessita tanto de amor para sobreviver, assim como a planta, de sol e água para crescer e florir. O apelo ao amor, na verdadeira concepção, revela a sublime atitude de educar

formando o sujeito consciente do seu valor. Toda força e grandeza do amor materno, cada mãe deve direcionar ao filho. Só assim ele pode crescer forte em espírito e livre para amar a vida como ela é.

É comum nas famílias ao tomarem consciência da cegueira, dos filhos e filhas reagirem como se fossem o fim da vida e únicas a se depararem com a deficiência visual. Esse momento torna-se algo indescritível, de perspectiva futura, e o desespero confunde a racionalidade de viver o desafio. Em não sabendo como agir, talvez enxerguemos a falta de conhecimento, que em si, deva em parte, a desinformação a respeito dos recursos e serviços profissionais para a educação do mesmo.

Dito isto, apresentamos a realidade por que passou e passa a família de Francinildo Rocha. Os momentos difíceis de compreender o processo ao saber que este não tinha visão, a convivência com tranquilidade, a fase adulta em plena forma física, a desenvoltura nas atividades diárias e superação das dificuldades. Constata-se nas narrativas, de mãe e filho a seguir, nos relatos de retrospectiva onde o impacto da notícia, por vezes, lhes atingira deixando-os atônitos, tristes e com muitas indagações sobre o futuro, com perguntas a serem respondidas com o passar do tempo. De certo um sentimento angustiante e intenso tomou conta de muitos corações em um misto de lágrimas esperança.

O que abordamos a seguir é a realidade do jovem Francinildo que aos poucos supera, passo a passo as barreiras que se constroem em seu caminho. Mãe e filho relatam a mais pertinente lição de superação e otimismo para viver a vida. E na sutileza da investigação se revela as constantes transformações de cada um deles.

De início combinamos qual seria a identificação para a narrativa e, na concordância, citaremos os nomes verdadeiros ao invés de fictício, uma vez compreenderem que seus nomes próprios lhes causariam orgulho em aparecer na pesquisa e servir como exemplo a tantas famílias por que passam a mesma realidade.

Procederemos com as falas dos protagonistas, esclarecemos que a ordem das narrativas não significa o grau de poder e, ou importância dos sujeitos, mas o desfecho com a fala do aluno cego se deve ao fato de analisar como ocorreu a sua transformação em função de trabalhar a modalidade em foco. Iremos com responsabilidade, sensibilidade e sabedoria ouvir atentamente

mãe e filho narrando suas histórias de vida. Para nós o valor das narrativas se confundem com suas identidades, onde focalizamos o sujeito com primordial.



Foto 12. Francinildo em sua residência na cidade de Caraúbas-RN
Fonte: Arquivo da Família, (14/02/20015).

O meu nome é Francinildo Rocha, eu nasci no dia 28/10/1987, em Caraúbas Rio Grande do Norte. Assim também meus irmãos e minha mãe nasceram em Caraúbas. Só o meu pai é que nasceu em Augusto Severo, hoje chamado Campo Grande, aqui mesmo no Rio Grande do Norte. Somos cinco irmãos sendo duas mulheres e três homens. Considero uma sobrinha sendo irmã e filha praticamente. Na família, só eu nasci com a deficiência visual os outros nasceram todos normais da vista enxergando sem problema nenhum. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).



Foto 13. Vista parcial da Cidade de Caraúbas - RN
Fonte: Acesso Internet, (23/04/2015).

Francinildo Rocha desvela suas origens, o que ele traz na sua constituição enquanto ser, na sua essência, sua naturalidade de Caraúbas/RN, mas também destaca a cidade em que seu Pai nasceu, em Campo Grande – RN. Isso é uma marca na formação de Francinildo além de uma referência salutar para iniciarmos nossa discussão sobre diversidade, inclusão e formação pessoal, ele afirma:

Tenho dificuldade em narrar acontecimentos de minha vida, haja vista que muitos deles encontram-se adormecidos em minha memória, mas quero deixar registrado um pouco da minha história de vida. Irei na rememoração do passado contar minhas experiências de vida desde minha infância até hoje quando me sinto ainda jovem. Mostrarei um pouco de mim como estudante, pois relembrar a infância me faz voltar ao tempo e posso assim perceber como vivi, ao lado da minha família. Foram momentos bons de muita alegria e felicidade. Apesar das dificuldades, limitações e da pouca condição financeira, guardei os ensinamentos dos meus pais que foram muito importantes para a minha formação, pessoal e social. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).

Para esse desnudar temporal Francinildo Rocha, em sua lucidez, demonstra simplicidade ao afirmar: “Tenho dificuldade em narrar acontecimentos de minha vida, haja vista que muitos deles encontram-se adormecidos em minha memória”. Por isso ressalto, a relevância das narrativas como meio, para o sujeito reviver, relembrar e refletir os momentos que passaram despercebidos.

Narrar sua própria história requer uma reflexão profunda acerca das vivências, que marcaram a existência e proporcionaram aprendizagens significativas a vida pessoal e profissional de cada sujeito. O valor formativo das narrativas e histórias de vida reside especialmente em que ao narrar fatos passados, o sujeito revive, relembra e reflete suas ações, decisões e atitudes, além de compreender melhor e atribuir sentido aos fatos que passaram despercebidos.

Para nós a noção de família, em qualquer segmento social, está ligada à função exercida por cada um de seus membros no interior familiar, uma vez que, em torno da posição de marido, mulher, filho ou irmão, localizam-se inúmeras expectativas de comportamentos, de obrigações e de direitos, que nada mais são do que papéis atribuídos a cada um desses indivíduos, conforme o conjunto dos valores socialmente estabelecidos.

Como já mencionamos é natural que, pelo fato de ter nascido cego, a família possa lhe dispensar um tratamento de superproteção, e conseqüentemente venha aniquilar as suas chances e possibilidades de desenvolvimento psicomotor fazendo-o crescer com prejuízos futuros. No entanto adiantamos não ser a realidade.

Na busca de organizar fatos da vida, não de maneira linear e fragmentada, mas de acordo com o ciclo de vida, decidimos estruturar as falas e análises, tanto a sua e a de sua mãe, Dona Angelina. Exploraremos a fase da infância, do aluno, perpassando a adolescência e culminando na fase adulta com o momento de experiência de construir uma relação pedagógica, juntamente com o professor de Orientação e Mobilidade. Entretanto, compreendamos nossa vida como um constante espiral, de ida e voltas, com uma grande atribuição de sentidos e determinantes na nossa formação pessoal e profissional. Começamos, pois, a entrevista nos reportando a família, tópico que mencionamos no início deste capítulo. Francinildo começa a falar de sua família, nesta primeira sessão, abordando que:

Bem João, a minha família ela não é diferente das outras famílias que tem filhos com deficiência. Para começar tenho a dizer que é uma família maravilhosa. Eles não fazem muitas restrições para comigo. Há algumas preocupações e compreensíveis até. Com certeza, todos, sofreram muito ao saber que eu era cego; minha mãe e meu pai certamente ficaram tristes e inseguros de como me criar. É compreensível a tristeza, a insegurança, mas também sei que veio a alegria de poder conviver comigo de maneira diferente. Quero dizer que graças a Deus eu nasci e cresci junto a pessoas que me aceitaram, me acolheram e que sempre me deixaram, livre, para viver a minha vida. Eu, desde pequeno, já fazia as coisas sozinho e minha mãe nunca criou dificuldades. Por exemplo trocar de roupa, de fazer coisas básicas... minha mãe sempre me tratou bem me deixando a vontade, claro, com aquele cuidado, o que a minha família tem ainda hoje. É verdade que diminuiu mais, mas existe. É aquela preocupação e medo da gente não está bem. Todos da minha família me tratam e sempre me trataram bem. Os meus irmãos me compreendem e estamos em harmonia no dia a dia. Desde a infância não tive problema, com nenhum deles. Meus pais embora não compreendessem o sentido de inclusão, lidar com pessoa com deficiência visual, ainda assim souberam me educar e não tivemos qualquer problema nesse sentido. A minha família realmente contribuiu muito assim positivamente nunca me proibir 'Ah você não vai fazer isso por que você é cego!' Nunca, nunca foi aquela família de proibir 'Ah você não vai fazer isso por que você é cego! Por que claro, se tivesse feito isso desde o começo, proibido, eu ia crescer com a mentalidade que não podia fazer isso porque era cego, mas isso não é verdade a minha família sempre me apoiou nessa parte. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/2016, na cidade de Caraúbas –RN/Brasil).

Nesse início de sessões, começávamos a identificar qual tranquilidade e segurança ele descrevia a sua convivência familiar, e, ao contrário do que é comum nas famílias que tem filhos com deficiência, observamos a postura correta, da sua família, que o aceitou e compreendeu a deficiência visual como possibilidade do mesmo poder crescer com naturalidade, sem prejuízos do seu desenvolvimento e formação.

Francinildo com suas primeiras narrativas nos leva ao entendimento que o mesmo se dá conta no repensar suas atitudes como afirma Nóvoa (2010): Ao narrar fatos passados o sujeito passa a rever suas atitudes e tende a pensar e repensá-las atribuindo sentidos a estas. Logo, a narrativa possibilita ao sujeito desvelar experiências do vivido, assim como um exercício reflexivo acerca dos percursos de sua vida (NÓVOA, 2010).

Era o começo de uma longa conversa que íamos tecendo desde os laços mais sagrados de sua privacidade. Por isso insistimos, ainda, sobre as lembranças da infância e de como vivera essa fase, junto aos mesmos. Logo notamos a tranquilidade de quem não percebe a deficiência como uma barreira intransponível, e assim, ele viaja na lembrança e retornando ao passado cita

a família, o rádio como companheiro, constante, o aconchego de uma rede de balanço e as brincadeiras com os irmãos e demais amigos. Para ele o contato com pessoas videntes desde a infância favoreceu o não estranhamento do diferente, e permitiu pensar em um mundo heterogêneo e de práticas inclusivas.

Eu lembro muitas coisas né , do sitio pedra 1, onde eu nasci e cresci, em Caraúbas, aonde mas eu morava lá né, e cresci morei lá até meus 16 anos, lembro na minha infância da minha família, da minha vida no sitio né, que tinha era uma vida muito, bem em casa mesmo, só pelo sitio mesmo com minha família não tinha muito, não saia muito, mais em casa, ouvindo rádio, ouvindo música, é deitado numa rede era mais assim minha vida um pouco parada, lembro da minha infância, brincava com meus irmãos, com as pessoas mais próxima e minha vida era mais ou menos essa mesmo. Eu já cresci é eu não lembro mesmo tempo exato, eu cresci já com minha deficiência, por que eu, minha mãe descobriu eu tinha deficiência visual aos 5 meses de vida, eu então fiz duas cirurgias até um ano de idade e mais não teve jeito, e pronto eu cresci já fazendo minhas coisas como pessoa com deficiência e fui entendendo isso e botando na cabeça, mas assim o tempo exato eu lembro mesmo. O que eu não queria mesmo era ser como algumas pessoas, que pela deficiência, ficavam presas, em casa, atrás de grades sem poder apreciar o mundo lá fora. Eu tinha conhecimento e me dava medo passar por essas coisas. A minha família sempre falava, dessa gente. Então eu imaginava que não era certo alguém viver somente, dentro de casa. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil)



Foto 14. Francinildo Rocha 5 anos de idade
Fonte: Arquivo da família, (30/10/1992).

Um exemplo de sua fala quanto ao medo de ficar dentro de casa, sozinho, preso, podemos rememorar o filme “O Enigma de Kaspar Hauser¹⁵”, esse filme mostra a vida de um sujeito, que vivia num lugar escuro, preso e as pessoas o tratavam como um animal irracional. Davam-lhe, apenas de beber e comer. Até que um dia, ele conheceu a cidade, mas não sabia

¹⁵ Werner Herzog, nome artístico de Werner H. Stipetic, Diretor do filme.

andar, falar, expressar seus sentimentos. A interação com as pessoas é que o faz começar a aprender a ser um humano, “a ser socializado”. Sem socialização qualquer pessoa deficiente ou não fica com atitudes de sede pela liberdade, pela interação, de ver, sentir e falar com pessoas.

Francinildo expressa que sua vida era bem diferente daí o temor da prisão. Na sua infância não teve contato, frequente, com crianças deficientes visuais, porém o fato de se reconhecer e o diálogo com a família, estabeleceu um diferencial na construção do seu perfil humano e inclusivo. Ele não menciona na narrativa, momento da sua infância contato, direto, com crianças cegas. Apenas por ouvir dizer, sabe que havia outras crianças com deficiência no bairro em que morava e essas crianças viviam próximas a sua casa. Mas destaca como motivo, família, vizinhos, amigos e a própria sociedade da época não terem conhecimento e informação sobre inclusão, as atitudes mais adversas possíveis, muitas vezes, alicerçadas por ações excludentes, como as de prendê-las em casa.

Muito seriamente na sua narrativa revela, de forma, descontente e até lamentando o fato de naquela idade saber que existia crianças com deficiência, mas “atrás das grades”. Grades estas que demonstram a concepção da família “prender” seus entes queridos em nome de uma proteção. Essas grades, essas prisões estão na concepção dos que assim as praticavam. O problema não eram os sujeitos com deficiência, mas a concepção em permitirem as pessoas com deficiência viverem numa subvida. Como diz Freire (2008) como seres oprimidos com as amarras construídas pelo o maior opressor: a sociedade.

Observar em Francinildo sua condição de cego, uma limitação visual severa, onde os movimentos de mobilidade são constantemente comprometidos, e poder ouvi-lo com muita alegria, isso é saber viver. Sua fala a todo instante foi muito natural, sem se dar conta da luz dos olhos, que estava no seu coração. Era preciso ouvir de seus lábios quais as inquietações adormecidas no fundo da alma. A cegueira certamente lhe causava sensações outras e somente os olhos fechados podiam revelar. E, outra vez tecendo na narrativa de vida os seus mais belos parâmetros de interpretação, ele descreve a imagem do mundo que lhe cerca, o qual não consegue enxergar com os olhos físicos.

Nesse encontro com Francinildo Rocha podemos classificar como *tabu* a visão de quem insinua que a criança cega deva permanecer em estado de proteção, segregada a um espaço físico, seguro ou livre de qualquer possibilidade de queda, tropeço, arranhões ou outro risco. Estas

situações, ao contrário, fazem parte do dia a dia da criança com ou sem deficiência que brinca, explora o ambiente, se conhece e reconhece nas atividades. Somos cientes, também, dos demais profissionais que lidam com crianças especiais terem a preocupação em programar as condições delas se movimentarem, dar os primeiros passos, enfim de realizar suas ações. É bem verdade ao assim proceder esquecem do momento próprio dessas crianças que se descobrem e querem por si mesmas, como as demais crianças, viver momentos e outras atividades.

Daí surgir o medo, e pela proteção recebida, a criança com deficiência fica prejudicada em seu desenvolvimento psíquico e motor, como falamos anteriormente. Os adultos incutem, sem perceber, esse problema e vem a passividade, a falta de iniciativa que compromete a formação desse sujeito.

Com o processo de amadurecimento de Francinildo, da própria crítica a esses acontecimentos e essas práticas circundantes ao bairro de sua casa, ele reflete algumas questões pertinentes para o processo de quebra de paradigmas, reflexão e processo de abertura para o outro. Compreende, ultrapassada, a prática de deixar alguém preso, por ter algum tipo de deficiência. Sua crítica: “qualquer pessoa presa a tendência é alteração de comportamento”. Concordamos, uma vez o fato de ter deficiência não justifica o isolamento.

Algumas experiências foram edificantes para o processo formativo e auto formativo de Francinildo: os contatos com a leitura, ser independente e ter palavras de estímulo por parte dos pais e professores favoreceram esse processo do seu lapidar. Isso ele afirma com empolgação e com demonstrar de saudades da época dos primeiros aprendizados. E, assim na continuidade da conversa vai narrar, pela memória, sua caminhada.

Sobre sua prática religiosa procuramos saber se houve influência, em sua vida, uma vez, na nossa opinião, a religião direcionar as pessoas para ações mais comedidas, no sentido de não explorar o pecado, ou seja, agir de acordo com o sagrado de Deus. Sobre esse assunto afirma que a religião, vivida em casa o possibilitou no processo de sujeito ético, imbuído de valores os quais se estendem de casa até a sociedade.

Enfatizou que esses valores assimilados na vida religiosa cristã o conduziu ao amor ao próximo e compreendeu o sentido da igualdade e fraternidade entre os povos. É notório o crescimento de seu vocabulário e disciplina, graças a participação em vários encontros de igreja

cujo propósito era vivenciar os preceitos de fé. Sem dúvidas, características imprescindíveis para mais tarde se desvelar. O exemplo dos pais, nesse aspecto religioso foi muito importante para si.

No caminho da narrativa de vida, rebuscado pela memória, a sua trajetória escolar, e de seus irmãos, agora é descrita. E, acrescenta as recordações significantes, que ficaram marcadas nessa nova etapa de vida social. O seu ingresso na escola registra-se com muita lucidez onde a importância no seu processo formativo e auto formativo é explicitado:

Eu lembro que foi no ano 2000 e alguma coisa, eu não lembro o ano exato. Em 2001 minhas irmãs estudavam lá no sítio e chegou uma professora nova, e minha mãe falou para ela que tinha um filho que era cego. Então ela me convidou para participar no final de ano, de uma atividade, na escola. Essa escola funcionava até num quartinho, eu acho que tinha uns quinze alunos só e fui convidado para participar, junto com eles. O nome da escola era Antônio Vicente de Melo, ficava lá no sítio Pedra 1. Aí eu fui conheci a professora e daí então ela me incentivou a estudar. Interessou-se por mim chegando a entrar em contato com a Secretaria de Educação em Natal, sobre o meu caso. Nesse momento eu ainda estava resistindo a ideia de estudar. Não queria estudar, eu não tinha clareza de como seria a minha participação, mas fui convencido e acabei por aceitar, no ano seguinte. A minha participação era como ouvinte, e fiquei até pegar o gosto pelos estudos. Antes foi muito difícil porque eu não queria mesmo. Lembro que na época veio Claudina, lá de Natal junto com o pessoal da secretaria do estado, eles me incentivaram muito, trouxeram até uma bengala, longa, para o meu aprendizado, mas eu fazia resistência e não queria de jeito nenhum, andar de bengala, pior ainda. Foi um momento que graças a Deus passou. Lá foi a minha primeira escola”. A gente começou num quartinho, né, a professora era Milkia Lopes, minha primeira professora e daí agente, a nossa escola foi construída e a gente foi para a escola é uma escola de verdade assim e lá na escola era assim duas salas de aula e lembro das brincadeiras, dos meus colegas, eu lembro quando a gente brincava...todos corriam, pulavam faziam coisas que eu não podia. Mas tinha as brincadeiras de responder, sentados em círculos, a brincadeira de passar anel e assim eu me via no meio deles e estava, sim, muito feliz. Ai eu estudei um ano com a professora Milkia, depois eu tive a professora Carmem no segundo ano, depois tive a professora Ana no terceiro ano, e aí vim para cá, Caraúbas vim para a escola municipal Josué de Oliveira tive a professora Lourdinha como a minha professora, eu lembro assim porque eu estudava, na verdade, na época devido as dificuldades do município, do conhecimento, não ter o conhecimento das professoras totalmente, eu era mais ouvinte da escola, não participava de todas as atividades. Elas procuravam me incluir nas brincadeiras, nos passeios, mas não era uma coisa assim de ser aquele aluno que está estudando para valer, com vontade. Então eu senti um pouco de falta disso, assim, mas era só uma brincadeira, eu lembro de tudo, os espaços eu andava sozinho não batia em nada já sabia como era tudo. Um tempo bem interessante assim. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).



Foto 15. Francinildo na sala de aula em momento de comemoração junina.
Fonte: Arquivo da família, (22/06/2003).

Ficaram guardados na memória, a escola que estudava e os colegas despidos de preconceitos. Rememorou toda trajetória de luta e conquista de espaço na mesma. Essa vivência foi salutar para o processo de sua formação e essa recordação fundamental para a auto formação, pois ele analisou o passado, a partir dos seus arquivos mentais e mobilizou os seus saberes, a sua concepção. Por quanto ao estudo em sua fala revela o pai ser mais “distante” e a mãe, mesmo sem ter formação, mais pedagógica na maneira de conduzir, orientar os filhos para a escola. Salientou, ainda, que o seu pai por sair cedo para trabalhar e voltar tarde, quem se dedicou a casa e a educação dos filhos, em maior intensidade, foi a mãe. Ela o ajudava nas tarefas de casa, na confecção de cartazes, na feitura dos desenhos, e demais tarefas escolares.

Francinildo ao falar do pai quanto ao seu envolvimento nos seus estudos, disse que pouco tinha a acrescentar, uma vez o seu pai não ter concepção pedagógica, chegando por diversas vezes a desestimulá-lo por não acreditar que uma pessoa cega seria capaz de avançar nos estudos. Nessa extensão de acompanhamento quase não interferia mesmo porque durante a semana trabalhava e só nos finais de semana lhes voltava a atenção. Era quando ele sentava com a mãe e irmãos para saber sobre escola. Diferente dessa situação encontravam-se seus irmãos e sua Mãe.

Na continuação de sua permanência na escola, mesmo com tantas dificuldades, dentre elas a falta de recursos tecnológicos e humano capaz de lhe atender a especificidade da deficiência, ainda assim existia progresso. Havia vontade de todos em conseguir a superação das barreiras.

As inúmeras brincadeiras ainda estão guardadas na lembrança, como aquelas de caráter moderado, que era de responder perguntas. Brincava livremente, porém com a limitação de não poder correr, andar de bicicleta, subir as árvores, como todos os amigos faziam. Ainda assim, no seu espaço era feliz, pois o contato com os demais já lhe tornara um componente em potencial.

Ressalta com muita alegria que na época do primário teve bons colegas, amigos de infância, que lhes davam apoio e lhe queriam bem. Eles sempre o ajudaram com a preocupação do mesmo não ter prejuízo nas atividades, passadas pela professora. Igualmente, afirma que nos Ensinos Fundamental e Médio, também vivera semelhante situação.

Chegou o momento de cursar o ensino médio, e ele faz questão de mencionar, outra vez a importância que teve o Centro de Apoio ao deficiente Visual – CADV de Mossoró. Esse lugar de acolhimento às pessoas com deficiência visual representa para Francinildo apoio necessário para obter êxito, nos estudos. E como estava vivendo uma situação bem diferente, a sua família precisava estar ao seu lado abrindo caminho para o futuro. Lembrou-se de ser preciso, outra vez, arrumar e desarrumar a estrutura familiar, pois o segundo grau teria por acontecer na cidade de Mossoró. Não era tão fácil aquela família se deslocar de uma cidade para outra, levando em conta o financeiro e o pouco conhecimento escolar:

Sei que a minha mãe ela sempre lutou muito, por meus estudos. Me ver na escola e junto com todos os alunos, foi o que ela sempre quis. Com muito sacrifício nos mudamos para Mossoró, em 2004, quando estudei e concluí em o ensino fundamental em 2007, fazendo EJA na Escola Estadual Everton Dantas Cortez, e posteriormente, concluindo o segundo grau em 2010 na Escola Estadual Maria Estela Pinheiro. Viemos justamente para que eu pudesse continuar os estudos. Era preciso continuar. Não podíamos mais pensar em parar ou desistir. Chegava o ensino médio e essa etapa eu tinha que estudar com de outra forma bem diferente. Agora eu caminhava rumo a uma faculdade e precisava de mais autonomia. A escola onde fui matriculado, só tinha eu com deficiência visual, cego, e estava numa turma de quarenta alunos. Eu precisei de todo apoio e suporte para conseguir concluí-lo. Assim aconteceu com tranquilidade e com muita calma. Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).



Foto 16. Francinildo Rocha em sua casa em Caraúbas-RN
Fonte: Arquivo da família, (14/02/2015).

Quando concluído o Ensino Médio, ele argumentou ter realizado parte do sonho e quanto ao ensino superior, prestou vestibular, na UERN, mas não teve êxito. Mesmo assim não desanimou e busca uma vaga no curso de Comunicação Social, o que para isto se prepara para prestar exame no ENEM na certeza de lograr êxito.

Na sua experiência em sala de aula, Francinildo disse que sempre teve uma boa relação afetiva com os colegas, mas também confessa algumas dificuldades: “me preocupava em acompanhar o ritmo da turma, realmente era o que eu tinha mais dificuldade nas relações, naquele momento da aula. Eu imaginava que não poderia aprender do jeito deles”. Constatamos que sua palavra reflete imaturidade, em pensar que todas as pessoas são iguais em seu desenvolvimento de aprendizagem. É sabido que cada ser tem o seu próprio ritmo, observando o limite de compreensão da interatividade das relações. Nesse momento ressalta-se a importância dos professores que souberam, na medida do possível, ter uma boa relação consigo compreendendo a sua deficiência.

Para nosso diálogo quanto ao pensamento da aprendizagem, segundo Tardif e Lessard (2012) há vários tipos de relação. Na sala de aula é peculiar os sujeitos são diferentes, são seres históricos, críticos, subjetivos e, portanto, há uma interação, há situações inusitadas, o foco está

na aprendizagem; diferente de uma fábrica onde tudo é premeditado, as pessoas realizam trabalhos repetitivos, sem pensar, a interação basicamente não acontece, o objetivo é o produto.

Por outro lado, Postic (1990) apresenta a relevância do docente, entendendo “o aluno como ser histórico e partícipe do processo de ensino e aprendizagem, considerar nessa relação não apenas os saberes, os conhecimentos, a lógica, mas também a afetividade construída nesse caminhar pedagógico”, quando nos diz:

A passagem da mediação intelectual à mediação afetiva na concepção do papel do docente põe em evidência que se sentiu a necessidade de restaurar a via afetiva no domínio escolar, de reencontrar a verdade de uma relação humana que não separe mais a razão e os sentimentos e que corresponda a uma nova finalidade educativa, a do saber ou poder ser (J. ARDOINO, 1963). (*ln*,: POSTIC, 1984 :167).

Explorar o afeto na relação pedagógica pode ser uma forma de facilitar a aprendizagem, se este sentimento não estiver situado em uns lócus de compensação e se estiver clara a sua função. A compensação, o sentimento de, na forma como tem sido abordado, não contribui para o crescimento do educando.

Outros teóricos que embasam a nossa escrita, dizem que a profissão docente se confunde em um trabalho determinante para a vida social. Aos professores foi atribuída a função de educar o ser nas diferentes fases da vida e em suas diversas limitações. O seu papel social de mediar a relação entre o homem e o mundo do saber seja bibliográfico, experiencial, interacional, escolarizado, e o olhar sobre a própria formação no sentido mais amplo que aqui trabalhamos, não seja apenas construída nos conteúdos, metodologias e avaliações, mas na história do seu ser que se impõem para uma prática de ensino onde produza um conhecimento emancipatório (SANTOS, 2000) que favoreça a autonomia do aprendente (FREIRE, 1996) e também a satisfação pessoal do sujeito professor (JOSSO, 2010). No campo da educação, ainda aponta Josso (2004) que estamos vivenciando, a partir dos últimos vinte anos do século vinte, o desenvolvimento de uma sensibilidade à história dos aprendentes.

Interrompo por instantes, a narrativa de Francinildo e me volto para, sua mãe, dona Angelina Júlia que fala sobre a vida de seu filho, em todos os aspectos. Angelina Júlia, ainda

jovem, uma senhora simples de olhar meigo e com traços fisionômicos demonstrados ser uma pessoa sofrível. Essa intervenção da família, nos remete aos teóricos do método (auto) biográfico em que Consideremos um dos estudiosos da pesquisa (auto) biográfica Dominicé, ao pensar o universo das relações familiares enquanto contexto de formação, chamando a atenção para os componentes relacionais do processo de formação presentes nas narrativas. Segundo Dominicé, (2010, p. 87)

Na narrativa biográfica, todos os que são citados fazem parte do processo de formação. Pensando assim, o contexto familiar se constitui espaço frequente nas narrativas (auto) biográficas, aparecendo geralmente no início do itinerário de vida dos narradores.

E para a nossa entrevista, sua casa de humilde espaço físico tornara-se mansão em aconchego, pelo seu acolhimento. Dona Angelina demonstrava satisfação em falar o que me fazia imaginar como teria sido difícil o momento em que soube do problema com o seu filho, por sinal, primeiro de uma linhagem de cinco. Mulher que teve um casamento interrompido após 20 anos, deixando-lhe na condição de pai e mãe. Isto eu viria saber, mais tarde, diante da confissão. Sentamos em um cômodo da casa e começamos a ouvi-la:



Foto 17. Dona Angelina Julia Conceição da Rocha
Fonte: arquivo da família, (14/02/2015).

O meu nome é Angelina Julia da Conceição Rocha, nasci em dezoito de maio de 1970. Tive cinco filhos, todos vivos ainda hoje, e tenho três netinhos. (Angelina Júlia Conceição da Rocha, entrevista realizada em 17/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).

A tristeza na fala era explícita juntando-se a expressão facial ao fixar os seus olhos no entrevistador, como quem quisesse dizer tal sentimento. E a sessão (auto) biográfica iniciara ao falar de si em relação aquele filho, já então diagnosticado como deficiente visual:

Dos cinco, um apresenta deficiência visual que é o Francinildo, desde o seu nascimento. Quando ele nasceu eu tinha 17 anos, muito nova e o pai dele só tinha 19 anos, sem experiência não percebíamos nada de errado com o meu filho. Apenas achava estranho quando eu botava ele no sol e rapidamente, fechava os olhos. Daí um dia o meu pai, mais experiente, disse: esse menino tem problema eu não sei o que é, mas ele tem problema. Tudo bem! Continuamos a conviver com ele e o mesmo ao completar cinco meses, sempre chorando muito, levamos ao médico. Na oportunidade o médico falou que o problema dele, tinha jeito, mas só em Mossoró ou Natal. Decidimos leva-lo para Natal, pois tenho pessoas lá. Meu filho foi submetido a cirurgia, mas no hospital, o médico disse que não tinha jeito porque glaucoma com catarata, na certa voltaria tudo outra vez. Aí não deu outra, quando foi com nove meses voltou tudo de novo. Mais uma cirurgia foi quando o médico não deu nenhuma esperança. Aí eu disse, a mim mesma, vou desistir porque não devemos viver só com a ilusão. Além do mais a locomoção para Natal era de uma dificuldade imensa, não havia local para hospedagem, não é como hoje que existe casa de apoio para abrigo das famílias acompanhantes. Então aí o médico passou colírio e ele usa colírio até hoje. (Angelina Júlia Conceição da Rocha, entrevista realizada em 17/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).

Convicto da sua tristeza e embora sentindo o seu amargor em falar dos primeiros momentos do filho, cego, ainda assim, quis ouvir a sua narrativa qual fora a sua reação ao saber que ele seria cego por toda vida. Era o momento de ouvir de seus próprios lábios o grau de dificuldade enfrentada, por Dona Angelina Júlia durante o crescimento de Francinildo. Na verdade, a pesquisa me favorecia tais momentos, e que eu não poderia deixar de observar todos os detalhes, da conversa. A família me propiciava subsídios para as minhas interrogações.

Como resposta qual surpresa me causou quando não vislumbrei desespero, revolta, e, ou outros sentimentos como poderia imaginar. Eis que Dona Angelina respira fundo e como a buscar força, de algum lugar, ela assim se expressou:

Quando eu sou que ele iria ficar cego eu fiquei tranquila. Não me revoltei, pelo contrário me conformei porque a conformação Deus nos dar! (Choro compulsivo). Já tinha tentado a cirurgia, aí eu vi que deu em nada. Era a verdade que eu precisava aceitar. O meu filho não poderia enxergar mais, e a vida continuava...a nossa tristeza, minha e a do Pai, aos poucos era transformada em alegria pela beleza de sua vida. Um filho muito carinhoso, amoroso e tinha saúde, o que mantinha um convívio muito bem. Havia o sofrimento de saber da sua cegueira, mas o amor por ele era ainda maior. (Angelina Júlia Conceição da Rocha, entrevista realizada em 17/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).

Fragments de sua fala exprime um conformismo religioso, porém acrescido de outros elementos e tentativas em curá-lo da deficiência. Dona Angelina é uma mãe, simples, que só sentiu o amor para aceitar a realidade. Esboçando um pouco de si confessou ser mulher simples e de muita fé em Deus. Que não se curva diante das dificuldades e que sempre pensou em primeiro lugar na família. Disse-se triste pelo fim do casamento uma vez contar com o esposo para criar e educar os filhos, e em não dando certo mais a vida a dois, teve de se virar sozinha o que o fez com muito amor, sacrifício e determinação.

Na sequência da sessão perguntei como ela lidava com Francinildo, na condição de cego. Qual o tratamento dado ao mesmo no período da infância, pois em mim permeava a imaginação da superproteção, do medo de expô-lo. Mais uma vez fui traído por esta imaginação, como em geral isto é regra nesses casos. Dona Angelina com a propriedade de uma mãe que sabe o que é melhor para o seu filho, retoma as forças e com naturalidade relata:

Olha eu criei Francinildo, igualmente aos outros. Sabia que ele não enxergava e por isso eu dispensava alguns cuidados. Mas por ele ter problema de visão, ele não apresentava diferença dos outros; foi uma criança que andou com 1 ano e pouco meses. O outro irmão dele que eu tive dois anos após, ele andou do mesmo jeito. Lembro que ele aprendeu a falar bem rápido, com um ano sabia falar tudo. Andava normalmente e não batia nas coisas dentro de casa, andava bem direitinho. Foi um menino que a cada dia eu nem notava o seu problema, só tinha mais cuidado, mas era a mesma coisa dos outros. Ele sempre foi saudável. Posso dizer uma criança normal, por isso eu nunca fiz superproteção, não o mimava por ser cego, eu via meu filho normal e graças a Deus acho que isso ajudou bastante. (Angelina Júlia Conceição da Rocha, entrevista realizada em 17/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).

Retomada pela emoção e as boas lembranças do filho em formação, Dona Angelina nos confia a história da escola, lembrando os detalhes acontecidos naquela época em que via a sua família, crescendo, e que ao meio, desta, estava um garoto, cego, com muita vida pela frente. Em toda a sua narrativa num misto de aceitação e interrogações ela via o filho progredindo, agora entrando para a escola:

Quanto a ele frequentar a escola foi assim, no sítio havia uma casa que funcionava a escola. Os irmãos iam para a escola e eu disse você também vai. No início ele não queria ir dizendo que não gostava. Com o tempo, a dona da casa, também da escola, e que gostava muito dele, o convenceu e ele ao ir para a escola se mostrava muito feliz. Era um caminho que tinha dificuldades pois eles passavam por cerca de arame, obstáculo, para quem era cego, porém os outros o ajudavam a passar. Eu muitas vezes ia deixa-lo assim como os outros

o levavam também. Não deu trabalho nesse sentido pois ele gostava de conversar, e tinha a merendeira, comadre Joana, com quem, ele, passava boa parte do tempo na escola. O nome da escola era Antônio José de Melo, ficava no sítio Pedra 1, depois passou para pedra 2. Na época ele tinha uns 10 a 11 anos. Eu ia a escola de vez em quando, saber como ele estava, mas as meninas tinham muito cuidado com ele. Lembro que havia um açude, no caminho, e que no tempo de inverno, ao estar cheio e representar perigo, a filha da mulher vinha deixar ele. Recordo de Milkia a professora de lá. Assim começou a vida escolar. Fomos, com a professora, para a Secretaria de Educação do Estado, lá em Natal, várias vezes. Ele fez uma entrevista com a psicóloga que era de São Paulo, e estava lá, era a Dra. Cristina que falou para que eu pudesse investir nele, pois era um menino inteligente, ia aprender muito, só lhe faltava a visão, mas o resto ele, era só minha impressão. (Angelina Júlia Conceição da Rocha, entrevista realizada em 17/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).

Francinildo Rocha e seus irmãos estudavam numa mesma escola pública da cidade e ainda na mesma sala, mas devido a sua deficiência e a falta de preparo das professoras e escola, logo são separados. Francinildo aparentava possíveis dificuldades de aprendizagem e as docentes da época não sabia como auxiliá-lo, adequadamente, naquele momento. Para elas era mais fácil externar as dificuldades, ao comparar, inclusive, o seu rendimento com os dos outros. Essa prática contribuiu de maneira positiva para a identidade de Francinildo, uma vez buscar a superação a cada dia, nos seus estudos, o que não aconteceu com os seus irmãos que mais denotavam pouco interesse pelos estudos e acumulavam reprovações.

Sem dúvida, experiências do seu lar e as experiências vividas na escola contribuíram para a sua formação pessoal e profissional, pois na condição de aluno cego, buscava na sua relação pedagógica compreender os outros, não fazia comparações e já demonstrava tendência sócio interacionista, entendia que o aprender era mediado pelas relações entre os sujeitos. Um fato concreto disso é quando ele se sentia só procurava, de imediato, alguém para conversar.

Ainda falamos dos medos de ver o seu filho, cego, em outros ambientes que não fosse a sua casa. Dona Angelina confessou não existir medo e sim um pouco de preocupação. Confiava nos outros filhos, seus irmãos que estavam com ele na escola, também as boas amigas lhe davam confiança, tranquilidade e que assim viveu o período da infância e adolescência, dividindo a cidade de Caraúbas com Mossoró. Presenciou o crescimento do filho, quando em casa era apaixonado por música e futebol. Percebe no filho a diferença no sentido de ele ser muito caprichoso em tudo. Gosta de estudar enquanto os outros, nem tanto. Diz Dona Angelina que o seu dia a dia é comum, assim na vida social, quando sai com os amigos, frequenta festas de

aniversário, serestas, anda muito, e tem uma vida social muito boa. Há dois momentos distintos na vida do filho, enfatizou Dona Angelina:

Antes ele não conhecia muito das coisas né, depois com o passar do tempo ele foi conhecendo, se adaptando e hoje ele é o que é: mais esclarecido, mais conceituado em tudo que ele fala, é capaz de tudo, o que é para fazer ele faz, coisas que antes nem imaginava fazer. Eu vejo muita mudança no meu filho. (Angelina Júlia Conceição da Rocha, entrevista realizada em 17/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN/Brasil).

Quanto ao Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV, na vida de seu filho Francinildo, Dona Angelina se diz agradecida a Deus por tudo acontecido e classifica o Centro de apoio, uma escola de primeira até no nome “apoio ao deficiente visual”. No CADV, acrescenta: “meu filho deve muito da sua aprendizagem, pois foi o local onde se sentiu bem e aprendeu muita coisa da escola”. Dona Angelina tinha vontade de morar em Mossoró, na época, o que não foi possível. Pagar aluguel era muita dificuldade, somente depois veio a construção da casa própria e a mudança por algum tempo. Porém com o fim do casamento muitas coisas mudaram e a vida da família sofreu alterações.

Como embaladora de sonhos e protagonista vital, no processo de desenvolvimento educacional do seu filho, que tem a cegueira como deficiência visual, Dona Angelina ao ser indagada o que o filho representa em sua vida, ela lacrimeja os olhos deixando suaves gotas de lágrimas molhar a sua face e mais uma vez no misto de realidade e amor, busca no fundo da alma as palavras mais sinceras e tenras para expressar:

O que ele representa para mim? Ah! Meu filho... (emoção na fala), eu não vejo Francinildo com deficiência, sabe, ele é igual aos outros. Eu sei que ele não enxerga, mas para mim não tem diferença, pois ele é um exemplo de filho. Olha João, eu posso afirmar que Francinildo é um filho que toda mãe queria ter. eu amo muito o meu filho e sei que tudo é amor entre nós. (Angelina Júlia Conceição da Rocha, entrevista realizada em 17/02/2016, na cidade de Caraúbas-RN).

Passado esse momento com a sua mãe voltamos a entrevista com Francinildo para, no percurso do caminho (auto) biográfico, onde as narrativas constroem o elo da formação e transformação elevando o sujeito à condição de agente multiplicador de conhecimentos e conhecedor de si próprio, retomarmos a conversa sobre sua vida. Desta feita a curiosidade de saber quais os pontos que considera difícil na vida de um cego:

Ah! O que eu considero difícil? Pensa um pouco... o mais difícil mesmo é a gente em alguns momentos, assim, de não poder, é, ir para todos os lugares, na hora, sozinho. Há uma sensação de inutilidade e chegamos a ficar tristes porque na verdade precisamos de auxílio de outro para realizar a tarefa. É o mais difícil que eu acho é por isso, assim, mas no meu dia a dia essa questão de ser cego eu não vejo assim, ah aquela dificuldade: eu não, eu não enxergo ah é muito difícil fazer isso, não eu sempre luto e consigo fazer assim, sozinho mesmo que seja de uma maneira adaptada, mas eu consigo fazer; então assim eu não vejo, ah o que é mais difícil eu não sei dizer assim o que é mais difícil é ser cego. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016 Caraúbas-RN/Brasil).

Em sua fala há compreensão do desafio pelo qual encontra uma pessoa com deficiência visual, no dia a dia. Sim há uma sensação de inutilidade que advém das perdas adquiridas, quando um o sujeito perde a visão. É na experiência e convívio de dez anos com essas pessoas que encontramos tal realidade para tal afirmação. O difícil de ser cego está no seio de cada um deles que sente a deficiência no corpo. Segundo Veiga (1983) “ser cego é ser principalmente aquilo que as pessoas imaginam que o cego possa ser”. Francinildo acrescenta sobre os medos:

Ah os meus medos... um exemplo era de estudar. Eu não queria, eu tinha medo das pessoas não aceitar a maneira que eu era, tinha medo de sair sozinho eu tinha, se não fosse com minha mãe, meu pai ou alguém da minha família, eu tinha medo de me perder, tinha muitos medos assim na minha infância assim de adolescente era minha casa justamente por isso porque eu tinha medo de não saber como andar nas casas, por aí nas outras casas no mundo que eu não conhecesse no ambiente que não conhecesse sozinho. No mais eu sou tranquilo. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016, Caraúbas-RN/Brasil).

Quanto aos medos anteriormente de estudar e não ser aceito, ele com serenidade confessa que aos poucos foi vencendo, pois, o tempo passava e pelas amizades, o carinho dos professores, dos colegas de sala que foram entendendo a deficiência e logo o ajudando em determinadas situações. Hoje, literalmente, não tem mais aquele medo. Chegando em Mossoró passa a frequentar a Escola Estadual Maria Estela, que o ajuda na superação. Igual contribui bastante na sua libertação do medo foi o fato de ingressar, por três anos no Estudo de Jovens e Adultos – EJA, onde o convívio lhe foi bastante benéfico.

Seria comum para nós videntes atribuímos sentimento de revolta, frustrações ao depararmos com uma situação inusitada em que se colocasse a limitação como sendo algo de impossibilidades das atividades rotineiras. Usando como parâmetro a nossa “normalidade” a vida

se tornaria menos alegre e dolorosa. No caso de quem vive a sua normalidade de deficiência é possível constatarmos outra realidade. Nesse trilhar de sessão (auto) biográfica as narrativas se confundem pela persistência da busca de liberdade e alteridade:

Eu nunca tive revolta, frustração não. Nenhuma, eu posso dizer isso com toda segurança, nunca me revoltei, nem quando eu morava no sítio, quando não estudava, quando não tinha contato com ninguém, nunca, nunca me revoltei por que não enxergava. A gente, eu sempre tive minha consciência, hoje ainda mais, de que a gente não enxerga com os olhos, mas os outros sentidos do nosso corpo fazem com que a gente enxergue de outra maneira. Eu acho que enxergar de outra maneira, sem os olhos, eu acho que tem até mais vantagem. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016 Caraúbas-RN/Brasil).

Trilhar por caminhos oscilantes de certezas e incertezas que o nosso sujeito se aproxima de sua história, reconhecendo na família o ponto alto da superação. Não fosse a base familiar, instintiva até, nos momentos das dúvidas e dificuldades talvez não houvesse aprendizagem e o comprometimento da vida estivesse em risco, fadado a inercia e isolamento social. O aquecimento e repisar do amor para com o filho, fez com que a família de Francinildo ajudasse ao mesmo no caminhar independente, mesmo com as dúvidas pelo caminho. O próximo item nos aponta novos caminhos em sua vida e mais descortinar do cotidiano.



Foto 18. Francinildo Rocha e sua mãe Angelina Julia, de frente a sua residência na cidade de Caraúbas-RN
Fonte: Arquivo da família, (14/02/2015).



Foto19. Francinildo Rocha em visita ao CADV ao lado do Professor João Zacarias de Sousa Neto.
Fonte: Arquivo do Centro de Apoio, (16/05/2016).

3.2 - Orientação e Mobilidade determina a Independência de locomoção e contribui em minha autonomia

Neste tópico, Francinildo Rocha, em sua memória, narra a sua vivência no trabalho de Orientação e Mobilidade. Enfatiza a sua importância em função da autonomia e independência e apresenta, também, as estratégias metodológicas adotadas e a relação estabelecida entre ele e o professor da modalidade. Por fim identifica os obstáculos e as possibilidades de superação.

Todas as informações que buscamos neste trabalho de pesquisa (auto) biográfica no momento das narrativas, queremos direcionar diante do sujeito compreendendo que em toda história de vida, o sujeito, ator, é quem decide o que falar, pois é diferente de um simples depoimento. Não observamos como importante a cronologia dos acontecimentos e sim o seu percurso vivido. Embora seja nosso papel dirigir a conversa, e de forma sutil, ainda assim é o informante que determina o “dizível” da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida.

Para a pessoa com deficiência visual, a reabilitação e, ou habilitação no andar, sozinho, com independência, expressa no próprio nome, (re) habilitar, tornar hábil, incute uma nova habilidade com relevância pessoal e social no exercício da cidadania, facilitando e promovendo a inclusão social. O trabalho no Centro de Apoio ao Deficiente Visual, CADV, que é uma instituição especializada para a reabilitação de pessoas com deficiência visual, não envolve

apenas a capacitação dessas pessoas para lidar com seu ambiente, com uma orientação precisa para uma mobilidade eficaz. Envolve, também, intervenções que facilitem a sua inclusão, sua atuação e o seu desempenho em sociedade.

Para cada conquista da autonomia envolve, também, superação dos impactos e dos prejuízos decorrentes da limitação visual, bem como, dos estigmas socialmente concebidos à deficiência visual. Outro fator a ser considerado é o convívio social durante o trabalho, dentro da instituição especializada, que oportuniza algumas similaridades aos históricos de vidas das diferentes pessoas atendidas, no caso, a deficiência visual.

Entendemos que buscar a independência e a autonomia seja um processo individual de cada um. Porém, o homem é um ser de relações e constrói a sua identidade por meios destas na interação com o outro. O aluno cego deve passar pela experiência da convivência e do reconhecimento de outros cegos, ou seja, sentir-se coletivo e não solitário em sua caminhada. Isto lhe favorece a reconstrução de identidade pessoal e social no processo de (re) ou habilitação. Salientamos que o envolvimento da família nesta ação, tão necessária para a constituição e para aquisição da independência e autonomia pessoal e social dessas pessoas, é de fundamental importância nessa busca, bem como o acompanhamento em todo o processo.

Quero então repisar o que afirmamos antes, sobre a importância desse trabalho destacando, mais uma vez que dentre os maiores desafios das pessoas com deficiência visual, principalmente a pessoa com cegueira reside no controle sobre o ambiente e o livre deslocamento pelo mesmo, uma vez compreender que entre 85 e 90% das informações do ambiente nos chegam por intermédio da visão. O direito de ir e vir, de ter mobilidade livre e independente, é uma garantia fundamental do ser humano. Parece uma perspectiva e um direito óbvio, porém o mesmo precisa ser muito bem analisado quando falamos sobre os direitos dos cidadãos com deficiência visual.

A Orientação e Mobilidade é um dos principais recursos de autonomia e liberdade para a pessoa com deficiência visual, já que a perda ou a diminuição da capacidade de enxergar afeta sobremaneira a interação do indivíduo com o ambiente e tolhe o direito básico de ir e vir. Ela quando bem orientada, proporciona habilidades e competências a fim de que se possa explorar o ambiente e mover-se, nele, de forma livre e com uso de técnicas específicas.

Tão somente imbuído do espírito libertário, com o propósito de viver essa nova fase de vida, que Francinildo, trabalhado para esse fim, logo percebeu a necessidade, no seu dia a dia, de descortinar novos horizontes e optar por iniciar as aulas de Orientação e Mobilidade, no CADV. Começava a transformação que ao longo de sua vida marcaria o novo modelo de vida. Essa atitude de humildade caracteriza-se como aprendizado no ato de descobertas.

Com Francinildo Rocha recordamos com saudade nossos tempos de aulas quando aí desenvolvíamos a formação de si em caminho a transformação do seu eu. Todas as sensações e palavras verificamos nas sessões (auto) biográficas por ocasião da entrevista. Observamos a alegria expressa ao falar de si, com a criticidade e consciência do seu aprendizado para a vida.

No instante em que ele mesmo pode narrar sua experiência junto a essa modalidade, abrimos uma nova sessão onde a exploração permeia o campo da construção pessoal, vez que a independência de locomoção e a autonomia indicam o crescimento e a formação. Francinildo explica:

Eu já pensava em andar sozinho e tinha vontade de resolver as minhas coisas, sozinho. Como falei, antes, em casa eu tinha liberdade para me deslocar e procurar os meus caminhos. Porém, era diferente partir para o externo da minha residência. Ali eu precisava de mais orientações e o desafio era muito maior. Era o caso de ir para a escola, para o Centro de Apoio, voltar para casa e sair ao centro da cidade de forma bem independente. Mas sempre havia um receio, mesmo porque meus Pais ainda exprimiam a preocupação, quanto a minha integridade física. Pois bem, acontece que uma tarde, lembro o tempo em que eu ia para o CADV de moto taxi, tive de esperar até 7 horas da noite, para o mesmo vir me buscar. Tínhamos marcado para as 4 horas. Foi um tempão de angústia e a verdade é que fiquei muito irritado e chateado, talvez comigo mesmo, e com isso pensei bastante, comigo mesmo e logo no outro dia, eu cheguei para o professor e disse eu quero andar sozinho. Quero praticar aula de Orientação e Mobilidade pois de agora em diante não espero mais por ninguém vir me buscar. Essa decisão partiu de mim quando me veio todos aqueles pensamentos de antes: ir de um lugar para outro com independência, resolver minha vida sem que eu pudesse precisar da ajuda permanente de outra pessoa. E assim aconteceu. O professor me incentivou, mais ainda, os meus Pais não se opuseram a ideia, e eu comecei a fazer aulas de Orientação e Mobilidade. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016 Caraúbas-RN/Brasil).

Destaca-se nessa fala, a questão de refletir como esse fato foi decisivo para que ele seguisse o propósito de se libertar das amarras da dependência. Embora ainda não tivesse em sua cabeça, o entendimento do que era autonomia, ainda assim esse momento de decisão pessoal, fez

com que ele compreendesse a sua autonomia quando foi capaz de resolver o problema do deslocamento. Francinildo organizou melhores estratégias de aprendizagens optando por fazer aulas voltadas para o objetivo. Além do esforço e determinação, como aluno, contou com a parceria dos que fazem o Centro de Apoio ao Deficiente Visual, imprescindível para o seu bom desempenho.

Ainda elencamos elementos relevantes nessa fala: primeiro, a questão da decisão de praticar as aulas, isso já mostra um passo de sua maturidade. Quando se viu tolhido numa situação de mobilidade, e que poderia ser diferente, ele imaginou sua independência de locomoção e agiu rápido. Segundo, refere-se a sua autonomia, uma vez haver a família lhes dispensando preocupação, e se daria ou não, aprovação para que ele viesse a andar pelas ruas sem a presença de um guia vidente. Por fim a sua aceitação de sujeito cego em busca da liberdade. Foi salutar sua iniciativa, pois o mesmo não se limitou em pensamento negativos como por exemplo: “eu não estou preparado para andar sozinho”. Ao contrário, ele sabia que precisava, estava decidido e buscou, foi atrás dos saberes necessários para fazê-lo discente visual em processo de formação pessoal. Sim, formação porque eram novos rumos tomados a partir de então. Reconhecer-se capaz e identificado com a cegueira, foi o momento chave de autonomia daquela pessoa que estava querendo, não apenas praticar aulas, para uma afirmação solitária, mas de viver igualmente as pessoas da sociedade com todo o direito de ir e vir, pelo mundo a fora. Faze-nos compreender está acontecendo uma grande ruptura de mundos, instante do sair do seu eu isolado, para se achar naqueles espaços nos quais achara-se incluso.

Francinildo narra de maneira enfática a perceber que ele tem a característica de parar e refletir sobre a sua prática em diversas situações do seu percurso de vida. Embora não tivesse orientação teórica, criticidade e desejo de realizar as aulas, proporcionava-lhe momentos de (auto) reflexão, como nos propõe Freire (2008). Isso era algo positivo, porque alavancava seu potencial e a arrastava para novos horizontes, ao lugar de nova aprendizagem. Ele cada vez mais desejava se deslocar de um lugar para o outro, ir e vir com sua própria autonomia; estava fervilhando a vontade de ser independente do jeito mais simples. Compreendemos, pois, a valoração de quem assumiu vários matizes no decorrer da história, sendo árdua a luta pelas conquistas finalmente alcançadas. É o caso de Francinildo Rocha que hoje trabalha em rádio e de tantos outros, já no mercado de trabalho desempenhando sua profissão.

Entendemos que o pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas. Neste sentido, o conceito de “si mesmo” é, como todo conceito, uma proposta organizadora de determinado princípio de racionalidade. O falar de si hermenêutico, que defendemos como meio formativo nesta pesquisa é muito diferente do falar de si, apenas movido por fatos casuais. Nesse entendimento percebe-se que através da assimilação dos conceitos e prática da Orientação e Mobilidade, fica mais fácil para quem tem deficiência visual, procurar seus lugares e tantos outros espaços sociais. É visível que a independência em se locomover permite autonomia, a autoestima é elevada e cresce o desejo de viver.

O dia a dia das aulas práticas fortaleceu a confiança para realizar os movimentos com estabilidade e segurança, veio a destreza e com a orientação apropriada o trabalho fluiu. Uma vez o processo de ensino aprendizagem acontecer normalmente, os alunos cegos que estavam dependentes do guia vidente, agora já andam sozinhos e traçam seus próprios caminhos.

Essa vivência de aulas, com Francinildo, permitiu fortalecer os laços da parceria e passamos a ter, professor e aluno, a apreciação pela diversidade, compreendendo os sujeitos pelas suas singularidades, possibilidades. Quando passamos a trabalhar com a bengala, os ensinamentos adquiridos no seu percurso de aluno, foi agregado as suas ações no instante dos entraves, comuns de acontecerem, para quem deseja fazer uso da bengala longa, esta, imprescindível para a mobilidade segura da pessoa cega. Ainda que incomodado com o resultado não satisfatório, porém compreendeu ser normal as dificuldades e com a ajuda do professor segue, tranquilamente em direção ao esperado. Trabalhou as técnicas de bengala, intensamente, observando os passos a avançar e tudo era descoberta no caminhar. Para Hoffman (1998):

O manejo da bengala pela pessoa cega ou com baixa visão é considerado, por muitos leigos no assunto, uma tarefa bastante simples, restringindo-se em levar a bengala à frente do corpo e tatear o chão em busca de algum obstáculo, degrau ou buraco. No entanto, observando-se tão-somente o aspecto motor, esta tarefa revela-se complexa, requisitando a aquisição e o desenvolvimento de habilidades motoras e sensoriais específicas e especializadas (HOFFMANN, 1998, p. 94).

O trabalho de bengala com Francinildo desenvolveu suas potencialidades que corroboramos com Hoffman (1998, p. 94) o afirmar:

[...]esta aquisição de destrezas, porém, não implica a espera do momento motor ideal da pessoa ou sua obtenção de habilidades prévias de uma forma não significativa - a qual tomaria sua importância e significado quando realizada justamente com o uso da bengala. O surgimento e o desenvolvimento mecânico de habilidades motoras nem sempre garantem a funcionalidade de uma determinada ação. Além disto, há movimentos que, para deixarem de ser rudimentares, necessitam exatamente da interação do indivíduo com uma determinada tarefa e em um determinado ambiente. Assim, existirá sempre uma correlação entre indivíduo, tarefa e ambiente para o desenvolvimento motor do ser humano.

Com o início do manuseio da bengala longa tornou-se necessário, portanto, identificar as técnicas a fim de proceder com seu uso correto. Da mesma forma, foi necessário o reconhecimento de pistas e referências, elementos presentes em mobilidade, a superação dos medos em ter de ficar sozinho, nos exercícios práticos, a memorização de locais e ruas, a prática de utilizar o transporte coletivo e o próprio moto taxi, já conhecido, em circunstância diferente. Uma sessão, corrente, de boas lembranças onde o passado não distante permite algumas afirmações, ele se revigora ao dizer:

A minha vida com a prática das aulas, pouco a pouco foi mudando o meu modo de ser, pensar e agir. Eu sentia bem dentro de mim, algo mais que se deslocar; era como se eu tivesse ganhado mais inteligência na organização das coisas. A verdade é que a minha autoestima estava sendo trabalhada, e a vontade de fazer as coisas crescia a todo instante. Eu começo por dizer que não preciso esperar, por alguém para resolver determinadas coisas, como ir para casa, ir para escola, o centro da cidade, tomar um transporte coletivo etc. Isso para mim é tudo que eu pensei fazer um dia. Não vejo para a pessoa cega, outro meio de conseguir a independência de locomoção a não ser buscando essa independência com a prática das aulas. Sabe por que? Porque quando você é orientado, se sente mais seguro, mais capaz e não tem medo de praticar algumas coisas, tipo ir, sozinho, na esquina e voltar. A gente consegue tranquilamente e sem o medo de antes. Eu consegui. E mais, não só no andar, sozinho com a bengala, mas saber fazer a leitura do mundo. Você é orientado para saber como atravessar uma rua, como pedir ajuda a outra pessoa, como utilizar transporte coletivo, como se comportar em ambientes, abertos e fechado. Eu entendo que esse ganho é a autonomia se desenvolvendo. Para conduzir uma bengala você aprende as técnicas, sabe como chegar em determinado lugar, vai ser mais fácil para você chegar e pedir ajuda a outra pessoa, a confiança. A ajuda na nossa vida familiar porque a gente vai ter outro pensamento. Posso dizer que a Orientação e Mobilidade na minha vida mudou meu pensamento para tudo, desde 2004, 2005 quando cheguei no CADV e que comecei a ter esse trabalho com a professora Eliane, depois com o professor João Neto e com todos os professores do CADV, hoje eu sei o quanto significa para mim. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016 Caráúbas-RN/Brasil).

Ao contrário da fase inicial, quando sonhara com a liberdade, desejos, caprichos e vida comum, e que se via emaranhado em pequenos obstáculos, hoje já se desloca com facilidade e sozinho, não só pelo interior do Centro de Apoio, mas também em sua parte externa e ruas onde utilizou diversas técnicas dessa modalidade. E vai ser doravante, construindo um caminho infindo onde um desencadear de atitudes lhes impulsiona, com a devida capacidade de determinar a sua transformação. É a experiência de Francinildo que vai caracterizar o avanço uma vez que a experiência consiste em uma passagem ativa ou passiva que o sujeito enfrenta na sua vida e que reserva para ele, um significado, um sentido. Assim, aprender pela experiência, implica na capacidade do sujeito para resolver problemas e dilemas, “mas acompanhada de uma formulação teórica e/ou de uma simbolização” (JOSSO, 2010, p. 36).

Para Josso “As experiências de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, a priori ou a posteriori, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber-se fazer, de saber pensar e de saber situar-se”. (JOSSO. 2004 p. 235).

É o processo, vivido, de transformação, lançando mão das lembranças e aludindo à prática das aulas como meio de superação. Entendemos nessa fala o reconhecimento e os benefícios que o trabalho de Orientação e Mobilidade, fez a Francinildo pelos motivos expostos os quais facilitaram a sua compreensão e leitura de mundo. Referimo-nos a mundo o contexto de sociedade, na qual somos parte integrante em seus segmentos. Ele relaciona alguns aspectos de sua mudança, seja pessoal e social, apontando essa prática no descortinar da independência de locomoção e na conseqüente mudança de atitudes e ações.



Foto 20. Francinildo Rocha e o professor de Orientação e Mobilidade.
Fonte: Arquivo do Centro de Apoio, (03/03/2010).

Enquanto professor eu, João Zacarias de Sousa Neto, comecei a ministrar as aulas para Francinildo, e observei o quanto ficou mais facilitado a sua procura pelos espaços: seja no trabalho, na escola e outros espaços sociais, pois a sua independência em locomover-se permitiu uma autonomia capaz de perceber seus direitos. O efeito das aulas, também mostrou que a sua autoestima ficou mais elevada lhe proporcionando o desejo de sociabilidade.

O dia a dia das aulas práticas serviu para realizar os movimentos com estabilidade e confiança. Veio a destreza e com a orientação apropriada melhorou o relacionamento com o espaço de sua ação. O professor entra com sua habilidade de orientar corretamente o trabalho, e dessa forma a mobilidade acontece de forma segura. Os alunos cegos que estavam dependentes do guia vidente para a sua locomoção, agora já andam sozinhas e traçam seus próprios caminhos. Para Halbwachs:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros [...]. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 1990, p.22).

Em alguns casos, a pessoa com deficiência visual desempenha o papel estigmatizado do cego, com maiores limitações psicológicas do que físicas, e obscurecendo todos os outros papéis sociais dentro das relações sociais. As relações sociais, dentro de instituições especializadas, podem e devem mobilizar mudanças de comportamentos, autônomos e independentes, envolvendo uma nova realidade para a pessoa com deficiência visual, tanto como na identificação dos demais papéis sociais.

A vida é uma arte, e nos proporciona surpresas, imprevistos, avisos, acontecimentos alegres e tristes, os aprendizados como diz Freire (2008) aprendemos em comunhão uns com os outros. Percebemos aprender em qualquer fase da vida e a todo o momento, até em situações constrangedoras e inusitadas nós aprendemos. Nessa perspectiva, analisamos a vida como um constante ensinar/aprender.

As orientações construídas nas aulas práticas representavam cada vez mais, êxito, no propósito de alcançar a plena independência da vida. A cada ensinar, surgia um novo aprender, conforme Freire (1999), ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Para o autor, é fundamental

que, na prática da formação docente, o aprendiz assume que sua participação é indispensável. Por isso, a formação permanente de Francinildo através das aulas de Orientação e Mobilidade foi fundamental o momento de reflexão crítica sobre as práticas. Para Santos (2008), a promoção da aprendizagem significativa fundamenta-se num modelo dinâmico, no qual o aluno é levado em conta com todos os seus saberes e interconexões mentais. A aprendizagem ocorre quando o aluno (re) constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai lhe possibilitar agir e reagir diante da realidade.

Na esfera social, Francinildo finca suas marcas, no convívio com outras pessoas, ele demonstra a busca pelo espaço e o seu crescimento, pessoal, na arte do aprender. Também compreende que pouca coisa lhe favorece, uma vez a deficiência visual ser uma marca que o estigmatiza na sociedade.

A sociedade tem como característica, em sua composição, pessoas das mais variadas diferenças, sejam elas étnicas, religiosas, ideológicas, políticas. E, uma das parcelas de pessoas que se encontram nessa diversidade social são as que tem deficiência visual. Diante desse contexto, muito se tem estudado e observado na perspectiva da inclusão dessas pessoas. A educação é uma das áreas mais propícias para se trabalhar essa perspectiva conferindo uma formação não somente para a pessoa com deficiência como da conscientização das demais pessoas da sociedade sobre a sua importância.

Verificamos, pois, como aprendizado dos exercícios, o fato de Francinildo colocar em prática seus conhecimentos as vezes que foi desafiado a superar alguns tipos de barreiras, como arquitetônicas e atitudinais. Sabemos que no processo de inclusão social, para quem tem algum tipo de deficiência, também já mencionado em capítulo anterior, inúmeras barreiras aparecem causando entraves, em nome dos comportamentos, chamados “padrões sociais”.

Ao nos referimos às aulas de Orientação e Mobilidade, mencionamos ao longo desse trabalho, não se tratar apenas do uso da bengala longa, ou bengala de Hoover. Ao contrário, se faz necessário enfatizar que o seu processo educativo permeia na metodologia, ultrapassar um único instrumento, pois envolve habilidades e recursos. Esse processo de habilitação e reabilitação deve ser visto como atividade motora, definida em processo flexível, amplo, composto por um conjunto de capacidades adquiridas em vários sentidos, como as afetivas, cognitivas e sociais além de infinidade de técnicas apropriadas e específicas, que permitem o

cego conhecer, relacionar-se e deslocar-se de maneira, segura, independente e mais natural possível, nas diversas estruturas, espaços e situações de ambiente. Francinildo expõe claramente, sua habilidade e compreensão quanto ao processo de aprendizagem, no instante em que se vê diante dos obstáculos:

Aqui onde moro, atualmente, eu ainda tenho muito cuidado nesse sentido de andar com a bengala propriamente, porque aqui é uma cidade que o trânsito é muito complicado, muitas motos e as pessoas não tem educação de respeitar a pessoa cega na rua. Eu procuro lembrar as orientações que tive e isso me ajuda bastante. Posso até dizer que em tudo: na minha relação com o trabalho, a de saber me orientar onde estou, de andar na rua e saber os pontos da cidade, e isso me deixa tranquilo. Foi pelas orientações que hoje tenho essa concepção e assim eu vivo no dia a dia também. Repito não ser só a bengala o que me proporcionou a minha independência, eu me vejo preparado como um todo, dentro do conjunto de ensinamentos. É o caso de aqui em Caraúbas eu viver bem tranquilo e sem angústia nenhuma, de andar, me deslocar e me relacionar com todos. Como falei, com muito cuidado pois tenho ciência da minha limitação e sei o quanto é perigoso se arriscar ao meio do trânsito por exemplo. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016 Caraúbas-RN/Brasil).



Foto 21. Francinildo caminhando pela rua em que mora – Caraúbas –RN
Fonte: Arquivo da família, (21/03/2014).

Nessa narrativa há nível de compreensão, sobre o trabalho orientado, uma vez a sua independência fazer com que este perceba de forma clara, o mundo que lhes cerca. Freire (2013), ao discutir sobre as relações do homem com o mundo, destaca a pluralidade de desafios que este o apresenta e a necessidade de se abrir o olhar para tais relações, nas quais as singularidades sejam partilhadas e compreendidas no seu universo plural. A interação com atividades físicas acontece com pequenas modificações, adaptações aos materiais e alterações do local,

favorecendo o conhecimento e condicionamento físico do corpo do deficiente visual, fator que está intimamente vinculado ao desenvolvimento biopsicossocial.

Quando nos referimos a OM podemos dizer que existem desafios para a prática, uma vez tratar-se de uma atividade física, embora com o uso contínuo do raciocínio, contudo o engajamento nessa prática proporciona maiores possibilidades de potencial funcional. Na continuidade dos afazeres vislumbramos os ganhos de aprendizagens frutos do processo de orientação mais ampla, realizada na formação do seu desenvolvimento. Para ratificar essa realidade, visualizamos por vezes outras práticas que despertaram o conceito geral do treinamento e que agora podemos constatar a sua concretude. Foi o caso das competições, programações esportivas, atos cívicos e religiosos, dos quais Francinildo participou com muita desenvoltura. Isto só tende a facilitar o desenvolvimento psicomotor e favorece o desempenho do potencial, até então não revelado. Nesse sentido a sua narrativa expressa o que de melhor aconteceu:

[...] olha, eu falo sempre que esta modalidade proporciona muitas oportunidades para quem tem deficiência visual. Quem pratica as aulas vive novos momentos, e cresce todo dia em algum aspecto da vida. Algumas atividades esportivas, por exemplo, nos colocam no alto da estima, e traz saúde ao corpo. Aliás são poucos os cegos que praticam caminhadas, e outra atividade física. Com certeza cada um tem seus problemas, suas razões. No meu caso vivi com o professor, treinamento para a corrida de pedestrianismo, de Santa Luzia; uma competição esportiva, aberta para todas as regiões do Brasil. Para a minha participação precisamos treinar bastante. O que aconteceu, por várias vezes, no ginásio “carecão”, do Colégio Diocesano de Santa Luzia. Foram treinos, bem puxados, para aprimorar a forma física e coordenação motora. Assim também treinamos no estádio de futebol, Leonardo Nogueira chamado de “nogueirão”. Posso citar, ainda, a minha presença no desfile, cívico-militar de sete de setembro, na cidade de Mossoró, não lembro o ano, mas desfilamos, nas ruas, juntos com os alunos de várias escolas. E vieram outros eventos como “mostra cultural”, teatro, música etc. Essas ocasiões só fizeram o bem quanto a minha inclusão na sociedade. Afirmo que foram vivências muito ricas e importantes. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016, Caraúbas-RN/Brasil)

Para Francinildo narrar os acontecimentos estava implícito a sua mudança de comportamento. Todo o seu relato mostra o quanto ele tem evoluído enquanto pessoa ativa, na sociedade. É muito significativo os seus passos quando vão de encontro a um novo rumo. O falar de si explicando e compreendendo, o processo de formação, é diferente do falar de si movido por apenas lembranças e memória de fatos acontecidos. Isto ele mostra na medida em que não foge da luta e participa de várias atividades. Ressalto que ao tomarmos a escrita de nós mesmos como

caminho para o conhecimento, numa perspectiva hermenêutica, não significa dizer que estamos reduzindo a uma tarefa, simples, técnica ou mecânica. Ao contrário, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas.

Francinildo estava rememorando tudo aquilo vivenciado no período de aulas, vividas no CADV. As atividades que participou e o próprio treinamento, que foi rigoroso, para ele. As suas lembranças lhe traziam de volta a um tempo em que sofria as dificuldades de não poder caminhar, sozinho e de se distanciar das amarras da dependência. É possível que no trilhar dos acontecimentos não lhe seja tão fértil o potencial da memória. Porém, quanto a memória, sua relação com o esquecimento, Augé (1998) aponta pistas para entender que as mesmas são vinculadas e solidárias ao tempo presente. O esquecimento nos remete ao presente, mesmo que seja para viver em outra dimensão as experiências circunscritas de nossa vida. Afirma o autor que: “É preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel” (1998, p. 106). Corroboramos com a ideia do referido autor, quando entendemos que o conceito de esquecimento como ausência de recordação ganha outro significado, quando o vê como um componente indissociável da memória, visto que “O esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” (AUGÉ, 1998, p. 27).

Tudo isso complementa o contexto histórico e faz com que Francinildo não esqueça a sua história de vida. Para Halbwachs, (1990) “algumas passagens de nossas vidas estão inerentemente apregoadas à noção de nossa história social do meu eu”. Dessa forma há outras passagens de nossas vidas que se desprendem de nós por pertencer a nossa memória individual sem vinculação a história social. O que nos impulsiona a sempre mais, caminhos a percorrer.

Francinildo vem sempre buscando aprender mais em sua vida, o que não lhe cansa de tentar outras tarefas com aprendizado novo. Agora decidiu pela computação e fez com que o mesmo procurasse e realizasse um curso, em uma empresa da cidade de Mossoró. Esse desejo de novos conhecimentos, novas tentativas, acrescenta na sua formação e alimenta o seu altruísmo de aluno comprometido em querer vencer as barreiras existentes, para uma pessoa cega. Por certo que neste rumo ele adquire formação por eco formação quando se prepara para acompanhar a educação inclusiva que viabiliza a aprendizagem de todos, especialmente de educandos com

cegueira, pelos quais historicamente enfrentam acentuadas dificuldades quando as condições para a aprendizagem não lhe são oferecidas.

Com isto, Josso (2010) assegura que os acontecimentos e a busca do saber, do saber-fazer, do saber ser e saber conviver que movimentam a vida de uma pessoa e impulsiona a mesma à busca de interações, resoluções de conflitos, realização pessoal, dentre outros interesses, oportunizando diversas aprendizagens, as quais são agregadas à vida, através das experiências vividas, servindo de referência para inúmeras outras situações, conferindo formação continuada pela via da experiência que marca a vida do sujeito. Essa interdependência entre a experiência e a aprendizagem formativa, conforme Josso (2010) estabelece-se mediante a um conjunto complexo que envolve as emoções, os afetos, o discernimento dedutivo e intuitivo, os quais são utilizados pelo sujeito para dar sentido à vida e a sua mobilidade no mundo em que vive.



Foto 22. Francinildo escrevendo em Braille
Fonte: Arquivo do Centro de Apoio, (23/04/2013).

Vimos nesse tópico a alusão feita por Francinildo ao trabalho, por ele realizado, em sintonia com o professor, onde ambos detiveram no exercício da prática, almejado o objetivo da independência. As superações visualizadas pela importância do feito. As transformações pessoais no contexto humano social. Buscou-se na autobiografia a luz do discernimento para enxergar os caminhos de uma nova fase de vida. No plano da interioridade, implica deixar-se

levar pelas associações livres para evocar recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa, em torno do tema formação, como nos ensina (JOSSO, 2010, p. 36)

Seguiremos nesse caminhar para si abordando no item posterior toda a mudança e quebra de paradigmas, onde o sujeito é o centro e a deficiência a mola propulsora do avançar em conhecimentos e descobertas.

3.3 – O meu eu: novo ser e outros pensamentos na superação de barreiras

Nos caminhos, que percorremos, há encontros e desencontros. Na vida de cada ser são frequentes os sentimentos de esperança, descrença e emoções. Sem contar com as relações interpessoais que são carregadas de cheiros, sabores, alteridade, formação, acertos e erros. Tudo isto constará com bastante significância na história de vida do sujeito, de nossa pesquisa. Acreditamos que eles sejam constituídos por veredas recordativas de momentos oscilantes entre a doçura, a cor, o perfume e a beleza das rosas; bem como a aspereza, a dureza e a dor provocada pelos espinhos. Contudo, temos certeza de que essas marcas, embora contraditórias são edificantes para a construção de cada ser.

Desse modo, para Josso (2010), a formação é sempre embasada na experiência, pois essa provoca no sujeito um ato reflexivo sobre o seu passado que envolve a sua percepção, observação e sentimento de como enfrentou a sua dinâmica de vida, as diversidades e adversidades das situações que lhe impulsionaram à busca de superações, processo esse pelos quais se articulam sob a forma de atitudes, sensibilidades, afetividades e idealizações.

Nesse tópico vamos acompanhar a história de vida de Francinildo Rocha que é toda pautada na sua experiência de pessoa com deficiência visual, onde exige de si mais compreensão e paciência nas superações dos entraves da vida. Sua história de superação começa no nascimento e se estende por toda vida, visto que as barreiras nunca cessam para quem tem uma cegueira visual. Na narrativa (auto) biográfica será o momento em que ele passeará no passado e em conexão com o tempo presente e com a consciência de um ser aprendiz, mostra a sua superação, formação e transformação de vida. O método (auto) biográfico proporciona enxergarmos, de maneira cristalina, a concretude de um aprendizado e transformação do sujeito, por suas ações. É o caso do aluno, que antes de adentrar na esfera da educação, vivia o ostracismo e o azedume de uma deficiência. As marcas e cicatrizes do passado, vivido enclausurado em si próprio, agora

se descortinam no arejamento de uma mente voltada, aos momentos de encantos e beleza que a vida nos proporcionam.

Utilizando-se da experiência vivida com a modalidade de Orientação e Mobilidade, e na reflexão realizada por ocasião da sua sessão (auto) biográfica, Francinildo, já não é mais aquele menino de antes, o seu comportamento mudou, modesto na sua fase de infância e adolescência, agora mostra ser mais consciente como qualquer outro, nas suas decisões. Conforme explica Josso (2010, p. 62, 63): “A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas”. Modificado ele expressa as mesmas sensações das pessoas ditas “normais” quanto aos conflitos familiares, escola, namoro, trabalho etc.

Conforme iniciamos o processo de sessões (Auto) biográficas, nas fases anteriores, onde o nosso entrevistado Francinildo narrou suas alegrias, angustias, medos e solidão, agora é chegado o momento de saber como se considera vivendo o tempo atual. Depois de tantos acontecimentos, idas e vindas num processo ativo de vida, quis ouvi-lo sobre as suas superações. Francinildo como que ajoelhado ao chão e deixando seus olhos lacrimejar, pela emoção revelou:

Olha João! Antes eu era um Francinildo que não tinha perspectiva, sequer de sair de dentro de casa. Embora eu tivesse liberdade interna e apoio para me lançar lá fora, o meu pensamento era só ficar dentro de casa, ouvindo rádio, balançando numa rede, fazer nada. O meu pensamento era esse, eu achava que o cego não estudava, o cego não andava sozinho, o cego não namorava. Um monte de coisas. Tudo o que me aconteceu só fizeram caminho para o hoje sou: totalmente diferente, hoje eu vejo o mundo de outra maneira e sinto que sou uma pessoa mais feliz. Faço o que eu gosto e tenho autonomia de decidir isto. Conquisto novas amizades e tenho perspectivas de vida, bastante diversificada. Quero cursar a faculdade de Comunicação Social, só assim tenho melhor qualificação para o que faço, atualmente, que é trabalhar no rádio. Quero seguir a minha vida normal. Tenho perspectiva de casar ter a minha família. Coisas que antigamente eu não imaginava. Eu acredito que esse exercício de rebuscar a minha memória, aquilo que eu fiz, quem eu era e como me vejo hoje, só aponta os novos pensamentos, os quais faço minha vida feliz. Tudo que me aconteceu agora posso dizer que fez sentido nas minhas descobertas. É o que penso. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016, Caraúbas-RN/Brasil).

Essa fala nos garante a potencialidade adquirida e desenvolvida pelo sujeito que reviveu nas lembranças uma vida cheia de percalços, porém, renascida pela força do conhecimento de si. Josso (2010) nos permite o caminho pela abordagem biográfica como

metodologia de pesquisa-formação quando afirma que este exercício permite aos sujeitos da pesquisa “uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (p.141). Para a autora, as histórias de vida constituem processos de formação em que se possibilita situar histórias particulares em contextos coletivos. É através da mediação do trabalho biográfico que as experiências se tornam significativas enquanto representações de si mesmas e do seu ambiente humano e natural.

Foi assim que aconteceu com Francinildo no exercício de sua trajetória de vida, teve que passar por momentos de transformações para poder ultrapassar os obstáculos. A escola e a convivência com os outros cegos no Centro de Apoio ao Deficiente Visual, determinaram comportamentos de desenvolvimento pessoal, afetivo, motor, psicológico e a constante vivência social nas interações com outras pessoas. Conforme Josso (2010), o caminhar para si mediado pela (auto) biografia permite a passagem de uma estrutura heterônoma, a qual a reflexão do sujeito acontece de forma superficial, porque a assimilação das aprendizagens que advêm da família, das instituições escolares, da comunidade de pertença não são processadas criticamente, são assimiladas sem questionamentos, onde o sujeito se coloca como pseudo-autor; o (auto) biografar-se conduz o sujeito da sua própria formação a analisar-se em profundidade na busca de compreender a teia que embasa a sua própria existência. Francinildo ao dar-se conta de suas possibilidades de superação não parou de buscar no cotidiano, as tarefas para o seu crescimento e formação pessoal. Ora trabalhando no rádio, ora exercitando o corpo na academia, participando da vida ativa da sociedade. Essa caminhada para si segundo Josso, “procura a identificação das próprias fragilidades, potencialidades e possibilidades, estando o sujeito disposto a elaborar, cotidianamente, o seu processo-projeto da sua existencialidade”. Com isso ele vai desafiar os obstáculos em prol do seu desenvolvimento, construindo, desse modo, uma nova estruturação na marca da sua autonomia.

Todavia ainda é preciso saber da sua vida em sociedade, se a mesma acontece em pleno exercício da inclusão. Sabemos, pois, que a mesma tem como característica, em sua composição, pessoas das mais variadas diferenças, sejam elas étnicas, religiosas, ideológicas, políticas. Uma das parcelas de pessoas que se encontram nessa diversidade social são as pessoas com deficiência visual. Diante desse contexto, muito se tem estudado e observado na perspectiva da inclusão dessas pessoas. A educação é uma das áreas mais propícias para se trabalhar essa perspectiva conferindo uma formação não somente para a pessoa com deficiência como da conscientização das demais pessoas da sociedade sobre a sua importância. É preciso que a inclusão das pessoas

com deficiência passe por todos os segmentos da sociedade. Esse processo não é simples quando temos atitudes que excluem e nos fazem negar o direito a diferença:

Eu acho que não há inclusão da pessoa com deficiência em todos os segmentos, da sociedade. Ainda não. No mercado de trabalho é muito visível. Mas há pontos que podemos afirmar haver inclusão. Agora cada um tem de fazer a sua parte e eu busquei superar minhas dificuldades, na iniciativa de ir ao encontro do outro. Porque primeiro eu me aceitar, a pessoa com deficiência tem que se aceitar primeiro para depois ir a sociedade e as pessoas em geral nos aceitar. Não devemos dar ouvido a sociedade quando nos chama de ceguinhos ou inválidos. Veja o meu caso, eu trabalho aqui na rádio, eu sou radialista, trabalho aqui na rádio liderança FM 87,9 é uma rádio comunitária de nossa cidade, faço um programa de esportes de 12 e 30 horas a 13 horas e aos sábados e domingos eu apresento um programa de brega aqui na rádio. Geralmente eu vou de moto. Volto de carro. Vou a pé, já tive de voltar a pé com os meus companheiros e o trajeto é esse. Lá na rádio eu conheço tudo, faço minhas coisas sozinho, meus trabalhos de pesquisa também a gente faz um trabalho é bem autonomia no trabalho. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016, Caraúbas-RN/Brasil).

Embora a sociedade ainda alimentasse alguns estigmas, rotulações quando há pouco tempo tratava o aluno com deficiência visual de “ceguinho” em sua argumentação Francinildo deixa claro a questão da inclusão ascendente, e o ingresso de pessoas com deficiência na sociedade. No aspecto pessoal, revela ser uma pessoa persistente, lutadora, esperançosa e que acredita e busca realizar seus sonhos. Enquanto profissional, ele se reconhece como pessoa que tem deficiência e busca ser bem-sucedido no exercício da profissão vigente. Francinildo deseja não ser uma estrela com luz própria no sentido de se isolar, mas compartilhar os saberes, aprendizados com todos, com as demais estrelas existentes no campo da profissão e da vida pessoal de quem não consegue enxergar com a luz dos olhos.

Na vida de Francinildo, um dos fatores determinantes para o olhar positivo na diversidade, foi o convívio familiar onde encontrou nas dificuldades de casa, forças a superar o fator financeiro e o relacionamento conjugal, entre os seus pais, que era ruim. Ele por ser uma pessoa com deficiência visual parecia perceber qual caminho mais indicado para trilhar nesses momentos. Quando solicitado para narrar sobre suas experiências “além casa”, ou seja, na escola, no trabalho, por exemplo, ele de imediato relacionou os fatos, mostrando superação aos desafios.

Aproveito esse momento em que falava do seu trabalho, da rádio em si, e logo entendi como se deu o encontro nessa profissão. Afirmou que sempre gostou do rádio e ainda quando

criança, passou a ser ouvinte diário. Cresceu ouvindo um programa de forró intitulado “forró do coroné” com Tadeu Benevides, na época, em Caraúbas, e que sua mãe falava muito nesse senhor. Lembra que estava em Mossoró e, quando voltou para Caraúbas, nos anos 90, começou a escutá-lo, gostar mais ainda do rádio e aqueceu o desejo de conhecê-lo. Francinildo e o forró pé de serra se completam e torna-se a ponte para o encontro com o locutor Tadeu Benevides. Este, em seguida lhe oferece a oportunidade de falar no programa.

Passados alguns anos, Tadeu Benevides, juntamente com Fernandinho Praxedes, que era o diretor (na época) da rádio liderança Fm 87,9, deram-lhe a oportunidade do rádio. Submetido a uma entrevista sobre pessoas com deficiência, logo em seguida fora chamado para fazer um programa, em abril de 2012, chamado *manhã sertaneja* das 5horas às 6horas da manhã. Desde então faz três anos de rádio com músicas de forró e programa de esportes.

Francinildo, hoje é bem aceito e relata que o novo diretor da rádio, em abril de 2015, falou em liberar mais um programa para si, não porque seja cego, mas por reconhecer a sua capacidade de conduzir, bem, um programa.

Rememorar e refletir em como e por que me tornei o que sou hoje consiste em descrever os processos que afetam a nossa identidade e a nossa subjetividade, podendo constituir-se numa trilha para que “o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e o seu processo de formação” (JOSSO, 2010, p. 38), cujo caminho não apenas é promissor da elaboração e integração do saber-fazer, como também promove descobertas para possíveis transformações. A autora nos faz compreender que o reconhecimento dessas aquisições experienciais pela pessoa, em situação de balanço ou em formação, e pelas instituições ou organismos de formação, é, há alguns anos um campo de práticas novas em que se jogam, simultaneamente, o valor das competências quando se está à procura de um emprego. Para Fernandinho Praxedes, novo diretor da rádio era preciso compreender Francinildo, na condição de cego, com isso entendia que precisava ser dada as oportunidades de igual modo, a todos os funcionários, inclusive aos que tinham algum tipo de deficiência, no caso Francinildo, deficiência visual. Fortalecer as relações de comunicação, afetividade entre os sujeitos é importante nesse instigante e gradativo processo inclusivo.

Interessante de se considerar nesse episódio: a afetividade quando entra em cena, permite o funcionário se sentir seguro, confiante e apoiado nesse processo de inclusão social. Além do mais outra questão a ser realçada é a parceria nessa troca de saberes com pessoas

diferentes na maneira de enxergar a aprendizagem da vida. Sua afirmativa, na condição de funcionário com deficiência foi: “Então assim ele me acolheu e todos os meus amigos, tiveram a mesma atitude, além dos ouvintes”, continua, Francinildo "do meu trabalho eu falo com emoção, assim João por isso também, eu vejo que as pessoas confiam no meu trabalho, não porque eu tenha deficiência visual e sim porque eu sou capaz de fazer o meu trabalho aquele trabalho que eu faço hoje”.

Os avanços das tecnologias assistivas permeiam em todas as áreas, no entanto são poucas pessoas com deficiência que tem acesso. O fator financeiro faz equilíbrio nessa discussão, justificando o pouco acesso de alguns em detrimento da maioria. Uma pessoa com deficiência visual, na certa encontrará barreiras a transpô-la nessa área. E como o rádio é um meio de comunicação, utilitário dessa ferramenta de ponta é preciso que Francinildo esteja preparado para acompanhar esse avanço. Indagado sobre o assunto foi contundente em informar os variados softwares, programa de computador, que são instalados nos aparelhos a fim de reproduzir voz, ao texto digitado. Este tipo de programa encontra-se instalado em seu notebook que o permite acessar os sites para as pesquisas de seu programa de rádio. “Hoje é algo superado para pessoas com deficiência visual, finalizou”.

Visualizando uma pessoa transformada e de pensamentos outros onde consegue enxergar os rumos de sua vida, Francinildo ainda discorre em sua narrativa momentos de autonomia e de planos para o futuro:

Assim, João! Hoje eu tenho certeza que a minha vida mudou. E mudou para melhor, no sentido de me achar mais independente e saber que posso viver uma vida normalmente, como as demais pessoas. Como falei antes a minha deficiência nunca me deixou incapaz de querer vencer na vida. Por isso mesmo, tomei a iniciativa de estudar, ir pra Mossoró procurar meios de estudar para trabalhar então assim eu fui superando a cada dia as minhas dificuldades. Hoje se eu disser para você que não tenho dificuldades, tenho sim, é claro temos todos nós, temos dificuldades, mas se supera tranquilamente devido a nossa consciência, devido nosso tempo de vida com as outras pessoas, e isso ajuda nossa vida em todos os sentidos. Por enquanto eu fico em Caraúbas. 2016 é ano de política e as coisas pode mudar. Mas eu tenho plano de cursar a minha faculdade de Comunicação Social, porém somente quando estiver morando em definitivo em Mossoró. Por enquanto a rádio tem me dado suporte, aprendizado muito bom. Mas penso em Comunicação Social até porque precisamos cada vez mais aprofundar os conhecimentos, aperfeiçoa-los e a faculdade é importante na vida do radialista. (Francinildo Rocha, entrevista realizada em 16/02/de 2016 Caraúbas-RN/Brasil).

Foram notórias a alegria e a satisfação do aluno Francinildo, quando afirmou em sua narrativa ter se sentido bem pela participação, na pesquisa, durante as sessões (auto) biográficas. Reconhecendo ser difícil falar de si, mas aos poucos compreendendo não estar relatando um simples acontecimento, e sim vivenciando, pela memória, as mudanças, em sua vida pelos fatos lembrados. “Eu me senti outra pessoa”. E, continuou a enfatizar que: “O método (auto) biográfico, ele é muito interessante. Eu percebi que é muito mais fácil falar daquilo que me transformou, me deu novo ser. Eu não sabia o que era, agora posso sentir que essa experiência me motivou a pensar melhor, naquilo que fui e sou na realidade”.

A (auto) biografia de Francinildo permitiu conhecer a história de vida desse aluno, saber que acontecidos foram imprescindíveis para a sua formação enquanto cego e com inúmeras barreiras para ultrapassá-las. Entendemos ser primordial, antes de tratar da relação propriamente dita, caracterizar, dar o perfil dos sujeitos. A relevância de apresentar o trajeto de vida contribui, segundo Pineau (2010) para quem narrou, ouviu a narrativa e para o espaço, o qual esses sujeitos são protagonistas.

Confirmamos que os diversos recheios dos alimentos consumidos no caminho, para o sucesso da superação de barreiras, constituíram-se, a priori, no alargamento das oportunidades, para em seguida a ação positiva nas estratégias que venceram as dificuldades. Não foi diferente com Francinildo em reconhecer outras mãos em suas necessidades. A deficiência visual não lhe apagou a memória, e, em tempo oportuno lembrou daqueles que seguiram ao seu lado. Para Halbwachs (2004), trabalhando a memória, ele afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Diante dessa realidade de superação é preciso reafirmar a necessidade de todas as pessoas, com algum tipo de deficiência, estar incluídos nas escolas regulares, nos espaços não escolares e nas universidades públicas, sobretudo. A oportunidade de ingressar e consequentemente, permanecer na universidade viabiliza o relacionar com o maior número de pessoas, colegas alunos, professores e os novos saberes isto é imprescindível na transformação e mudança de concepção da própria deficiência e habilidades desses sujeitos. É seguir por uma rota diferente da exclusão, estigma, superproteção e da “prisão”.

Para Josso (2010) a (auto) biografia contribui com a mudança, pois conduz o sujeito à invenção de si que é mediada pela sua consciência de ser, de estar, de acreditar, de ousar, de operar, passando da condição de sujeito passivo para atuar como protagonista da sua história de vida. Foi o que aconteceu com Francinildo Rocha onde a narrativa de si oportunizou o reconstruir do seu ser. Relembrar possibilitou a realização de uma reflexão sobre a sua pessoa e fez com que reconhecesse as lacunas existentes em sua trajetória que busca cada vez mais no dia a dia superá-las.

Nesse processo da narrativa oral ocorreram “as primeiras tomadas de consciência” (JOSSO, 2010, p. 91) à medida que Francinildo percebia, através das suas narrativas, o que conseguiu narrar de si, o que conseguiu aprender, diante de cada experiência de difícil trânsito para si, como vivenciou e superou os seus medos, conflitos e dilemas, como conseguiu fazer inúmeras correlações de um acontecimento a outro para melhor entender o que se passou e aprendeu com essa experiência, dentre outras descobertas. É nessa direção que Josso (2010) orientou-nos quanto à aplicabilidade do método (auto) biográfico para que se oportunizem as evidências do processo de formação do sujeito, a fim de que este inicie suas primeiras tomadas de consciência, redimensionando a sua formação.

Constata-se que o método (Auto) biográfico, aplicado nessa pesquisa por meio das narrativas de histórias de vida e formação de Francinildo foi de fundamental, pois não apenas possibilitou ascender à consciência desse aluno da ampliação dos conhecimentos, saberes e fazeres como também, a sua prática exercida no cotidiano.

Dialogamos com as contribuições de Halbwachs (1990), que aprecia a importância da memória que, para esse autor, ultrapassa a memória enquanto dimensão individual. Foi constatado nas narrativas de Francinildo ao envolver no seu passado, pessoas que fizeram o contexto de suas lembranças. Em considerando a educação, nós vemos que as propostas educacionais àquelas que olham os alunos de forma homogênea, refletem as marcas do modelo de uma educação voltada para as pessoas ditas “normais”. Freire (1979), que defende uma educação que leve o educando a compreender a sua realidade, pois com esse conhecimento poderá levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções.

Fomos tecendo um trilhar de acontecimentos onde o sujeito constituía-se o centro das descobertas, em suas andanças pelo passado construindo em suas atividades o reconstruir do

itinerário de vida. Isto se aplica muito bem ao Francinildo onde sua atividade de sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos.

No momento em que Francinildo deixa Caraúbas, a sua terra natal, para dedicar-se aos estudos, em Mossoró, ele sente que algo de novo está acontecendo. Não pelo simples fato de fixar residência em outra cidade, mas por saber que de agora em diante a sua vida toma outra perspectiva, estudar, conviver em novo ambiente, novas amizades, enfim olhando para si, para a sua necessidade de concluir os estudos, vem o desafio para quem tem sérias limitações. Mas lhe aflora o desejo de lutar, vencer outra etapa de vida com sua experiência. É esse o seu objetivo que foi traçado instante em que se encontrou. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um. A imagem sugere igualmente a questão temporal e um processo: no caso presente, um processo de conhecimento de si mesmo que tem início a partir de todas as concepções que nos habitam no momento em que empreendemos o caminho biográfico. É este caminho que, de etapa em etapa, de elaboração em elaboração, favorece a atualização destas mesmas concepções. Enfatiza Josso:

O que representa um desafio neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, desse momento em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. (JOSSO, 2004, p. 58).

Pude ver no aluno Francinildo traços de sua formação ao declarar “tenho certeza que hoje sou mais consciente daquilo que eu quero para mim”. O que se observa é o resultado do processo da reflexão biográfica, no instante de Caminhar para Si, Josso (2011). Ele expressa o

que de melhor pode condensar as várias ideias que estão no centro do nosso questionamento sobre a formação baseada na reflexividade (auto) biográfica.

Fico feliz ao ver a inclusão de Francinildo, na sociedade educacional, ou seja, em sala de aula, comum a todos os estudantes. Hoje isso é possível não só por direito, mas devido um ganho pessoal que o coloca em igualdade, na maneira de pensar e refletir esse direito. São os movimentos e as dinâmicas das inter-relações intercambiada pelo sistema de sociedade, Ferraroti (2010). Francinildo se apodera de suas narrativas que prevalece não uma história singular, simplesmente, mas uma história que é coletiva, social e que alcança a complexidade de múltiplas e diversas relações numa sociedade. Com isso as suas ações caminham de acordo com o novo olhar, pensar e buscar.

Consideramos, ainda, as decisões tomadas por Francinildo, de frequentar aula de Orientação e Mobilidade, a fim de poder caminhar sozinho, pelas ruas, fazer cursinho com vistas ao ENEM, participar de eventos sócio cultural, no caso feira do livro e mostra cultural, de ser usuário do transporte coletivo, trabalhar na rádio como locutor etc., pois, conforme pondera Josso (2010) o ser humano na sua existência, tem necessidades pautadas por desejos, cuja busca do atendimento desses desejos é permeada de intencionalidades, objetivos e metas, os quais o orientam para um futuro estruturante. Isso revela que o refúgio do sujeito, o seu conforto, a sua segurança, muda e desestrutura-se, gradativamente, à medida que se assume o enfrentamento dos limites, das barreiras e dos percalços que surgem no caminho, rumo a essas novas conquistas. Esse é um movimento de busca de sentido para vida e de um saber-viver, ocorrendo no percurso de construção das narrativas de experiências de vida e formação.

Esse novo pensar e agir de Francinildo, acontece quando ele compreende sua mudança e faz valer aquilo que assimilou do seu conhecimento de si. Não são atitudes pontuais, e sim um processo contínuo de crescimento de sua formação. À medida da sua interação com os seus familiares, professores, colegas de trabalho e toda sociedade. Como enfatiza Josso, 2012, “que a sua vida pode mudar no momento em que o processo do caminhar para si apresenta-se como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural”. São exatamente as ações realizadas no dia a dia que vão fortalecendo e recriando o novo ser.

Francinildo Rocha e Orientação e Mobilidade se confundem como práticas de crescimento, autonomia, independência e transformação. Seguindo um percurso de vida em que a realidade se apresenta como fruto desse processo, pontuamos algumas características apontando o método (auto) biográfico, no instante que contribuiu nos avanços da pesquisa, contudo conferindo algumas lacunas, pois entende-se que a pesquisa seja ela quantitativa ou qualitativa, os métodos não são infalíveis, com fins em si mesmo. Pontos que consideramos ser vantagens ou contribuições e outros como sendo desvantagens ou lacunas. Quadro síntese:

Vantagens	Possíveis desvantagens
<p>O próprio Francinildo estava incluso nas narrativas e junto com os demais protagonistas que construíam a pesquisa, ele pode verificar o processo de sua inclusão;</p> <p>Vivenciou a prática de orientação e Mobilidade e demonstrou independência na locomoção. A sua vida tomou novo rumo quando ele agora transita em todos os segmentos da sociedade, sem precisar de auxílio de um guia vidente.</p>	<p>A sua verdade pode não ser a compreensão do outro, o que causa uma sensação de individualidade. Nesse caso sua conquista permanece a mercê de interpretações.</p>
<p>A singularidade de sua história permitiu alteridade e autonomia para conduzir sua narrativa e selecionar os fatos vividos.</p> <p>Sua autonomia ficou constatada uma vez as escolhas permitirem os caminhos a trilhar. Francinildo já toma suas decisões e tem consciência do seu papel na sociedade.</p>	<p>A narrativa acontece em tempo determinado, ou seja, no momento atual em que ele vive e que a sua memória, ainda pode responder pelas lembranças, de outro tempo. Contudo o tempo não garantirá a lucidez, para lembrar e afirmar o que foi registrado.</p>
<p>A sua importância nas narrativas foi percebida no momento da escuta do outro. Aumentou seu desejo de liberdade e auto estima para lutar por seus espaços na sociedade.</p> <p>A sua identificação, ou seja, o reconhecer-se capaz de, direcionam os caminhos a conquistar dentro da sociedade.</p>	<p>Os resultados não são definidos, pois os espaços sociais fluem de acordo com a transformação e mudança de cada ser, o que implica numa possível exclusão dos modos com que a sociedade assimila sua inclusão.</p>

<p>A sua história foi no sentido de olhar para si e para o outro com objetivo na investigação;</p> <p>Agora não é mais coadjuvante do processo de inclusão, ao contrário, um novo ser que descobriu como fazer a leitura de mundo.</p>	
<p>A sua formação e auto formação no processo de ação-reflexão-ação;</p> <p>Agora não é mais uma pessoa passiva, muito menos vive na inércia, e, ou parado dentro de casa;</p> <p>As atividades do estudo e trabalho são realidades no dia a dia.</p>	
<p>Permitiu uma intervenção na vida de todos sujeitos envolvidos nessa pesquisa;</p> <p>Francinildo assimilou que voltar para si e permitir-se fazer parte da história do outro, onde o individual não favorece uma vida feliz.</p>	

Este trabalho foi impulsionado pela expectativa de adentrar nas narrativas dos sujeitos-autores, assim, em conjunto construindo um novo conhecimento, mais refletido, mais repensado e otimizado acerca da independência de locomoção e autonomia de uma pessoa cega do CADV, Mossoró –RN. As falas dos sujeitos definiram a essência desta investigação e a sua relevância uma vez, através das narrativas, análises e compreensões dos relatos, deram consistência maior ao problema proposto.

Foi muito importante escutar Francinildo. A sua narrativa levou-nos a compreender, através das suas histórias de vida, como foram construídas as bases que o permitiram ser quem é hoje; que marco de aprendizagens ele impregnou à sua vida, fazendo dela um diferencial, enquanto pessoa com deficiência visual. Para Passeggi (2008, p.25), “as narrativas de histórias de vida, centradas na formação “[...] permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social”; nisto

essa pesquisa mostrou como Francinildo Rocha, ao longo da sua vida, tornou-se um novo ser. Envolvido na pesquisa, a sua biografia que é um instrumento de investigação fora, ao mesmo tempo, instrumento pedagógico ao lhe disciplinar para vida, conforme Dominicé (in Souza, 2006).

Contudo, salientamos que para Josso (2010) uma recordação, situação, uma sensação ou qualquer outra coisa só tem validade respeitando, totalmente, como o sujeito a percebe e a sente, tendo que ser analisado, exclusivamente, conforme o ponto de vista e a compreensão do próprio sujeito, sem interferência e censura de qualquer regra de observação. Também, que cada processo das narrativas oral, escrita e interpretativa, poderá, alternadamente, conforme (JOSSO, 2010), tornar-se o referencial do outro e trazer complementos e precisões à narrativa, favorecendo, assim, uma compreensão mais profunda da dinâmica da existencialidade. Cabe-nos, portanto, creditar que as mudanças constatadas em Francinildo, advém de todo seu processo de introspecção, onde se encontrando consigo mesmo, presente articulado com o passado e com o futuro, pode perceber, de fato, que o trabalho de Orientação e Mobilidade, antes vivenciado, contribuiu para sua formação e transformação de vida.

A reviravolta na vida do sujeito dessa pesquisa foi provocada pela ação de sua narrativa onde a memória despertou para o olhar demorado sobre seu próprio ser e o fez compreender que assumir uma postura reflexiva e inovadora é romper com as amarras de práticas excludentes, aquela que não direciona o sujeito para o centro das interlocuções.

FRUTOS E SABORES

Foi meu desejo pesquisar e compreender como as ações de Orientação e Mobilidade contribuem para a vida do aluno, cego, Francinildo Rocha, no sentido da sua formação e transformação do seu *eu*.

Lancei mão do método (Auto) biográfico que aponta os caminhos para se chegar às informações que nos levaram ao entendimento do objetivo alcançado, que foi a independência de locomoção e a autonomia de Francinildo Rocha. Procuramos nas narrativas dos protagonistas compreender as ações desenvolvidas pelo Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV), no que se refere a Orientação e Mobilidade, que trouxeram as contribuições necessárias para a formação do aluno, no sentido de se perceber capaz e consciente do seu papel de cidadão. Para identificar as ações desenvolvidas por esse trabalho, realizamos inúmeras aulas práticas nos diversos ambientes da cidade de Mossoró. Queríamos encontrar subsídios que nos mostrassem como a prática física levaria a uma mudança de pensamento, a independência de locomoção e a autonomia do sujeito.

Entendemos que somos seres inacabados, e por isso continuamos com nosso dinamismo de buscar constante formação que nos faça cada dia mais humanos. A persistência em buscar por essa inconclusão, se entrelaçam e permitem apontar caminhos para o fortalecimento, contribuindo dessa forma para uma formação verdadeiramente humana e contínua.

Foi no entrelaçamento das vozes, das expressões e das histórias de vida que nos permitiu o momento novo de visitar e de encontrar nas narrativas, o objeto e o sujeito desta pesquisa que escrevemos no primeiro Capítulo, Da Reminiscência à Memória Voluntária: Um relato (Auto) biográfico para a aproximação com o objeto de estudo, foram referentes à (auto) biografia do autor. Utilizando o próprio método (auto) biográfico, posteriormente, com o sujeito da pesquisa. O objetivo foi relatar como a Orientação e Mobilidade, na vida de uma pessoa cega, conseguiu um transformar do seu *eu*.

A narrativa possibilitou o reencontro, nas lembranças, com a infância e o tempo de outrora. Permitiu o olhar ao retrovisor da vida e perceber nas estradas caminhadas a ponte com o chão pisado do presente para traçar novos caminhos, na perspectiva de um novo ser. O método (auto) biográfico foi capaz de me transportar para situações relevantes e formativas do meu eu,

fatos das diversas etapas de minha vida. Me possibilitou crescer como profissional para encontrar, no cotidiano a construção de um sujeito capaz de ver a maneira de como fui crescendo, na construção de um sujeito social e compreender a auto formação.

No trilhar dessas lembranças vem a construção coletiva, o próximo capítulo, ou seja, na segunda abordagem em que me refiro ao objeto: Orientação e Mobilidade em seu contexto, suas subjetividades e suas ações. Objetivei apresentar a discussão teórica acerca do assunto, do professor, a aprendizagem do aluno cego e sua inclusão no contexto social. Foi realizada através da teoria e da prática, uma conexão: tentativas de diálogo entre os estudos, pesquisa do autor e narrativas do sujeito. O resultado foi a identificação desse objeto que levou o sujeito a independência de locomoção e ampliação da sua autonomia e modo de pensar. As abordagens teóricas e as práticas, da Orientação e Mobilidade, que foi o objeto da pesquisa fizeram intercambio com os saberes iniciados.

No caminhar adiante vem o terceiro e último capítulo: A transformação: narrativa (auto) biográfica de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV). O objetivo foi verificar como aconteceu a transformação do aluno cego, antes relegado as ideias de isolamento e segregação, para uma vida ativa pautada em um processo inclusivo de ensino e aprendizagem.

Verificamos que a relação pedagógica acontece em todos os espaços em que permitam o encontro dos sujeitos sociais, professor e aluno, na manipulação do trabalho a fim de que os objetivos de aprendizagens sejam alcançados. A tessitura dessa investigação permitiu uma reflexão e análise em torno da formação e transformação do sujeito envolvido.

É inegável a visibilidade, na fala do sujeito, dos pontos entrelaçados entre o sujeito e o objeto da pesquisa. As contribuições das sessões (auto) biográficas e a vivência com o método (auto) biográfico, essa ação de purgar suas emoções, sensações, momentos marcantes de dor, alegria, imprevisto, medo, lutas, vitórias, fizeram mãe e sujeito da pesquisa exporem o que sentiram ao terem contato com essa metodologia. Ao revelarem “eu me sinto feliz (...), e é um filho que toda mãe queria ter.”

No ouvir da narrativa, sensibilizamo-nos em destacar esses trechos de suas falas, pois elas revelam o quanto se sentiram tranquilas e a vontade para narrar suas histórias de vida. As

sessões (auto) biográficas fizeram, mãe e filho revisitar a sua memória com lembranças formativas para o seu *eu* pessoal e profissional, tecido de modo sistematizado.

Como contribuição, percebemos que Francinildo passou a viver uma vida com autonomia, no momento de decidir suas tarefas, suas escolhas na vida, de transitar o mercado de trabalho, de ir e vir aos diversos lugares, de forma independente. O trabalho de Orientação e Mobilidade elevou sua autoestima, na perspectiva de novos desejos, novos rumos, novos horizontes. Pelas aulas práticas e nas ações do seu dia a dia verificou-se qual desenvoltura o sujeito, agora é detentor da independência de locomoção e como evoluiu no senso crítico.

O ato de rememorar, de recordar situações, imagens guardadas na sua memória, fizeram Francinildo Rocha reviver a sua infância, adolescência e lembrar-se de fatos marcantes na sua fase familiar e estudantil. Todos os empecilhos, lutas, conquistas. Ele se vê hoje como locutor, atuando na rádio liderança FM 87,9 e com perspectivas de cursar Faculdade de Comunicação Social. Contudo, ressalta a beleza da vida “em aprender na interação com o diferente”. Essa relação com os outros sujeitos fez e o faz ter consciência do seu crescimento. Percebemos ser engrandecedor quando o sujeito constrói suas narrativas, pensar e se refazer, de modo, espontâneo, com sentido e com sabor.

Ao narrar sobre si, conhecer o método (auto) biográfico, verificou o quanto é relevante estudar e pesquisar acerca de algo que tenha significado para o pesquisador e ainda ter instigado a construir sua (auto) biografia, levando-o ao exercício do pensar sobre si. É muito gratificante ouvir Francinildo, e faço minhas as suas palavras, quando diz: “Esse trabalho significou para mim um avanço na maneira de pensar e agir. Sentir fortalecido por me compreender, nas lacunas e fragilidades. A dinâmica de revelar, desvelar de si, autoformar-se me proporcionou uma felicidade que não tem retorno porque o novo não envelhece mais”. Acrescento que renascer no espírito é ter vida plena, sem retrocesso. Como apregoa Josso, “Formamo-nos quando integramos na nossa consciência, e nas nossas atividades, aprendizagens, descobertas e significados efetuados de maneira fortuita ou organizada, em qualquer espaço social, na intimidade com nós próprios ou com a natureza” (JOSSO, 2010, p. 71).

Esta pesquisa me apresentou a possibilidade de reencontro comigo mesmo, a valiosa aprendizagem em ouvir as narrativas e conhecer o outro mais de perto. Dar significação a história de vida de sujeitos anônimos, que possuem uma vasta aprendizagem teórica e prática. As

narrativas, impressões e expressões da minha história foi mais uma experiência de trabalho investigativo com o método (auto) biográfico.

Despertou, no educador, uma prática que respeite às necessidades dos sujeitos com cegueira, buscando aperfeiçoar a sua formação e, certamente, aprender com esses educandos, além de manter uma relação pedagógica mais direta e contínua com o aluno. Francinildo aluno cego aprendeu com os outros alunos, cegos e professores videntes.

Nossa maior aprendizagem foi escutar as narrativas dos sujeitos, dar voz a esse aluno e mãe, pessoas comuns, os quais tinham as vozes silenciadas, histórias de vida conhecidas e guardadas apenas para si. Nesse entrelaçar entre história de vida e pesquisa, encontramos a vida na pesquisa e a pesquisa na vida. Percebemos as diferentes histórias, ora tendo algo em comum, ora se distanciando, mas sendo respeitadas as suas particularidades, a identidade, a concepção, o tempo e o espaço do outro.

Provavelmente, nesse encontro e reencontro de sujeitos, histórias de vida, a minha também foi modelada, melhorada. Todos os sujeitos têm saberes, conhecimentos, experiências, as sessões mostraram isso. Pode sentir o quanto foi saboroso Francinildo narra seus momentos formativos ao longo da vida, como para escutar cada história. O diálogo pesquisador- pesquisado possibilitou a tessitura dessa rede, de contatos, de elos. Eles se encontraram dentro da história de vida, no que se refere a troca de saberes com a Orientação e Mobilidade.

No âmbito pessoal, foi de crescimento humano, de olhar e de respeito ao outro, as pequenas coisas, a perceber o quanto é importante viver e o valor de todos os momentos da nossa vida desde a mais tenra idade. No profissional, amadurecimento em tomar como o exemplo de Francinildo de levar essa luz para os outros cegos. A humildade na condução de deficiente visual.

Esta abordagem carrega, em seu cerne, a discussão da inclusão, pretendeu deixar como contribuição acadêmica uma discussão mais aprofundada, a fim de permitir à sociedade conhecer as atividades para pessoas cegas, da relação de professores com o discente cego e a repercussão dessa interação. Logo, serão percebidos os limites e os avanços dados no processo de inclusão na universidade, na perspectiva de um processo inclusivo de ensino e aprendizagem.

A contribuição para a academia será um repensar na formação do corpo docente para um olhar mais inclusivo, com formação continuada atenta para a aprendizagem de Orientação e Mobilidade.

Outro anseio da pesquisa foi alimentar essa discussão em espaços educacionais, sendo relevante levá-la para eventos científicos (locais, nacionais, regionais e internacionais) e a produção de artigos em revistas, revelando as nossas inquietações e a necessidade de pensarmos a relação com pessoas cegas, em diversos cursos da UERN.

É preciso refletir acerca das diversas questões pautadas na inclusão de cegos no ensino superior, possibilitando um repensar na formação, na prática dos educadores e, ainda, de outros cegos que venham a ingressar na universidade, a qual deve preocupar-se, cada vez mais, com atendimento e ensino de qualidade.

Como contribuição social, desejamos atingir discussões fora dos muros da academia. Pretendemos levar esse debate aos quatro cantos da sociedade até chegar ao Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV), local da pesquisa. Proporcionar estímulo, motivação para o ingresso não de apenas mais cegos na academia, mas as diversas situações de deficiência, distúrbios, transtornos, por fim, a diversidade dentro da universidade. Que nasçam dessas experiências estratégias de ensinar, sonhos concretizados e aprendizagens coletivas.

Entendemos que não termina aqui a pesquisa, apenas o momento é de conclusão, com conotação de inconcluso, pois o desejo é continuar aprofundando, mais e mais. A pesquisa realizada mostra como uma porta aberta para novas reflexões e novos caminhos a serem desbravados na perspectiva de inquietações futuras sobre os processos de formação que acontecem em espaços para além da academia, e de como estes espaços podem continuar contribuindo para a formação de sujeitos como interventores das questões de relevância sociais que afetam diretamente a vida de homens e mulheres, na compreensão de que a educação tem o dever de exercer o seu papel político de intervenção social.

Que o escrito na composição das letras não se torne estática, mas viva nas nossas vozes e nas nossas práticas – a nossa luta diária por um mundo melhor e uma sociedade mais consciente do humano. Sejamos cada um, e cada uma, retalhos que se permitam rasgar-se e remendar-se

num dinamismo constante, nos fazendo com cores, texturas e fios que irão compondo esta colcha imensa chamada vida.

A pesquisa nos permite ir a frente, continuar a mobilizar o que não se movia, permite reflexão e ação. Com ela, os sujeitos, em sua complexidade, dialogam, trocam saberes, não encontram verdades, mas veem possibilidades. É o que acreditamos. As narrativas foram feitas por sujeitos incompletos, em formação contínua, os quais com esperanças na vida, nas novas experiências, vivências e outras maneiras de pensar, de aprender, de ser melhor não somente para si, mas para compor outras vidas, a sociedade. Portanto, fecho no inconcluso, e não de forma definitiva, e deixamos ao leitor este escrito e o sentimento de continuidade.



Foto 23. João Zacarias de Sousa Neto e Francinildo Rocha
Fonte: Arquivo do Autor, (16/05/2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGENTA Adriana; SÁ Elizabeth Dias de. **Atendimento Educacional de alunos cegos e com baixa visão**. In: **Inclusão**: Revista da Educação Especial. V.5, n. 1(jan/jul) – Brasília: Secretária de Educação Especial, 2010, p. 32-39.

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Tradução de Ernesto Sampaio, Lisboa: Imanedições, 1998.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura histórica da cultura/Walter Benjamin; tradução Sérgio Paulo Touanet, prefácio Jeanne Marie Gabnebin. – 7.Ed –São Paulo: Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas v. 1)

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUENO, Belmira Oliveira et al. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente** (Brasil, 1985-2003). Educação e Pesquisa. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL, Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília/Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base de 1971 - Lei 5692/71 | Lei no 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Brasília.

BRASIL. **Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Brasília.

BRASIL. Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 19 de dezembro de 2000; 179º da Independência e 112º da República.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Brasília
<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1025011/lei-12319-10>. Acesso em: 15 de janeiro de

2013. BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990- Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro, 1996]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5 ed. Brasília.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O Professor de Educação física e a Construção do Saber.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is".** Porto Alegre: Mediação, 3 ed. 2004.

----- Constituição Federal, **Art. 5º.** 1988

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano:** artes de fazer. 3 ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais - Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade, na cidade de Salamanca, Espanha, 10 de Junho de 1994.

Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, Jomtien, 1990.

FELIPPE, João Álvaro de Moraes; FELIPPE, Vera Lúcia Rhein. In: MEC, **Orientação e Mobilidade.** São Paulo: Laramara – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 1997, p.179

FELIPPE, João Álvaro de Moraes. **Caminhando juntos:** Manual das Habilidades básicas de Orientação e Mobilidade. São Paulo, Laramara - Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 2001, 53p.

FELIPPE, João Álvaro de Moraes. FELIPPE, Vera Lúcia Rhein. **Orientação e Mobilidade.** São Paulo, Laramara - Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 1997, 179 p

FERRAROTTI, F. (1988). **Sobre a Autonomia do Método Biográfico.** In Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.), **O Método (auto) biográfico e a Formação.** Lisboa: Ministério da Saúde - Departamento de Recursos Humanos.

FINGER, (1988). **As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico**. In Nóvoa, A. & Finger, M. (Org.), **O Método (auto) biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde - Departamento de Recursos Humanos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 37. ed., 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. Ed.rev. e atual. -Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Araújo Freire organizadora. – São Paulo: editora UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GALLAHUE, David L., OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Tradução: Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo. São Paulo: Phorte Editora, 2003, 641p.

GOFFMAN. Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOFFMANN, Sonia B. **Orientação e Mobilidade: um processo de alteração positiva no desenvolvimento integral da criança cega congênita - estudo intercultural entre Brasil e Portugal**. Porto Alegre, 1998. xiv, 182f. il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Mestrado em Ciências do Movimento Humano, 1998.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**/ Francisco Imbernón. – 6.ed. – São Paulo, cortez, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MACIEL, Sylas F. **O ensino da técnica de locomoção para os cegos**, in lente, n. 19 vol. VI Fundação para o livro do cego no Brasil, São Paulo, 1982.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MOMBERGER, Christine Delory. **Biografia, Corpo, Espaço**. In: In: Tendências da pesquisa (auto) biográfica/Maria da Conceição Passeggi (Org.)- Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativa autobiográfica: uma prática reflexiva na formação docente**. Trabalho publicado nos Anais do II Colóquio Nacional da AFIRSE – UNB – set/2003.

PINEAU, G. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação formação existencial**. Educação e Pesquisa, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago. 2006.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida como artes formadoras da existência**.

In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) *Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 42-59.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, Dora Rocha, 1992.

Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual vol. 1 fascículos I – II – III / Marilda Moraes Garcia Bruno, Maria Glória Batista da Mota, colaboração: Instituto Benjamin Constant. _____ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001 196 p. (Série Atualidades Pedagógicas; 6) 1. Deficiência Visual. I.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da Razão Indolente contra o Desperdício da Experiência**. Cortez, 6 ed., 2007.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____, ROMEO Kazumi Entrevista ao site “em foco” ano 1986

<<http://www.deficientente.com.br> <http://www.deficienteciente.com.br/2010/03/romeo-sassaki-os-anos-pos-2010-serao.html?doing_wcron=1346169047.5717198848724365234375
Acessado em 27 de agosto de 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, 372 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 8a edição Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 7 ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ANEXOS



Mapa 1. República Federativa do Brasil
 Fonte: Pesquisa internet, (25/05/2015)



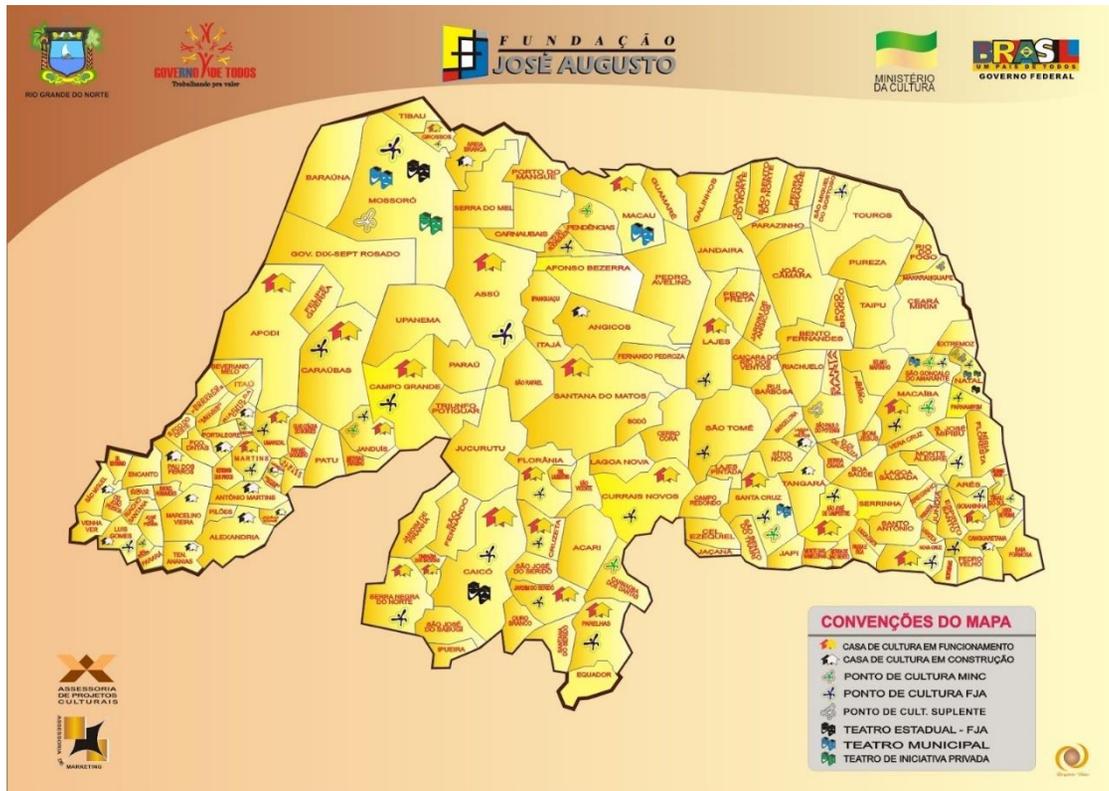
Mapa 2. Estados do Nordeste - Brasil
 Fonte: Pesquisa internet, (25/05/2015).



Mapa 3. Cidade de Mossoró -RN - Brasil
 Fonte: Pesquisa internet, (25/05/2015).



Mapa 4. Cidade de Caraúbas -RN - Brasil
 Fonte: Pesquisa internet, (25/05/2015).



Mapa 5. Estado do Rio Grande do Norte - Brasil
 Fonte: Pesquisa internet, (25/05/2015).

ENTREVISTA NA ÍNTEGRA REALIZADA COM FRANCINILDO ROCHA EM 16 DE FEVEREIRO DE 20016, NA CIDADE DE CARAÚBAS – RN.

Tenho dificuldade em narrar acontecimentos de minha vida, haja vista que muitos deles encontram-se adormecidos em minha memória, mas quero deixar registrado um pouco da minha história de vida. Irei na rememoração do passado contar minhas experiências de vida desde minha infância até hoje quando me sinto ainda jovem. Mostrarei um pouco de mim como estudante, pois relembrar a infância me faz voltar ao tempo e posso assim perceber como vivi, ao lado da minha família. Foram momentos bons de muita alegria e felicidade. Apesar das dificuldades, limitações e da pouca condição financeira, guardei os ensinamentos dos meus pais que foram muito importantes para a minha formação, pessoal e social.

Bem João, a minha família ela não é diferente das outras famílias que tem filhos com deficiência. Para começar tenho a dizer que é uma família maravilhosa. Eles não fazem muitas restrições para comigo. Há algumas preocupações e compreensíveis até. Com certeza, todos, sofreram muito ao saber que eu era cego; minha mãe e meu pai certamente ficaram tristes e inseguros de como me criar. É compreensível a tristeza, a insegurança, mas também sei que veio a alegria de poder conviver comigo de maneira diferente. Quero dizer que graças a Deus eu nasci e cresci junto a pessoas que me aceitaram, me acolheram e que sempre me deixaram, livre, para viver a minha vida. Eu, desde pequeno, já fazia as coisas sozinho e minha mãe nunca criou dificuldades. Por exemplo trocar de roupa, de fazer coisas básicas... minha mãe sempre me tratou bem me deixando a vontade, claro, com aquele cuidado, o que a minha família tem ainda hoje. É verdade que diminuiu mais, mas existe. É aquela preocupação e medo da gente não está bem. Todos da minha família me tratam e sempre me trataram bem. Os meus irmãos me compreendem e estamos em harmonia no dia a dia. Desde a infância não tive problema, com nenhum deles. Meus pais embora não compreendessem o sentido de inclusão, lidar com pessoa com deficiência visual, ainda assim souberam me educar e não tivemos qualquer problema nesse sentido. A minha família realmente contribuiu muito assim positivamente nunca me proibir 'Ah você não vai fazer isso por que você é cego!' Nunca, nunca foi aquela família de proibir 'Ah você não vai fazer isso por que você é cego! Por que claro, se tivesse feito isso desde o começo, proibido, eu ia crescer com a mentalidade que não podia fazer isso porque era cego, mas isso não é verdade a minha família sempre me apoiou nessa parte.

Eu lembro muitas coisas né , do sitio pedra 1, onde eu nasci e cresci, em Caraúbas, aonde mas eu morava lá né, e cresci morei lá até meus 16 anos, lembro na minha infância da minha família, da minha vida no sitio né, que tinha era uma vida muito, bem em casa mesmo, só pelo sitio mesmo com minha família não tinha muito, não saia muito, mais em casa, ouvindo rádio, ouvindo música, é deitado numa rede era mais assim minha vida um pouco parada, lembro da minha infância, brincava com meus irmãos, com as pessoas mais próxima e minha vida era mais ou menos essa mesmo. Eu já cresci é eu não lembro mesmo tempo exato, eu cresci já com minha deficiência, por que eu, minha mãe descobriu eu tinha deficiência visual aos 5 meses de vida, eu então fiz duas cirurgias até um ano de idade e mais não teve jeito, e pronto eu cresci já fazendo minhas coisas como pessoa com deficiência e fui entendendo isso e botando na cabeça, mas assim o tempo exato eu lembro mesmo. O que eu não queria mesmo era ser como algumas pessoas, que pela deficiência, ficavam presas, em casa, atrás de grades sem poder apreciar o mundo lá fora. Eu tinha conhecimento e me dava medo passar por essas coisas. A minha família sempre falava, dessa gente. Então eu imaginava que não era certo alguém viver somente, dentro de casa.

Eu lembro que foi no ano 2000 e alguma coisa, eu não lembro o ano exato. Em 2001 minhas irmãs estudavam lá no sítio e chegou uma professora nova, e minha mãe falou para ela que tinha um filho que era cego. Então ela me convidou para participar no final de ano, de uma atividade, na escola. Essa escola funcionava até num quartinho, eu acho que tinha uns quinze alunos só e fui convidado para participar, junto com eles. O nome da escola era Antônio Vicente de Melo, ficava lá no sítio Pedra 1. Aí eu fui conheci a professora e daí então ela me incentivou a estudar. Interessou-se por mim chegando a entrar em contato com a Secretaria de Educação em Natal, sobre o meu caso. Nesse momento eu ainda estava resistindo a ideia de estudar. Não queria estudar, eu não tinha clareza de como seria a minha participação, mas fui convencido e acabei por aceitar, no ano seguinte. A minha participação era como ouvinte, e fiquei até pegar o gosto pelos estudos. Antes foi muito difícil porque eu não queria mesmo. Lembro que na época veio Claudina, lá de Natal junto com o pessoal da secretaria do estado, eles me incentivaram muito, trouxeram até uma bengala, longa, para o meu aprendizado, mas eu fazia resistência e não queria de jeito nenhum, andar de bengala, pior ainda. Foi um momento que graças a Deus passou. Lá foi a minha primeira escola”. A gente começou num quartinho, né, a professora era Milkia Lopes, minha primeira professora e daí agente, a nossa escola foi construída e a gente foi para a escola é uma escola de verdade assim e lá na escola era assim duas salas de aula e lembro das brincadeiras, dos meus colegas, eu lembro quando a gente brincava...todos corriam, pulavam

faziam coisas que eu não podia. Mas tinha as brincadeiras de responder, sentados em círculos, a brincadeira de passar anel e assim eu me via no meio deles e estava, sim, muito feliz. Ai eu estudei um ano com a professora Milkia, depois eu tive a professora Carmem no segundo ano, depois tive a professora Ana no terceiro ano, e aí vim para cá, Caraúbas vim para a escola municipal Josué de Oliveira tive a professora Lourdinha como a minha professora, eu lembro assim porque eu estudava, na verdade, na época devido as dificuldades do município, do conhecimento, não ter o conhecimento das professoras totalmente, eu era mais ouvinte da escola, não participava de todas as atividades. Elas procuravam me incluir nas brincadeiras, nos passeios, mas não era uma coisa assim de ser aquele aluno que está estudando para valer, com vontade. Então eu senti um pouco de falta disso, assim, mas era só uma brincadeira, eu lembro de tudo, os espaços eu andava sozinho não batia em nada já sabia como era tudo. Um tempo bem interessante assim.

Sei que a minha mãe ela sempre lutou muito, por meus estudos. Me ver na escola e junto com todos os alunos, foi o que ela sempre quis. Com muito sacrifício nos mudamos para Mossoró, em 2004, quando estudei e concluí em o ensino fundamental em 2007, fazendo EJA na Escola Estadual Everton Dantas Cortez, e posteriormente, concluindo o segundo grau em 2010 na Escola Estadual Maria Estela Pinheiro. Viemos justamente para que eu pudesse continuar os estudos. Era preciso continuar. Não podíamos mais pensar em parar ou desistir. Chegava o ensino médio e essa etapa eu tinha que estudar com de outra forma bem diferente. Agora eu caminhava rumo a uma faculdade e precisava de mais autonomia. A escola onde fui matriculado, só tinha eu com deficiência visual, cego, e estava numa turma de quarenta alunos. Eu precisei de todo apoio e suporte para conseguir concluí-lo. Assim aconteceu com tranquilidade e com muita calma.

Ah! O que eu considero difícil? Pensa um pouco... o mais difícil mesmo é a gente em alguns momentos, assim, de não poder, é, ir para todos os lugares, na hora, sozinho. Há uma sensação de inutilidade e chegamos a ficar tristes porque na verdade precisamos de auxílio de outro para realizar a tarefa. É o mais difícil que eu acho é por isso, assim, mas no meu dia a dia essa questão de ser cego eu não vejo assim, ah aquela dificuldade: eu não, eu não enxergo ah é muito difícil fazer isso, não eu sempre luto e consigo fazer assim, sozinho mesmo que seja de uma maneira adaptada, mas eu consigo fazer; então assim eu não vejo, ah o que é mais difícil eu não sei dizer assim o que é mais difícil é ser cego.

Ah os meus medos... um exemplo era de estudar. Eu não queria, eu tinha medo das pessoas não aceitar a maneira que eu era, tinha medo de sair sozinho eu tinha, se não fosse com minha mãe, meu pai ou alguém da minha família, eu tinha medo de me perder, tinha muitos medos assim na minha infância assim de adolescente era minha casa justamente por isso porque eu tinha medo de não saber como andar nas casas, por aí nas outras casas no mundo que eu não conhecesse no ambiente que não conhecesse sozinho. No mais eu sou tranquilo

Eu nunca tive revolta, frustração não. Nenhuma, eu posso dizer isso com toda segurança, nunca me revoltei, nem quando eu morava no sítio, quando não estudava, quando não tinha contato com ninguém, nunca, nunca me revoltei por que não enxergava. A gente, eu sempre tive minha consciência, hoje ainda mais, de que a gente não enxerga com os olhos, mas os outros sentidos do nosso corpo fazem com que a gente enxergue de outra maneira. Eu acho que enxergar de outra maneira, sem os olhos, eu acho que tem até mais vantagem.

Eu já pensava em andar sozinho e tinha vontade de resolver as minhas coisas, sozinho. Como falei, antes, em casa eu tinha liberdade para me deslocar e procurar os meus caminhos. Porém, era diferente partir para o externo da minha residência. Ali eu precisava de mais orientações e o desafio era muito maior. Era o caso de ir para a escola, para o Centro de Apoio, voltar para casa e sair ao centro da cidade de forma bem independente. Mas sempre havia um receio, mesmo porque meus Pais ainda exprimiam a preocupação, quanto a minha integridade física. Pois bem, acontece que uma tarde, lembro o tempo em que eu ia para o CADV de moto taxi, tive de esperar até 7 horas da noite, para o mesmo vir me buscar. Tínhamos marcado para as 4 horas. Foi um tempão de angustia e a verdade é que fiquei muito irritado e chateado, talvez comigo mesmo, e com isso pensei bastante, comigo mesmo e logo no outro dia, eu cheguei para o professor e disse eu quero andar sozinho. Quero praticar aula de Orientação e Mobilidade pois de agora em diante não espero mais por ninguém vir me buscar. Essa decisão partiu de mim quando me veio todos aqueles pensamentos de antes: ir de um lugar para outro com independência, resolver minha vida sem que eu pudesse precisar da ajuda permanente de outra pessoa. E assim aconteceu. O professor me incentivou, mais ainda, os meus Pais não se opuseram a ideia, e eu comecei a fazer aulas de Orientação e Mobilidade.

A minha vida com a pratica das aulas, pouco a pouco foi mudando o meu modo de ser, pensar e agir. Eu sentia bem dentro de mim, algo mais que se deslocar; era como se eu tivesse ganhado mais inteligência na organização das coisas. A verdade é que a minha autoestima estava sendo

trabalhada, e a vontade de fazer as coisas crescia a todo instante. Eu começo por dizer que não preciso esperar, por alguém para resolver determinadas coisas, como ir para casa, ir para escola, o centro da cidade, tomar um transporte coletivo etc. Isso para mim é tudo que eu pensei fazer um dia. Não vejo para a pessoa cega, outro meio de conseguir a independência de locomoção a não ser buscando essa independência com a prática das aulas. Sabe por que? Porque quando você é orientado, se sente mais seguro, mais capaz e não tem medo de praticar algumas coisas, tipo ir, sozinho, na esquina e voltar. A gente consegue tranquilamente e sem o medo de antes. Eu consegui. E mais, não só no andar, sozinho com a bengala, mas saber fazer a leitura do mundo. Você é orientado para saber como atravessar uma rua, como pedir ajuda a outra pessoa, como utilizar transporte coletivo, como se comportar em ambientes, abertos e fechado. Eu entendo que esse ganho é a autonomia se desenvolvendo. Para conduzir uma bengala você aprende as técnicas, sabe como chegar em determinado lugar, vai ser mais fácil para você chegar e pedir ajuda a outra pessoa, a confiança. A ajuda na nossa vida familiar porque a gente vai ter outro pensamento. Posso dizer que a Orientação e Mobilidade na minha vida mudou meu pensamento para tudo, desde 2004, 2005 quando cheguei no CADV e que comecei a ter esse trabalho com a professora Eliane, depois com o professor João Neto e com todos os professores do CADV, hoje eu sei o quanto significa para mim.

Aqui onde moro, atualmente, eu ainda tenho muito cuidado nesse sentido de andar com a bengala propriamente, porque aqui é uma cidade que o trânsito é muito complicado, muitas motos e as pessoas não tem educação de respeitar a pessoa cega na rua. Eu procuro lembrar as orientações que tive e isso me ajuda bastante. Posso até dizer que em tudo: na minha relação com o trabalho, a de saber me orientar onde estou, de andar na rua e saber os pontos da cidade, e isso me deixa tranquilo. Foi pelas orientações que hoje tenho essa concepção e assim eu vivo no dia a dia também. Repito não ser só a bengala o que me proporcionou a minha independência, eu me vejo preparado como um todo, dentro do conjunto de ensinamentos. É o caso de aqui em Caraúbas eu viver bem tranquilo e sem angústia nenhuma, de andar, me deslocar e me relacionar com todos. Como falei, com muito cuidado pois tenho ciência da minha limitação e sei o quanto é perigoso se arriscar ao meio do trânsito por exemplo.

[...] olha, eu falo sempre que esta modalidade proporciona muitas oportunidades para quem tem deficiência visual. Quem pratica as aulas vive novos momentos, e cresce todo dia em algum aspecto da vida. Algumas atividades esportivas, por exemplo, nos colocam no alto da estima, e traz saúde ao corpo. Aliás são poucos os cegos que praticam caminhadas, e outra atividade física.

Com certeza cada um tem seus problemas, suas razões. No meu caso vivi com o professor, treinamento para a corrida de pedestrianismo, de Santa Luzia; uma competição esportiva, aberta para todas as regiões do Brasil. Para a minha participação precisamos treinar bastante. O que aconteceu, por várias vezes, no ginásio “carecão”, do Colégio Diocesano de Santa Luzia. Foram treinos, bem puxados, para aprimorar a forma física e coordenação motora. Assim também treinamos no estádio de futebol, Leonardo Nogueira chamado de “nogueirão”. Posso citar, ainda, a minha presença no desfile, cívico-militar de sete de setembro, na cidade de Mossoró, não lembro o ano, mas desfilamos, nas ruas, juntos com os alunos de várias escolas. E vieram outros eventos como “mostra cultural”, teatro, música etc. Essas ocasiões só fizeram o bem quanto a minha inclusão na sociedade. Afirmando que foram vivências muito ricas e importantes.

Olha João! Antes eu era um Francinildo que não tinha perspectiva, sequer de sair de dentro de casa. Embora eu tivesse liberdade interna e apoio para me lançar lá fora, o meu pensamento era só ficar dentro de casa, ouvindo rádio, balançando numa rede, fazer nada. O meu pensamento era esse, eu achava que o cego não estudava, o cego não andava sozinho, o cego não namorava. Um monte de coisas. Tudo o que me aconteceu só fizeram caminho para o hoje sou: totalmente diferente, hoje eu vejo o mundo de outra maneira e sinto que sou uma pessoa mais feliz. Faço o que eu gosto e tenho autonomia de decidir isto. Conquisto novas amizades e tenho perspectivas de vida, bastante diversificada. Quero cursar a faculdade de Comunicação Social, só assim tenho melhor qualificação para o que faço, atualmente, que é trabalhar no rádio. Quero seguir a minha vida normal. Tenho perspectiva de casar ter a minha família. Coisas que antigamente eu não imaginava. Eu acredito que esse exercício de rebuscar a minha memória, aquilo que eu fiz, quem eu era e como me vejo hoje, só aponta os novos pensamentos, os quais faço minha vida feliz. Tudo que me aconteceu agora posso dizer que fez sentido nas minhas descobertas. É o que penso.

Eu acho que não há inclusão da pessoa com deficiência em todos os segmentos, da sociedade. Ainda não. No mercado de trabalho é muito visível. Mas há pontos que podemos afirmar haver inclusão. Agora cada um tem de fazer a sua parte e eu busquei superar minhas dificuldades, na iniciativa de ir ao encontro do outro. Porque primeiro eu me aceitar, a pessoa com deficiência tem que se aceitar primeiro para depois ir a sociedade e as pessoas em geral nos aceitar. Não devemos dar ouvido a sociedade quando nos chama de ceguinhos ou inválidos. Veja o meu caso, eu trabalho aqui na rádio, eu sou radialista, trabalho aqui na rádio liderança FM 87,9 é uma rádio comunitária de nossa cidade, faço um programa de esportes de 12 e 30 horas a 13 horas e aos sábados e domingos eu apresento um programa de brega aqui na rádio. Geralmente eu vou de

moto. Volto de carro. Vou a pé, já tive de voltar a pé com os meus companheiros e o trajeto é esse. Lá na rádio eu conheço tudo, faço minhas coisas sozinho, meus trabalhos de pesquisa também a gente faz um trabalho é bem autonomia no trabalho.

Assim, João! Hoje eu tenho certeza que a minha vida mudou. E mudou para melhor, no sentido de me achar mais independente e saber que posso viver uma vida normalmente, como as demais pessoas. Como falei antes a minha deficiência nunca me deixou incapaz de querer vencer na vida. Por isso mesmo, tomei a iniciativa de estudar, ir pra Mossoró procurar meios de estudar para trabalhar então assim eu fui superando a cada dia as minhas dificuldades. Hoje se eu disser para você que não tenho dificuldades, tenho sim, é claro temos todos nós, temos dificuldades, mas se supera tranquilamente devido a nossa consciência, devido nosso tempo de vida com as outras pessoas, e isso ajuda nossa vida em todos os sentidos. Por enquanto eu fico em Caraúbas. 2016 é ano de política e as coisas pode mudar. Mas eu tenho plano de cursar a minha faculdade de Comunicação Social, porém somente quando estiver morando em definitivo em Mossoró. Por enquanto a rádio tem me dado suporte, aprendizado muito bom. Mas penso em Comunicação Social até porque precisamos cada vez mais aprofundar os conhecimentos, aperfeiçoa-los e a faculdade é importante na vida do radialista.

ENTREVISTA NA ÍNTEGRA REALIZADA COM ANGELINA JÚLIA CONCEIÇÃO DA ROCHA EM 17 DE FEVEREIRO DE 2016, NA CIDADE DE CARAÚBAS – RN.

O meu nome é Angelina Julia da Conceição Rocha, nasci em dezoito de maio de 1970. Tive cinco filhos, todos vivos ainda hoje, e tenho três netinhos.

Dos cinco, um apresenta deficiência visual que é o Francinildo, desde o seu nascimento. Quando ele nasceu eu tinha 17 anos, muito nova e o pai dele só tinha 19 anos, sem experiência não percebíamos nada de errado com o meu filho. Apenas achava estranho quando eu botava ele no sol e rapidamente, fechava os olhos. Daí um dia o meu pai, mais experiente, disse: esse menino tem problema eu não sei o que é, mas ele tem problema. Tudo bem! Continuamos a conviver com ele e o mesmo ao completar cinco meses, sempre chorando muito, levamos ao médico. Na oportunidade o médico falou que o problema dele, tinha jeito, mas só em Mossoró ou Natal. Decidimos leva-lo para Natal, pois tenho pessoas lá. Meu filho foi submetido a cirurgia, mas no hospital, o médico disse que não tinha jeito porque glaucoma com catarata, na certa voltaria tudo outra vez. Aí não deu outra, quando foi com nove meses voltou tudo de novo. Mais uma cirurgia foi quando o médico não deu nenhuma esperança. Aí eu disse, a mim mesma, vou desistir porque

não devemos viver só com a ilusão. Além do mais a locomoção para Natal era de uma dificuldade imensa, não havia local para hospedagem, não é como hoje que existe casa de apoio para abrigo das famílias acompanhantes. Então aí o médico passou colírio e ele usa colírio até hoje.

Quando eu sou que ele iria ficar cego eu fiquei tranquila. Não me revoltei, pelo contrário me conformei porque a conforção Deus nos dar! (Choro compulsivo). Já tinha tentado a cirurgia, aí eu vi que deu em nada. Era a verdade que eu precisava aceitar. O meu filho não poderia enxergar mais, e a vida continuava...a nossa tristeza, minha e a do Pai, aos poucos era transformada em alegria pela beleza de sua vida. Um filho muito carinhoso, amoroso e tinha saúde, o que mantinha um convívio muito bem. Havia o sofrimento de saber da sua cegueira, mas o amor por ele era ainda maior.

Olha eu criei Francinildo, igualmente aos outros. Sabia que ele não enxergava e por isso eu dispensava alguns cuidados. Mas por ele ter problema de visão, ele não apresentava diferença dos outros; foi uma criança que andou com 1 ano e pouco meses. O outro irmão dele que eu tive dois anos após, ele andou do mesmo jeito. Lembro que ele aprendeu a falar bem rápido, com um ano sabia falar tudo. Andava normalmente e não batia nas coisas dentro de casa, andava bem direitinho. Foi um menino que a cada dia eu nem notava o seu problema, só tinha mais cuidado, mas era a mesma coisa dos outros. Ele sempre foi saudável. Posso dizer uma criança normal, por isso eu nunca fiz superproteção, não o mimava por ser cego, eu via meu filho normal e graças a Deus acho que isso ajudou bastante.

Quanto a ele frequentar a escola foi assim, no sítio havia uma casa que funcionava a escola. Os irmãos iam para a escola e eu disse você também vai. No início ele não queria ir dizendo que não gostava. Com o tempo, a dona da casa, também da escola, e que gostava muito dele, o convenceu e ele ao ir para a escola se mostrava muito feliz. Era um caminho que tinha dificuldades pois eles passavam por cerca de arame, obstáculo, para quem era cego, porém os outros o ajudavam a passar. Eu muitas vezes ia deixa-lo assim como os outros o levavam também. Não deu trabalho nesse sentido pois ele gostava de conversar, e tinha a merendeira, comadre Joana, com quem, ele, passava boa parte do tempo na escola. O nome da escola era Antônio José de Melo, ficava no sitio Pedra 1, depois passou para pedra 2. Na época ele tinha uns 10 a 11 anos. Eu ia a escola de vez em quando, saber como ele estava, mas as meninas tinham muito cuidado com ele. Lembro que havia um açude, no caminho, e que no tempo de inverno, ao estar cheio e representar perigo, a filha da mulher vinha deixar ele. Recordo de Milkia a professora de lá. Assim começou a vida escolar. Fomos, com a professora, para a

Secretaria de Educação do Estado, lá em Natal, várias vezes. Ele fez uma entrevista com a psicóloga que era de São Paulo, e estava lá, era a Dra. Cristina que falou para que eu pudesse investir nele, pois era um menino inteligente, ia aprender muito, só lhe faltava a visão, mas o resto ele, era só minha impressão.

Antes ele não conhecia muito das coisas né, depois com o passar do tempo ele foi conhecendo, se adaptando e hoje ele é o que é: mais esclarecido, mais conceituado em tudo que ele fala, é capaz de tudo, o que é para fazer ele faz, coisas que antes nem imaginava fazer. Eu vejo muita mudança no meu filho.

O que ele representa para mim? Ah! Meu filho... (emoção na fala), eu não vejo Francinildo com deficiência, sabe, ele é igual aos outros. Eu sei que ele não enxerga, mas para mim não tem diferença, pois ele é um exemplo de filho. Olha João, eu posso afirmar que Francinildo é um filho que toda mãe queria ter. eu amo muito o meu filho e sei que tudo é amor entre nós.



GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
GABINETE DO SECRETÁRIO

Portaria nº 573/94-SEC/GS

Autoriza a Escola "Louis Braille", em Mossoró/RN, a funcionar como estabelecimento de educação de 1º Grau (1ª a 4ª séries).

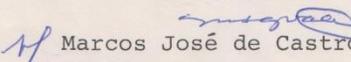
O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 35, XIV, da Lei Complementar nº 094, de 14.05.91, publicada em 15.05.91, e tendo em vista o que consta do Processo nº 17.033/93-SEC, e do Parecer nº 063/94-CEE,

R E S O L V E:

Art. 1º - Autorizar a Escola "Louis Braille", em Mossoró/RN, a funcionar como estabelecimento de educação de 1º Grau (1ª a 4ª séries).

Art. 2º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

NATAL/RN, 22 de novembro de 1994.

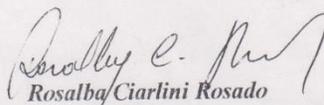

Marcos José de Castro Guerra
SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Ofício Nº 021/99-GP

Mossoró-RN, 1º de março de 1999.

Senhor Secretário,

A **Escola Municipal Louis Braille**, especializada no atendimento ao aluno portador de deficiência visual, dada a especificidade da clientela, necessita de profissional qualificado. Como a Secretaria Municipal de Educação não tem, no seu quadro funcional, profissionais com o perfil e a qualificação exigida, e considerando o regime de cooperação que pauta as relações Estado / Município, vimos solicitar a Vossa Senhoria renovação do convênio, a fim de podermos continuar contando com os serviços dos servidores relacionados em anexo.


Rosalba Ciarlini Rosado
Prefeita



**PREFEITURA
MUNICIPAL DE
MOSSORÓ**

Ao Ilustríssimo Senhor
Luiz Eduardo Carneiro Costa
M.D. Secretário de Educação, Cultura e desporto do RN
Natal / RN



PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ

GABINETE DA PREFEITA

DECRETO Nº 2103/2002

Desativa Escola Municipal e dá outras providências.

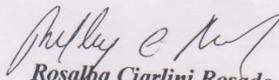
A PREFEITA MUNICIPAL DE MOSSORÓ, usando das atribuições que lhe confere o artigo 78, inciso IX da Lei Orgânica do Município; e

DECRETA:

Art. 1º – Para fins de criação do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV fica desativada a Escola Municipal Luis Braille.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DA RESISTÊNCIA, em Mossoró/RN, 28 de junho de 2002.


Rosalba Ciarlini Rosado
Prefeita



PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ

GABINETE DA PREFEITA

DECRETO Nº 2104/2002

*Cria o Centro de Apoio ao Deficiente Visual
e dá outras providências.*

A PREFEITA MUNICIPAL DE MOSSORÓ, usando das atribuições que lhe conferem o artigo 78, inciso IX da Lei Orgânica do Município; e

DECRETA:

Art. 1º – Fica criado o Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV, instituição de ensino em caráter especial, vinculado a Gerência Executiva da Educação e do Desporto.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DA RESISTÊNCIA, em Mossoró/RN, 28 de junho de 2002.


Rosalba Ciarlini Rosado
Prefeita

Conselho Municipal de Educação

Senhora Presidente Niná Rebouças

Tendo em vista, a criação do Centro de Apoio ao Deficiente Visual CADV e por conseguinte a desativação da Escola Municipal Louis Braille, através dos decretos 2104/2002.(criação) e 2103/2002.(desativação), viemos solicitar a esse respeitável Conselho de Educação, o CREDENCIAMENTO, AUTORIZAÇÃO PARA FUNCIONAMENTO E RECONHECIMENTO DO CADV, como Instituição Especializada no Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual integrada a rede Municipal de Ensino. Nesse sentido, é oportuno e conveniente à dispensa de qualquer burocracia protocolo ou processo formal, visto que não se trata de Escola regular ou Especializada, mas de um Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual. Outro sim, não há previsão legal no âmbito do Sistema Municipal de Ensino, dispondo sobre o Ensino Especial conforme a resolução N° 001/00.

Ademais é importante ressaltar que o CADV está em funcionamento em nossa cidade desde Dezembro de 1987, evidentemente com outra denominação e característica. Toda via, a partir do ano de 2000, começou a funcionar como Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual, deixando de atuar como Escola Especializada. Logo, é importante que o respectivo conselho analise os documentos colocados em anexo, a fim de que obtenha o melhor conhecimento técnico a respeito de nossa instituição.

Atenciosamente,



Marlos Luiz Bezerra Fernandes



Prefeitura Municipal de Mossoró
SECRETARIA MUNICIPAL DA CIDADANIA
GERÊNCIA EXECUTIVA DA EDUCAÇÃO
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – CME
Centro Administrativo Prefeito Alcides Belo – Sala 01 – Fone: 84 3315-4957
Rua Pedro Alves Cabral, 01 - Aeroporto – 59600-00

RESOLUÇÃO Nº 04/2010 - CME

Autoriza o funcionamento do Centro de Apoio ao Deficiente Visual - CADV.

A Presidente do Conselho Municipal de Educação no uso de suas atribuições legais e regimentais do referido Conselho,

CONSIDERANDO a relevância do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV para o município de Mossoró,

CONSIDERANDO o Parecer da Câmara de Legislação e Normas desse Egrégio Conselho,

RESOLVE:

Art. 1º - Autorizar o funcionamento do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV no âmbito do município de Mossoró, visando proporcionar oportunidades educacionais ao deficiente visual.

Art. 2º - Este ato entra em vigor nesta data, revogadas as disposições contrárias.

PUBLIQUE-SE

REGISTRE-SE.

CUMPRA-SE.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

LINHA DE PESQUISA FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

Termo de consentimento para publicação.

Este termo refere-se ao projeto de dissertação intitulado TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de apoio ao deficiente Visual – CADV de Mossoró - RN, desenvolvido no Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação/UERN, de autoria de João Zacarias de Sousa Neto sob a orientação da Professora Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a independência de locomoção e autonomia, de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró RN, a partir do trabalho de orientação e mobilidade.

Os resultados desta dissertação serão divulgados na íntegra ou em partes, através de publicação impressa ou *online*, com fins acadêmicos e culturais. Nesse sentido, são utilizados fragmentos da entrevista transcrita.

Entrevista realizada com Angelina Júlia da Conceição Rocha, no dia 16 de fevereiro de 2016.

Eu, Angelina Júlia da Conceição Rocha abaixo assinado, entrevistada para a dissertação “TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró, autorizo a publicação do texto citado, e concordo que meu nome e fotos sejam publicados”.

Angelina Júlia da Conceição Rocha
Nome da entrevistada Data 16/02/2016



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

LINHA DE PESQUISA FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

Termo de consentimento para publicação.

Este termo refere-se ao projeto de dissertação intitulado TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de apoio ao deficiente Visual – CADV de Mossoró - RN, desenvolvido no Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação/UERN, de autoria de João Zacarias de Sousa Neto sob a orientação da Professora Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a independência de locomoção e autonomia, de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró RN, a partir do trabalho de orientação e mobilidade.

Os resultados desta dissertação serão divulgados na íntegra ou em partes, através de publicação impressa ou *online*, com fins acadêmicos e culturais. Nesse sentido, são utilizados fragmentos da entrevista transcrita.

Entrevista realizada com Francinildo Rocha, no dia 16 de fevereiro de 2016.

“Eu, Francinildo Rocha abaixo assinado, entrevistado para a dissertação “TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró, autorizo a publicação do texto citado, e concordo que meu nome e fotos sejam publicados.

Francinildo Rocha

Nome do entrevistado

Data 16/02/2016



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

LINHA DE PESQUISA FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

Termo de consentimento para publicação.

Este termo refere-se ao projeto de dissertação intitulado TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de apoio ao deficiente Visual – CADV de Mossoró - RN, desenvolvido no Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação/UERN, de autoria de João Zacarias de Sousa Neto sob a orientação da Professora Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a independência de locomoção e autonomia, de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró RN, a partir do trabalho de orientação e mobilidade.

Os resultados desta dissertação serão divulgados na íntegra ou em partes, através de publicação impressa ou *online*, com fins acadêmicos e culturais. Nesse sentido, são utilizados fragmentos da entrevista transcrita.

“Eu”, Claudineide Freitas Leite, abaixo assinado, autorizo publicação da minha foto, em aula de Braille para a dissertação “TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró”.

abaixo assinado, entrevistado para a dissertação “TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró, autorizo a publicação do texto citado, e concordo que meu nome e fotos sejam publicados.

Claudineide Freitas Leite
Nome do entrevistado

Data 16/02/2016



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

LINHA DE PESQUISA FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

Termo de consentimento para publicação.

Este termo refere-se ao projeto de dissertação intitulado TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de apoio ao deficiente Visual – CADV de Mossoró - RN, desenvolvido no Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação/UERN, de autoria de João Zacarias de Sousa Neto sob a orientação da Professora Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a independência de locomoção e autonomia, de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró RN, a partir do trabalho de orientação e mobilidade.

Os resultados desta dissertação serão divulgados na íntegra ou em partes, através de publicação impressa ou *online*, com fins acadêmicos e culturais. Nesse sentido, são utilizados fragmentos da entrevista transcrita.

“Eu”, Maria de Fátima Alves da Costa Silveira, abaixo assinado, autorizo publicação da minha foto, em aula de Braille para a dissertação “TRABALHO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE – independência de locomoção e a autonomia de um aluno cego do Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV de Mossoró”.

Maria de Fátima Alves Costa

Nome

Data 15/05/2016

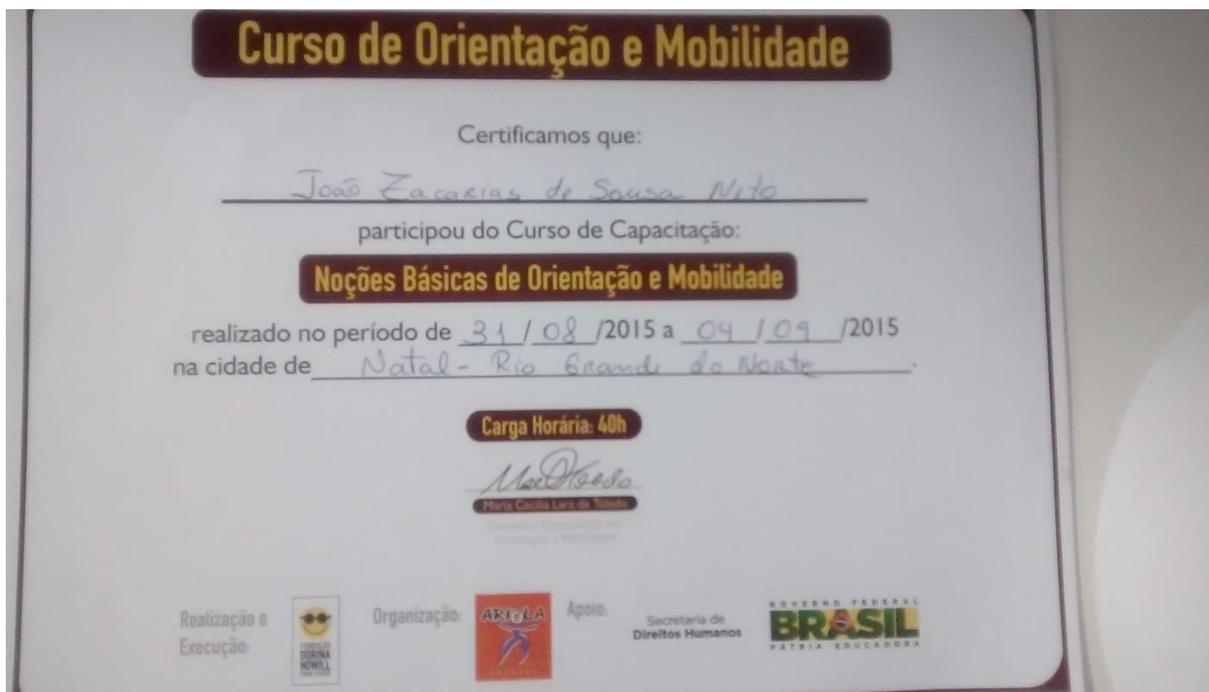


Foto. Aluna Glória Melo e Pedro Henrique sentados no banco da praça em momento de descanso da aula.
Fonte: Arquivo do autor, (14/03/2014).



Foto. Professor do CADV e aluna em aula de Braille com a máquina perkins.
Fonte: Arquivo do CADV, (17/04/2015).



Foto. Professor orientando alunos quanto as técnicas da bengala longa.
Fonte: Arquivo do CADV, (05/05/20013).



Foto. Aluno do curso de Orientação e Mobilidade por ocasião da aula.
Fonte: Arquivo do autor, (19/05/2016).



Foto. Francinildo em aula de orientação e Mobilidade na escada rolante.
Fonte: Arquivo do autor, (03/05/2016).



Foto. Autor em momento de gravação com o intérprete de LIBRAS.
Fonte: Arquivo do autor, (08/10/2013).



Foto. Autor em curso de Orientação e Mobilidade, Natal/RN.
Fonte: Arquivo do autor, (04/09/2015).



Foto. Autor em curso de orientação e Mobilidade Natal-RN.
Fonte: Arquivo do autor, (04/09/2015).

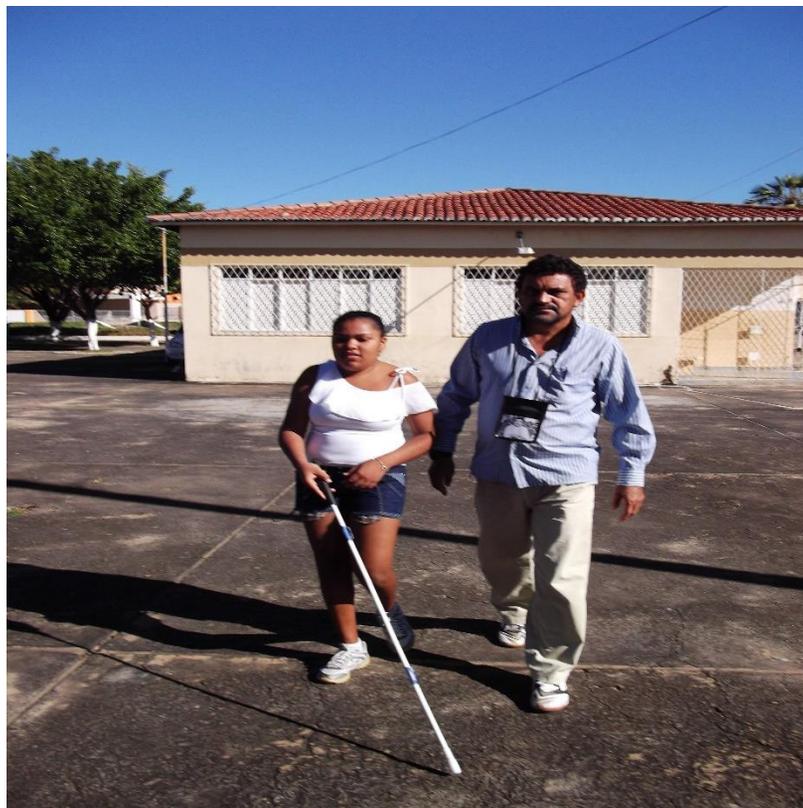


Foto. Autor em curso de Orientação e Mobilidade
Fonte: Arquivo do autor, (04/09/2015).



Foto. Autor em atendimento no CADV.
Fonte: Arquivo do autor, (07/04/2006).



Foto. Autor em aula de campo Icapuí-Ce.
Fonte: Arquivo do autor, (07/07/2013).



Foto. Autor e esposa Verônica Holanda por ocasião da formatura em Comunicação Social.
Fonte: Arquivo do autor, (14/11/2007).



Foto. Autor por ocasião do lançamento do livro “se eu não tenho em quem pensar”.
Fonte: Arquivo do autor, (04/12/1997)